



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
Nº 552 | Ano XXII | 14/7/2022

Zooliteratura

**A virada animal e
vegetal contra o
antropocentrismo**

ENTREVISTAS

**Maria Esther Maciel
Faustino Teixeira
Rita Carelli
Eduardo Jorge de Oliveira
Nádia Battella Gotlib
Evando Nascimento**

Zooliteratura

A virada animal e vegetal contra o antropocentrismo

É pelas estreitas frestas do pensamento moderno que se abrem perspectivas a um pensamento não antropocêntrico, preñado de possibilidades de conceber, compreender e habitar o mundo. Por estas veredas há um profícuo debate sobre o que se tem chamado “virada animal e vegetal” na literatura. Muito embora haja contornos de novidade, sobretudo em tal formulação, no campo da literatura ficcional escritores como Machado de Assis e Graciliano Ramos produziram parte de suas literaturas com este acento não antropocêntrico. Contudo, esta edição debate o tema a partir dos desafios que o Antropoceno traz à vida na contemporaneidade.

Maria Esther Maciel, escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, faz uma genealogia dos estudos de zooliteratura no Brasil.

Faustino Teixeira, professor convidado da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, observa como essa virada animal e vegetal têm contribuído para alargar os entendimentos sobre si e toda a teia de vida que nos circunda.

Rita Carelli, atriz e diretora formada pela Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq, em Paris, reposiciona o debate em torno da condição humana a partir de seu contato com povos indígenas e suas cosmologias.

Eduardo Jorge de Oliveira, professor de Literatura Brasileira, Cultura e Mídia no Seminário de Romanística da Universidade de Zurique, na Suíça, observa como a literatura e as artes têm promovido exercícios constantes para virar o humano

do avesso e descentralizar suas percepções sobre a vida na Terra.

Evando Nascimento é professor, ensaísta e escritor. Também é professor aposentado de Teoria da literatura na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, e diz que “uma visão tacanha da existência nos acostumou a colocar cada reino e cada espécie dentro de escaninhos separados e antagonísticos” e isso precisa ver revisto pela própria sobrevivência humana.

Nádia Battella Gotlib, livre-docente pela Universidade de São Paulo – USP e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da mesma universidade, aborda a literatura de Clarice Lispector e, dentre outras questões, pontua passagens que são próximas à zooliteratura.

A edição é complementada com publicações do Cadernos IHU ideias e Cadernos Teologia Pública em 2022. São eles *A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector*, de João Melo e Silva Junior; *Juventudes e as “novas” expressões da participação na política*, de Flávio Munhoz Sofiati; *O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos*, de Junior Vasconcelos do Amaral; *A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido*, de Eben Kirksey; *Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora*, de Frei Betto, Ivo Lesbaupin, Leonardo Boff, Luiz Alberto Gómez de Souza (in memoriam), Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Frei Carlos Mesters e Julio de Santa Ana, com organização de Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompéia; *O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade*, de Adriano Messias.

A todas e a todos desejamos uma boa leitura!

Sumário

- 4 ■ Tema de capa | Maria Esther Maciel: Breve genealogia dos estudos de zooliteratura no Brasil
- 14 ■ Tema de capa | Faustino Teixeira: Um sopro do mundo animal e vegetal na literatura que desajusta nosso “eu” antropocêntrico
- 33 ■ Tema de capa | Rita Carell: Nós, os humanos, somos outros
- 39 ■ Tema de capa | Eduardo Jorge de Oliveira: Um “olhar zoo” para o descentramento da visão antropocêntrica sobre o mundo
- 55 ■ Tema de capa | Nádia Gotlib: Clarice Lispector: a delicadeza e contundência de uma literatura de liberação
- 66 ■ Tema de capa | Evando Nascimento: Olhares fito e zoo: aberturas para compreendermos a teia da vida na Terra que habitamos
- 94 ■ Publicações | João Melo e Silva Junior: A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector
- Publicações | Flávio Munhoz Sofiati: Juventudes e as “novas” expressões da participação na política
- 95 ■ Publicações | Junior Vasconcelos do Amaral: O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos
- 96 ■ Publicações | Eben Kirksey: A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido
- 97 ■ Publicações | Frei Betto, Ivo Lesbaupin, Leonardo Boff, Luiz Alberto Gómez de Souza, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Frei Carlos Mesters, Julio de Santa Ana, Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompéia: Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora
- 98 ■ Publicações | Adriano Messias: O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade
- 101 ■ Publicações | Adriano Messias: O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade
- 102 ■ Outras edições



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Editor Executivo

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Redação

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo
(wfazevedo@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico e Diagramação

Ricardo Machado
Guilherme Tenher

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Wagner Fernandes de Azevedo, Isabela Bresciani Marina da Silva, Luan da Silva Avila e Stephany Orelis.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Diretor Adjunto: Lucas Luz
Gerente Administrativo: Nestor Pilz

Breve genealogia dos estudos de zooliteratura no Brasil

Maria Esther Maciel, pesquisadora pioneira no tema, apresenta nesta entrevista como o deslocamento do antropocentrismo na literatura nos leva a uma série de novas compreensões sobre a existência humana em perspectiva com os animais

Faustino Teixeira | Edição: Ricardo Machado

Ainda que o tema da zooliteratura remeta a obras, até mesmo do século XIX, com Machado de Assis, e às primeiras décadas do século XX, por exemplo, com Graciliano Ramos, a formulação conceitual do termo é bastante recente. “Ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, esses estudos não circunscritos à visão dos animais como meros símbolos e metáforas foram se disseminando no país. Hoje, felizmente, eles estão em grande evidência nos meios acadêmicos e editoriais, entrelaçados a discussões mais amplas sobre biopolítica e ecologia”, frisa **Maria Esther Maciel**, em entrevista por e-mail à revista **IHU On-Line**.

Maria Esther Maciel lista uma série de pensadores que “nos conduzem à ordem animal sob várias perspectivas, que vão do exercício dos afetos, passando pela crítica ao antropocentrismo e pela consciência ecológica, até o exercício propriamente dito da animalidade, através do qual realizam a travessia para o mundo não humano”, acrescenta. Dentre eles, Jacques Derrida, para quem “o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar”. Disso adviria a diferença, segundo ele, “entre um saber filosófico e um pensamento poético”, explica a entrevistada.



Guimarães Rosa ocupa a posição, segundo a pesquisadora, do “maior animalista da literatura brasileira”. “Ele, desde seus primeiros livros, nunca deixou de dar aos animais não humanos uma especial atenção, sem se render ao amansamento antropomórfico e moralizador que constitui grande parte da zooliteratura ocidental. Animais de todas as espécies estão em seus livros”, descreve.



Maria Esther Maciel é escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com Pós-Doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional “Problematising Global Knowledge -The New Encyclopaedia Project”, do Theory, Culture & Society Centre, da Nottingham Trent University (Inglaterra). Foi Professora Residente do IEAT - Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG. Desenvolveu os projetos “Poéticas do Inventário” e “Bestiários Contemporâneos - animais na literatura”. Seu projeto atual, com bolsa de Produtividade do CNPq, intitula-se “Zooliteratura brasileira: animais, animalidade e os limites do humano”.



IHU On-Line – Maria Esther, você foi pioneira no Brasil nos estudos relacionados à literatura e animalidade. Poderia nos relatar como começou aqui no país o interesse por essa questão?

Maria Esther Maciel – Não faz muito tempo que esse enfoque entrou no campo dos estudos literários brasileiros, em diálogo com outras áreas do conhecimento. Benedito Nunes¹ foi, sem dúvida, um dos precursores, ao proferir, em 2005, a palestra “*O animal e o primitivo: os outros da nossa cultura*”, posteriormente transformada em artigo. Nela, o autor enfoca a questão na filosofia e na literatura, abordando alguns aspectos da obra de Coetzee². Foi ele também o primeiro a lidar, sob um prisma filosófico, com os viventes não humanos no universo de Lispector³, com ênfase nas figuras da barata (de *A paixão segundo G.H.*) e do búfalo – personagem do conto de mesmo nome que integra *Laços de família*. Isso ainda na segunda metade do século XX.

Ao filósofo paraense se soma Silviano Santiago⁴ que, no ensaio “Bestiário”, de 2004, abordou os bichos em suas diversas figurações e metamorfoses na obra da escritora, explorando a condição animal do humano e vice-versa. Animais, nesse caso, bastante comuns, como o cavalo, o búfalo e a baleia, mas que se inscrevem de forma incomum na escrita clariciana.

Outro nome de relevo é Eduardo Viveiros de Castro⁵, que inaugurou uma instigante linha de pensamento no trato do tema da animalidade, sob o prisma das culturas ameríndias. Contos como “Meu tio, o

1 Benedito Nunes: é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de *O Mundo de Clarice Lispector* (São Paulo: Ática, 1966), *Oswald Canibal* (São Paulo: Perspectiva, 1979) e *O Crivo de Papel* (São Paulo: Ática, 1999). (Nota da IHU On-Line)

2 John Maxwell Coetzee: escritor sul-africano Nobel de Literatura em 2003, sendo o quarto escritor africano a receber esta honraria e o segundo no seu país (depois de Nadine Gordimer, em 1991). A sua carreira literária no campo da ficção começou em 1969, mas o seu primeiro livro, *Dusklands*, só foi publicado na África do Sul em 1974. Coetzee recebeu vários prêmios antes do Nobel e foi o primeiro a receber o Booker Prize por duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

3 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, traz a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>. A edição Clarice Lispector. Uma literatura encravada na mística publicada em 5 de abril de 2021, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/547>. (Nota da IHU On-Line)

4 Silviano Santiago: escritor brasileiro, ganhador do Prêmio Jabuti em 1997. (Nota da IHU On-Line)

5 Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista *O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife* à edição 161 da **IHU On-Line**, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Araweté: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem* (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

lauretê”, de Guimarães Rosa⁶, ganharam uma nova leitura à luz dessas contribuições do pensador brasileiro.

Ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, esses estudos não circunscritos à visão dos animais como meros símbolos e metáforas foram se disseminando no país. Hoje, felizmente, eles estão em grande evidência nos meios acadêmicos e editoriais, entrelaçados a discussões mais amplas sobre biopolítica e ecologia.

IHU On-Line – Você destacou uma presença importante do tema tanto na prosa como poesia. Poderia nos exemplificar alguns passos importantes dessa reflexão na literatura brasileira? Que autores você mais destacaria?

Maria Esther Maciel – Na literatura brasileira, podemos falar de três grandes momentos no enfoque da questão do animal a partir de um viés também ético e político. No primeiro está Machado de Assis⁷, que no auge do cientificismo do século XIX – quando os princípios cartesianos já tinham legitimado no Ocidente a cisão entre humanos e não humanos –, dedicou memoráveis contos, crônicas e passagens de romances à condição dos animais num mundo dominado pela ciência e pelo triunfo do racionalismo moderno. No século XX, a partir dos anos 1930, autores como Graciliano Ramos⁸, João Alphonsus⁹,

6 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se Sagarana (1946), Corpo de baile (1956), Grande sertão: veredas (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, Primeiras histórias (1962) e Tutameia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada Grande Sertão: Veredas. Travessias, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

7 Machado de Assis [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada Machado de Assis: um conhecedor da alma humana, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da IHU On-Line)

8 Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como Vidas secas e Memórias do cárcere, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. Vidas secas foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-6-2004, no IHU. Quem conduziu o debate foi a professora Célia Dóris Becker. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14-6-2005, disponível em <https://goo.gl/bHDxB0>. Confira, também, a edição 274, de 22-9-2008, intitulada Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/274>. (Nota da IHU On-Line)

9 João Alphonsus de Guimaraens (1901—1944) foi um advogado, jornalista, contista e poeta modernista brasileiro. Era o terceiro filho do grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens. Foi um dos nomes importantes do Modernismo e contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava e outros que foram seus amigos no Diário de Minas. (Nota da IHU On-Line)

Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade¹⁰, Hilda Hilst¹¹ e Manoel de Barros¹², entre outros, marcam um novo momento, ao lidarem – cada um à sua maneira – com as relações entre homens e animais sob um enfoque empático e libertário, manifestando sua cumplicidade com esses outros viventes e atentos aos aspectos éticos que a eles dizem respeito. Quanto aos escritores do final do século XX e início do século XXI, pode-se dizer que eles já lidam com a questão dos animais sob o peso de uma realidade marcada por catástrofes ambientais, extinção de inúmeras espécies, crescimento acelerado das granjas e fazendas industriais, entre outras práticas nocivas ao mundo natural. Nesse último grupo entrariam autores como Astrid Cabral¹³, Olga Savary¹⁴, Wilson Bueno¹⁵, Leonardo Fróes¹⁶, Nuno Ramos¹⁷, Regina Rheda¹⁸, Sérgio Medeiros¹⁹, Josely Baptista Viana²⁰ e Eucanaã Fer-

10 Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987) foi um poeta, farmacêutico, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Drummond foi um dos principais poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, embora sua obra não se restrinja a formas e temáticas de movimentos específicos. (Nota da IHU On-Line)

11 Hilda de Almeida Prado Hilst, mais conhecida como Hilda Hilst (1930-2004), foi uma poeta, ficcionista, cronista e dramaturga brasileira. É considerada pela crítica especializada como uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX. Seu trabalho aborda temas como misticismo, insanidade, erotismo e libertação sexual feminina. (Nota da IHU On-Line)

12 Manoel Wenceslau Leite de Barros, mais conhecido como Manoel de Barros (1916- 2014), foi um poeta brasileiro do século XX, pertencente, cronologicamente à Geração de 45, mas formalmente ao pós-Modernismo brasileiro, se situando mais próximo das vanguardas europeias do início do século e da Poesia Pau-Brasil e da Antropofagia de Oswald de Andrade. Com 13 anos, ele se mudou para Campo Grande (MS), onde viveu pelo resto da sua vida. Recebeu vários prêmios literários; entre eles, dois Prêmios Jabutis. (Nota da IHU On-Line)

13 Astrid Cabral Félix de Sousa (1936): é uma poetisa, contista, professora e funcionária pública brasileira. (Nota da IHU On-Line)

14 Olga Savary (1933- 2020): foi uma escritora, poeta, contista, romancista, crítica, ensaísta, tradutora e jornalista brasileira. (Nota da IHU On-Line)

15 Wilson Bueno (1949 - 2010): escritor, cronista e poeta paranaense. Ao longo de sua vida construiu duas obras: a sua literatura - reconhecida como uma das mais interessantes e importantes entre os escritores brasileiros dos últimos 40 anos, que lhe rendeu 16 livros - e o jornalismo - como editor de O Nicolau e colaborador em vários jornais conceituados do país. Faleceu no dia 30 de maio de 2010, na cidade de Curitiba, onde vivia desde a década de 1970. (Nota da IHU On-Line)

16 Leonardo Fróes (1941): é um poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. (Nota IHU On-Line)

17 Nuno Ramos (1960): formado em filosofia pela Universidade de São Paulo, é pintor, desenhista, escultor, escritor, cineasta, cenógrafo e compositor. Começou a pintar em 1984, quando passou a fazer parte do grupo de artistas do ateliê Casa 7. Desde então tem exposto regularmente no Brasil e no exterior. Participou da Bienal de Veneza de 1995, onde foi o artista representante do pavilhão brasileiro, e das Bienais Internacionais de São Paulo de 1985, 1989, 1994 e 2010. Em 2006, recebeu, pelo conjunto da obra, o Grant Award da Barnett and Annalee Newman Foundation. (Nota da IHU On-Line)

18 Regina Rheda (1957): é uma escritora brasileira de romances e contos. Sua prosa abrange temas urbanos, migração transnacional, luta de classes e direitos dos animais. (Nota da IHU On-Line)

19 Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros (1959): é um poeta, artista visual, dramaturgo, ficcionista, ensaísta, tradutor e professor brasileiro. Ganhou o Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2017 na categoria Poesia, com a obra A idolatria poética ou a febre de imagens. (Nota da IHU On-Line)

20 Josely Vianna Baptista: Poeta, tradutora e escritora, nasceu em Curitiba, PR, em 1957. Entre seus livros, estão *Ar* (1991), *Corpografia* (1992) - este em colaboração com o artista plástico Francisco Faria - e *A concha das mil coisas maravilhosas do velho caramujo* (2001), que, no ano seguinte, recebeu o VI Prêmio Internacional Del Libro Ilustrado Infantil y Juvenil del Gobierno Del México. Em 1996, criou a coleção *Cadernos da Ameríndia*, dedicada a temas do repertório cultural e textual de etnias indígenas sul-americanas. (Nota da IHU On-Line)

raz²¹ além de nomes da nova geração literária brasileira, como Adriana Lisboa²², Micheline Verunsch²³ e Ana Estaregui²⁴.

Todos esses autores nos conduzem à ordem animal sob várias perspectivas, que vão do exercício dos afetos, passando pela crítica ao antropocentrismo e pela consciência ecológica, até o exercício propriamente dito da animalidade, através do qual realizam a travessia para o mundo não humano.

IHU On-Line – Você cita sempre o lugar central ocupado pela reflexão de Jacques Derrida, em particular o seu livro *O animal que logo sou*. Pode nos falar algo a respeito?

Maria Esther Maciel – Jacques Derrida²⁵ foi um dos filósofos contemporâneos que mais contribuiu para o avanço dessas reflexões sobre os animais e os limites do humano. Elas foram uma constante nos últimos anos de vida do filósofo franco-argelino, tendo também aparecido esparsamente em alguns de seus trabalhos anteriores. Datam de meados dos anos 1980 suas primeiras incursões mais densas no tema. Mas foi na palestra “*L’animal que donc je suis. (À suivre)*”, proferida em Cerisy-la-Salle em 1997 e publicada parcialmente no Brasil em 2002, sob o título *O animal que logo sou*, que ele verticalizou suas reflexões sobre o tema, desdobrando-as posteriormente nos seminários *La bête et le souverain (A besta e o soberano)*. Com isso, abriu um vasto campo de discussões que acabou por se estender a várias outras áreas do conhecimento. Um dos seus méritos foi mostrar como a construção do conceito de animal se sustentou na subtração do que, segundo o pensamento humanista logocêntrico, seriam propriedades exclusivas dos humanos, chamadas de “os próprios do homem”.

Gosto muito da parte de *O animal que logo sou* em que ele apresenta duas “situações de saber” sobre os animais: a que reduz o animal a uma coisa, “uma coisa vista, mas que não vê” – por estar assentada

21 Eucanaã Ferraz (1961): poeta brasileiro. Publicou, entre outros, os livros de poemas Desassombro (7 Letras, 2002 - Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, melhor livro de poesia de 2002), Rua do mundo (Companhia das Letras, 2004), Cinemateca (Companhia das Letras, 2008), Sentimental (Companhia das Letras, 2012 - Prêmio Portugal Telecom 2013) e Escuta (Companhia das Letras, 2015); para o público infanto-juvenil, Poemas da lara (Língua Geral, 2008). (Nota da IHU On-Line)

22 Adriana Lisboa (1970): escritora brasileira. Cresceu em sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Morou na França, em Paris e Avignon, e desde 2007 vive a maior parte do tempo nos Estados Unidos. É autora de seis romances, além de poemas, contos e histórias para crianças. Seus livros foram traduzidos ao inglês, francês, espanhol, alemão, árabe, italiano, sueco, romeno e sérvio, sendo publicados em catorze países. Recebeu o Prêmio José Saramago, em Portugal, pelo romance Sinfonia em branco; o Prêmio Moinho Santista, no Brasil, pelo conjunto de seus romances, e o prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJ) por Língua de trapos. (Nota da IHU On-Line)

23 Micheline Verunsch (1972): é uma escritora, crítica literária e historiadora brasileira. É Mestre em Literatura e Crítica Literária e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

24 Ana Estaregui (1987): graduada em Artes Visuais pela FAAP e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, é autora dos livros Chá de jasmim (Editora Patuá, 2014) e Coração de boi (Editora 7Letras, 2016). Em 2017, foi finalista do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional (Poesia). (Nota da IHU On-Line)

25 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros Gramatologia (São Paulo: Perspectiva), A farmácia de Platão (São Paulo: Iluminuras), O animal que logo sou (São Paulo: Unesp), Papel-máquina (São Paulo: Estação Liberdade) e Força de lei (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria Memória, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

na cisão abissal entre humanidade e animalidade –, e a que se sustenta na troca de olhares com ele. Esta última, ao recusar o conhecimento exclusivamente racional, estaria marcada pelo desejo de apreender algo dos não humanos também pelos sentidos e pelo coração. A partir da definição dessas duas situações, Derrida afirma que “o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar”. Disso adviria a diferença, segundo ele, “entre um saber filosófico e um pensamento poético”.

Interessante o fato de o filósofo ter formulado essa tese e desenvolvido suas reflexões a partir de uma experiência pessoal: a de ter sido surpreendido, em estado de nudez, pelo olhar de seu felino de estimação, o que o levou a se perguntar sobre aquele olhar e o saber que o sustentava.

IHU On-Line – Você dá igualmente um destaque particular à poesia, como no caso do poema de Rilke, *A pantera*. Em que medida a poesia consegue nos ajudar a avançar nessa reflexão da zooliteratura?

Maria Esther Maciel – Ainda na esteira de Derrida, vale evocar um outro texto que escreveu, “*Che cós’è la poesia?*” (1988), em que ele elege como eixo da discussão a imagem do ouriço que se enovela sobre si mesmo ao ser lançado, numa rodovia, como uma bola de espinhos. Exposto aos acidentes da estrada, ele se protege, enrolando-se, ao mesmo tempo em que se abre como perigo para quem ousa tocá-lo. Essa condição paradoxal de se recolher e, ao mesmo tempo, se expor como perigo seria também a do próprio poema.

Outros autores, como Coetzee (pela voz da personagem Elizabeth Costello), incursionaram nessa seara, mostrando que a poesia é o que pode nos conduzir ao mundo incógnito da animalidade, visto que os poetas conseguem, pela sensorialidade e empatia, atravessar as fronteiras entre os mundos humano e não humano e trazer à tona da linguagem os sentimentos, sensações e percepções desses outros viventes. Não à toa, Costello diz, no livro *A vida dos animais* (São Paulo: Cia das Letras, 2002), que os poetas nos ensinam mais do que sabem, graças “ao processo chamado de invenção poética, que mistura sensação e alento de uma forma que ninguém jamais explicou, nem explicará”. É dessa maneira que eles podem trazer à luz da linguagem o corpo vivo do animal dentro de nós mesmos.

Se visitarmos as zoopoéticas de autores como Ted Hugues²⁶, Marianne Moore²⁷, Carlos Drummond, Astrid Cabral e Herberto Helder

²⁶ Edward James Hughes, mais conhecido como Ted Hughes (1930-1998): foi um poeta e escritor de livros infantis britânico, comumente considerado pela crítica como um dos melhores poetas de sua geração. Foi casado e teve dois filhos com a romancista e poetisa Sylvia Plath. Wikipédia. (Nota da IHU On-Line)

²⁷ Marianne Moore (1887-1972): foi uma escritora e poetisa modernista dos Estados Unidos da América. (Nota da IHU On-Line)

“Diversos romances de Coetzee abordam o problema animal e as controversas relações entre viventes humanos e não humanos”

– só para mencionar alguns poucos exemplos –, podemos certamente confirmar esse dizer.

IHU On-Line – Dentre as narrativas da animalidade, você fala também da obra fundamental de J. M. Coetzee, em particular de dois de seus livros: *A vida dos animais* e *Desonra*. No recente curso que você deu na *Escrevedeira*, dedicou um lugar particular ao livro *Desonra*. Pode nos dizer algo a propósito?

Maria Esther Maciel – Diversos romances de Coetzee abordam o problema animal e as controversas relações entre viventes humanos e não humanos, mas esses dois são os mais centrados no tema, voltando-se de forma incisiva para uma crítica ao antropocentrismo e ao especismo ocidentais.

A vida dos animais reúne duas conferências atribuídas à já referida personagem Elisabeth Costello (alter ego de Coetzee) e discute as relações entre homens e animais não humanos na nossa civilização, sob a perspectiva da filosofia e da poesia. Nele, Costello discute as práticas de violência dos humanos contra os não humanos como consequências da relação de poder/dominação que mantêm com os animais e evidencia como alguns poetas, à feição do inglês Ted Hughes, souberam lidar com a alteridade dos animais, sem convertê-los em meros teoremas e metáforas em prol da superioridade humana.

Desonra, por sua vez, é um romance mais amplo e complexo, que inclui várias outras questões ético-políticas que não apenas a das relações humanos/não humanos. No que tange especificamente a isso, pode-se dizer que o enfoque predominante é o da biopolítica. Coetzee lida com a condição “à margem da margem” ocupada pelos animais num país com graves problemas de desigualdade social e racial, onde esses viventes representam o último grau na escala de relevância para a nação e, portanto, podem ser submetidos a todas as crueldades pelos humanos, independentemente da posição que estes ocupam na ordem hierárquica das camadas sociais estabelecidas. São seres, portanto, que vivem em extremo estado de penúria, ao mesmo tempo em que recebem de alguns personagens manifestações problemáticas (e rarefeitas) de compaixão. Os cães abandonados ocupam grande parte da narrativa na condição de viventes à margem, que não merecem mais viver e, portanto, são submetidos à eutanásia em nome da compaixão.

Neste caso, uma compaixão que faz do ato de matar “humanitariamente” a única salvação possível para eles.

IHU On-Line – Como você destaca o lugar de Guimarães Rosa e Clarice na Zooliteratura?

Maria Esther Maciel – Tendo a considerar Rosa o maior animalista da literatura brasileira até hoje, uma vez que ele, desde seus primeiros livros, nunca deixou de dar aos animais não humanos uma especial atenção, sem se render ao amansamento antropomórfico e moralizador que constitui grande parte da zooliteratura ocidental. Animais de todas as espécies estão em seus livros. Além disso, os embates, as interações, o corpo-a-corpo dos homens com o mundo animal são bastante recorrentes em suas narrativas, a exemplo dos textos e passagens em que o autor trata do mundo rural do interior de Minas Gerais. A isso se soma também o interesse do escritor em observar os aquários e os bichos enjaulados nos zoológicos do mundo a partir de um olhar empático e afetivo. Mesmo no romance *Grande sertão: veredas* (São Paulo: Cia das Letras, 2019), as listas de animais são intermináveis. Para não mencionar a exploração que o autor faz dos traços de animalidade do humano no já mencionado conto “Meu tio, o Iauaretê”, ao abordar a transformação, por um processo de contágio, de um onceiro em um homem-onça. Há, ainda, em sua obra, críticas às injustiças perpetuadas contra os bichos, como se pode ver em “O burrinho-pedrês”, de *Sagarana*.

Quanto a Clarice Lispector, ela atua na zooliteratura por outras vias. É também uma das vozes animalistas mais instigantes da literatura moderna brasileira. Como Rosa, ela não se vale literariamente dos animais apenas para deles extrair metáforas ou alegorias da vida humana. Os animais na obra de Clarice são animais mesmo. Ao transformá-los em personagens, ela explora tanto a complexidade que os define como seres quanto os paradoxos que definem nossas conexões com eles. Além disso, mostra, de maneira perturbadora, como a animalidade do humano se manifesta nessas conexões.

A paixão segundo G.H. (Rio de Janeiro: Rocco, 2020) é, sem dúvida, o ponto radical dessa “zooliteratura”, ao focar o encontro de mulher com uma barata, que culmina num processo de interação visceral dela com o inseto. É interessante como o contato entre ambas passa pelo olhar. A mulher fica perturbada pelo olhar da barata e sente um misto de atração e repulsa pelo inseto, encontrando aí sua própria identidade.

Andei explorando um pouco também as figurações caninas em sua obra, como nos contos “*Tentação*” e “*O crime do professor de matemática*”. A presença do cão Ulisses em seus escritos também é muito singular, como se pode atestar no livro infantil *Quase de verdade*, em

que o cachorro “late” a história para Clarice, que a escreve. Ou seja, o ponto de vista é do cão.

IHU On-Line – Vemos hoje também um interesse crescente pela fitoliteratura. Você também tem se ocupado desta questão?

Maria Esther Maciel – Não tenho lidado especificamente com essa questão no meu trabalho acadêmico. Já nos meus textos de poesia e ficção, as plantas estão intensamente presentes, desde *O livro de Zenóbia* (Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004), de 2004. Recentemente, lancei *Pequena enciclopédia de seres comuns* (São Paulo: Todavia, 2021), só de verbetes científico-literários, que inclui várias espécies vegetais. No plano teórico, interessei-me pelo tema e já li vários livros, mas minha pesquisa continua mais centrada na zooliteratura.

IHU On-Line – Que temas você vem estudando no momento atual a respeito dessas questões ligadas à Zooliteratura?

Maria Esther Maciel – Comecei, no ano passado, a investigar narrativas contemporâneas de caráter (auto)biográfico construídas em torno das vidas de animais não humanos, de forma a discutir formas híbridas de subjetividade na literatura e elaborar o conceito de “zoo(auto)biografia”. Ando às voltas com algumas obras de autores de diferentes países relacionadas a isso. Até o presente momento, o repertório literário a que tenho me dedicado integra quatro romances, já traduzidos no Brasil: *Timbuktu* (São Paulo: Cia das Letras, 1999), do norte-americano Paul Auster²⁸, *Memórias de um urso polar* (São Paulo: Todavia, 2019), da japonesa Yoko Tawada²⁹, *F de falcão* (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016), da inglesa Helen McDonald³⁰, e *Memórias de um porco-espinho* (Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017), do congolês Alain Mabanckou³¹. Pretendo, ainda, fazer um levantamento de outras obras recentes voltadas para a reconstituição de histórias de vidas não humanas e, depois, traçar um breve panorama da linhagem “zoo(auto)biográfica” nos séculos anteriores.

28 Paul Auster (1947): Paul Benjamin Auster, escritor norte-americano, autor de vários best-sellers como *Timbuktu*, *O livro das ilusões*, *A noite do oráculo* e *Música do acaso*. (Nota da IHU On-Line)

29 Yoko Tawada (1960): nasceu em Tóquio, mudou-se para Hamburgo aos 22 anos e vive em Berlim desde 2006. Escrevendo em japonês e alemão, publicou diversos livros — romances, poemas, peças teatrais e ensaios. Recebeu prêmios importantes, como o Prêmio Akutagawa, o Prêmio Adelbert von Chamisso, o Prêmio Tanizaki, o Prêmio Kleist e a Medalha Goethe. (Nota da IHU On-Line)

30 Helen Macdonald (1970): é escritora inglesa, naturalista e bolsista de pesquisa afiliada no Departamento de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Cambridge. Ela é mais conhecida como a autora de *H is for Hawk*, que ganhou o Prêmio Samuel Johnson de 2014 e o Costa Book Award. Wikipedia (inglês). (Nota da IHU On-Line)

31 Alain Mabanckou (1966): é um escritor congolês, com dupla nacionalidade (franco-congolês). Estudou Direito em Brazzaville e, posteriormente, na França. Após concluir a pós-graduação na Universidade Paris-Dauphine, trabalhou durante vários anos em importantes multinacionais francesas antes de se consagrar por completo à literatura. Reside nos Estados Unidos, como professor convidado, desde 2002. (Nota da IHU On-Line)

Um sopro do mundo animal e vegetal na literatura que desajusta nosso “eu” antropocêntrico

Faustino Teixeira observa como essa virada tem contribuído para alargar os entendimentos sobre si e toda a teia de vida que nos circunda nesse planeta onde tudo é conectado

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

Afirmar que vivemos num estado de crises já pode ser tomado como lugar comum, embora ainda haja muitos que preferem a negação. Mas, o que se tem posto como principal desafio é, primeiro, encarar que somos nós que causamos grande parte dessas crises e, segundo, que só a nossa mudança de perspectiva de humanos como centro do universo é capaz de iluminar verdadeiras saídas. É isso que propõe o teólogo Faustino Teixeira, que tem se dedicado a uma virada, colocando-se a pensar o mundo não desde o humano somente, mas desde outras formas de vida que nos cercam. “Na contramão de um exclusivismo humano, que dominou o horizonte de nossa reflexão, tomamos consciência de que somos parte do vivente e não ponto de chegada de sua formatação”, aponta.

Essa tomada de consciência – ou ao menos seu processo – tem relação com essa virada animal e vegetal. “Tudo está entrelaçado, conectado. Vivemos todos numa teia de emaranhados fabulosos que compõem a textura do mundo”, reflete na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “Temos muito o que aprender nessa estratégia biológica de artimanha e colaboração. As redes micorrízicas estão aí a contribuir para o desafio da coexistência no mundo. É uma ressurgência do socialismo biológico a abrir brechas para a reflexão política, num mundo diluído pela pegada antropocêntrica”, completa.

E não pense que Faustino se deu conta disso num frio e asséptico laboratório de azulejos brancos, com os olhos cravados em um microscópio. Ele percebeu esses movimentos no mundo. Mas, é bem verdade, sofrendo uma influência direta da literatura, tanto de antropólogos que pensam desde esse horizonte, autores indígenas com suas outras cosmologias, mas também em autores já muito conhecidos. “Veio a literatura para corroborar minha reflexão, com os estudos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Essa convocação à riqueza da imanência e da beleza e complexidade dos mundos animal e vegetal. Foi a azeitona que faltava na empada de minha reflexão”, brinca.

Tais tomadas de consciência fazem avançar, sob vários aspectos. Como diz, o “futuro deve nos revelar caminhos novidadeiros” a partir dessa virada de chave. “Os caminhos do diálogo são essenciais e devem fazer vibrar nossas cordas mais íntimas com outras melodias, vindas não só de outras tradições religiosas, como também de outras espiritualidades e desse fabuloso mundo invisível, abaixo de nossos pés”, observa.

Por fim, ainda aponta como essa virada é capaz de demonstrar quão exaurida está a humanidade antropocêntrica. “Como indica Merlin Sheldrake, no seu livro *A trama da vida*, esse recurso terapêutico é bem eficaz para lidar com o robusto modelo do ‘eu’, defendido a todo custo”, indica. Afinal de contas, esse “eu” que se põe no centro do mundo está atordoado, sequer consegue mais ouvir a si, e adoece com a Terra. “No processo terapêutico, este ‘eu’ vem atordoado e balançado, abrindo caminho para um sentimento distinto, de ‘fusão com algo maior e um novo senso de relação com o mundo’”, sintetiza Faustino.



Faustino Teixeira é colaborador do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e do canal Paz Bem. Possui graduação em Ciência das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora, graduação em Filosofia pela mesma instituição, mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professor convidado da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, depois de sua aposentadoria como professor titular na mesma Universidade, em 2017.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que é feita a trama da vida?

Faustino Teixeira – Respondo essa questão falando um pouco de meu itinerário reflexivo nos últimos anos; de explicar como nasceu esse meu interesse atual pelo “mundo invisível”, ou seja, esse mundo que está sob os nossos pés, e que nos apresenta a maravilha das “teias micorrízicas” em sua impressionante capacidade de interconexão e ressurgência. Isso ocorreu sobretudo depois da leitura da encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado com a casa comum (*Laudato si'*)¹.

Em vários momentos da encíclica, Francisco fala de sua convicção em torno da interligação que vigora no planeta. Tudo está entrelaçado, conectado. Vivemos todos numa teia de emaranhados fabulosos que compõem a textura do mundo. Exemplificamos com os números 16, 42, 91,

¹ *Laudato si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei*, em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista IHU On-Line publicou uma edição em que analisa e debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbhAJ> (Nota da IHU On-Line)

92 e 117 da *Laudato si*², que abordam essa maravilhosa percepção de que tudo está entrelaçado.

Na contramão de um exclusivismo humano, que dominou o horizonte de nossa reflexão, tomamos consciência de que somos parte do vivente e não ponto de chega de sua formatação. Francisco enfatiza logo no início de encíclica “que nós mesmos somos terra” e que nosso organismo é composto por “elementos do planeta” (LS 2). E tudo o que brilha na terra, seja numa folha, vereda ou orvalho, é expressão maravilhosa de um “mistério a contemplar” (LS 233).

“Tecidos de nós” e “sob os nossos pés”

Junto com minha reflexão sobre a encíclica, fui aprofundando os estudos de antropologia, com o aporte de pesquisadores como Tim Ingold³ e Anna Tsing⁴, que me ajudaram a situar de forma precisa essa teia inter-relacional. Tim Ingold fala em “tecido de nós” e “emaranhado de trilhas entrelaçadas”. O ser humano situa-se aí, como parceiro de caminhada, envolvido nesse “nexo singular de crescimento criativo”, não como algo excepcional, mas como “espécie companheira” numa viagem cósmica comum.

Também Anna Tsing despertou-me para esse mundo “sob os nossos pés”, essa “cidade subterrânea” das teias micorrízicas que “conectam não apenas raízes e fungos, mas, através de filamentos fúngicos, árvores com árvores, conectando a floresta em emaranhados”. Essa autora teve para mim um papel importante na minha percepção de que diálogo é também diálogo interespecies. Tsing ajudou-me a antenar com os passos de “ressurgência holocênica” presente nesse mundo invisível, num embaite fundamental contra a “pegada” do Antropoceno. Foi a autora que me proporcionou captar com pertinência esse bonito retorno das “ecologias habitáveis”, a capacidade de resistência e articulação presentes no “mun-

2 Acesse a íntegra da encíclica em <https://bit.ly/39nXUb6>. (Nota da IHU On-Line)

3 Timothy Ingold (1948): antropólogo britânico e presidente da Antropologia Social da Universidade de Aberdeen. Seus interesses são amplos e sua abordagem acadêmica é individualista. Eles incluem percepção ambiental, linguagem, tecnologia e prática qualificada, arte e arquitetura, criatividade, teorias da evolução na antropologia, relações homem-animal e abordagens ecológicas na antropologia. (Nota da IHU On-Line)

4 Anna Lowenhaupt Tsing (1952): é uma professora americana de antropologia na Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Tsing realizou mestrado e doutorado na Universidade de Stanford. Em 2020, participou, como conferencista, do ciclo de estudos Decálogos sobre o fim do mundo. A íntegra de sua palestra está disponível em <https://bit.ly/3QIXGBE>. (Nota da IHU On-Line)

do invisível”, e a irradiação criadora de muitos organismos que forjam “assembleias de habilidades multiespécies em meio às perturbações”.

Vale igualmente citar a contribuição dada por Gilles Deleuze⁵ e Félix Guattari⁶ num dos trabalhos apresentados da obra *Mil platôs*⁷, em torno dos rizomas e suas linhas de desterritorialização.

Cosmvisão de povos originários

Junto com a antropologia, o enriquecimento proporcionado pelo contato com as obras de Davi Kopenawa⁸ e Bruce Albert⁹ (*A queda do céu*¹⁰), bem como de Ailton Krenak¹¹ (*Ideias para adiar o fim do mundo*¹² e *A vida não é útil*¹³). Foram livros importantes que, também amparados pelas reflexões de Philippe Descola¹⁴, de um animismo restaurado, ajuda-

5 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

6 Pierre-Félix Guattari (1930-1992): filósofo e militante revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com Gilles Deleuze, escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?* Félix Guattari, dotado de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor. (Nota da IHU On-Line)

7 São Paulo: Editora 34, 2011. (Nota da IHU On-Line)

8 Davi Kopenawa Yanomami (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia, *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, ser lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015, sob o título *A queda do céu*. Palavras de um xamã yanomami (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

9 Bruce Albert (1952): Antropólogo francês nascido no Marrocos. Participou em 1978 da fundação da ONG Comissão Pró-Yanomami, que conduziu com Davi Kopenawa uma campanha até obter, em 1992, a homologação da Terra Indígena Yanomami, à qual viaja quase anualmente. (Nota da IHU On-Line)

10 São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Nota da IHU On-Line)

11 Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953): é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à etnia indígena crenaque. (Nota da IHU On-Line)

12 São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Nota da IHU On-Line)

13 São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Nota da IHU On-Line)

14 Philippe Descola (1949): antropólogo francês. Estudou filosofia na École normale supérieure de Fontenay-Saint-Cloud e etnologia na École Pratique des Hautes Études, onde defendeu sua tese, sob a orientação de Claude Lévi-Strauss. Há vários anos desenvolve uma reflexão sobre as relações entre natureza e cultura. Publicou *La nature domestique* (1986), *As Lanças do Crepúsculo* (1993) e *Par-delà nature et culture* (2005). Em 2010 tornou-se membro da British Academy; em 2012, membro da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos e, em 2012, foi agraciado com a Medalha de Ouro CNRS. (Nota da IHU On-Line)

ram-me a perceber que o mundo inteiro vem permeado por forças vitais, e que toda a vida é tocada pela pulsação do movimento.

Estratégia biológica de artimanha e colaboração

Do aprendizado com a antropologia e a cosmovisão dos povos originários, bem como também do pensamento vitalizador do mestre Dogen¹⁵, no Soto Zen¹⁶, passei a me interessar pela reflexão em curso no mundo da biologia e dos filósofos envolvidos na reflexão sobre o mundo animal. É o caso dos pensadores Stefano Mancuso¹⁷, Emanuele Coccia¹⁸, Paul Stamets¹⁹. Alguns deles estiveram presentes na última Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP, realizada virtualmente em 2021, abordando a temática da “virada vegetal”.

Foi quando se formatou para mim, de forma clara, a ideia de “trama da vida”, que é título do exemplar livro de Merlin Sheldrake²⁰, *A trama da vida*²¹. Este autor, junto com outros como Donna Haraway²² e Humberto Maturana²³, reforçou para mim algo que estava presente em minha re-

15 Dōgen Zenji (1200 –1253): foi um mestre zen-budista japonês nascido em Kyōto. Dogen fundou a escola Soto de zen. Ele foi uma figura religiosa proeminente em seu tempo, bem como um filósofo importante. É conhecido pela sua obra Tesouro do Olho do Dharma verdadeiro (Shōbōgenzō), uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação. (Nota da IHU On-Line)

16 Sōtō (Chinês: Caodong-zong): é uma escola japonesa de Zen Budismo. Ela descende da escola chinesa Caodong, e foi levada ao Japão por Dogen Zenji (1200-1253). Atualmente, é a escola de Zen com maior presença no Ocidente. (Nota da IHU On-Line)

17 Stefano Mancuso (1965): botânico italiano, professor do departamento de agricultura, alimentação, meio ambiente e silvicultura na Universidade de Florença. Ele é o diretor do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal, membro do comitê diretor da Society of Plant Signaling and Behavior, editor-chefe da revista Plant Signaling & Behavior e membro do Accademia dei Georgofili. (Nota da IHU On-Line)

18 Emanuele Coccia: professor associado da Ecole des hautes études em sciences sociales – EHESS. Autor de, entre outros, Il canone della passione. Il pathos di Cristo tra antichità e medioevo e El bien en las cosas. La publicidad como discurso moral e Filosofía de la Imaginación. Averroes y el averroísmo. (Nota da IHU On-Line)

19 Paul Edward Stamets (1955): biólogo estadunidense especialista em fungos e cogumelos, escritor e ativista pela biorremediação e uso medicinal de cogumelos. (Nota da IHU On-Line)

20 Merlin Sheldrake: é biólogo e escritor com formação em ciências de plantas, microbiologia, ecologia e história e filosofia da ciência. PhD em ecologia tropical pela Universidade de Cambridge, trabalha com redes de fungos subterrâneos em florestas tropicais no Panamá, onde foi pesquisador de pré-doutorado do Smithsonian Tropical Research Institute. É pesquisador associado da Vrije University Amsterdam, trabalha com a Society for the Protection of Underground Networks (SPUN) e faz parte do conselho consultivo da Fungi Foundation. (Nota da IHU On-Line)

21 São Paulo: Fósforo Editora, 2021. (Nota da IHU On-Line)

22 Donna Haraway (1944): bióloga, filósofa, escritora e professora nascida nos Estados Unidos. Escreveu diversos livros e artigos sobre ciência e feminismo. Entre seus textos mais destacados está o ensaio Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente no periódico Socialist Review, em 1985. (Nota da IHU On-Line)

23 Humberto Maturana: biólogo chileno, criador da autopoiese e um dos inspiradores do pensamento sistêmico. (Nota da IHU On-Line)

flexão em torno do potencial colaborativo presente em seres da natureza e seu possível impacto na reflexão sobre a política. Temos muito o que aprender nessa estratégia biológica de artimanha e colaboração. As redes micorrízicas estão aí a contribuir para o desafio da coexistência no mundo. É uma ressurgência do socialismo biológico a abrir brechas para a reflexão política num mundo diluído pela pegada antropocêntrica.

Literatura, a “azeitona da empada”

Finalmente, veio a literatura para corroborar minha reflexão, com os estudos de Guimarães Rosa²⁴ e Clarice Lispector²⁵. Essa convocação à

24 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se Sagarana (1946), Corpo de baile (1956), Grande sertão: veredas (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, Primeiras estórias (1962) e Tutameia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada Grande Sertão: Veredas. Travessias, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

25 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, Perto do coração selvagem. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é A hora da estrela, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado do Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS> e a edição Clarice Lispector. Uma literatura engravada na mística, publicada em 5 de abril de 2021, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/547>. (Nota da IHU On-Line)

riqueza da imanência e da beleza e complexidade dos mundos animal e vegetal. Foi a azeitona que faltava na empada de minha reflexão.

Novos estudos foram sendo apropriados por mim, dentre os quais os trabalhos preciosos de Maria Esther Maciel²⁶ e Evando Nascimento²⁷. Pioneiro na reflexão sobre o pensamento vegetal, Nascimento ajudou-me a aprofundar a cognição presente nos mundos animal e vegetal e o desafio de pensar a “florestania” e também a vida inserida no contínuo fluxo planetário. A singularidade da reflexão de Evando Nascimento foi justamente de abrir o campo de atenção dos estudiosos de literatura para o “apelo vegetal” que está vivo e presente na literatura brasileira.

IHU On-Line – Em que sentido repensar a condição humana para além da visão antropocêntrica nos revela formas de existência viáveis no antropoceno?

Faustino Teixeira – Há inúmeros trabalhos que se irradiam hoje nos laboratórios acadêmicos sobre o tema do Antropoceno. A questão vai ficando cada vez mais assimilável, em razão dessa intensa produção sobre o tema, com a presença pioneira dos trabalhos de Bruno Latour²⁸,

26 Maria Esther Maciel: escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com Pós-Doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional “Problematising Global Knowledge -The New Encyclopaedia Project”, do Theory, Culture & Society Centre, da Nottingham Trent University (Inglaterra). (Nota da IHU On-Line)

27 Evando Nascimento: é escritor, ensaísta, artista visual e professor universitário. Possui duas graduações em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Licenciatura em Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, realizou mestrado em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e Doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É autor dos livros de ficção *A desordem das inscrições* (Contracantos – 7Letras, 2019), *Cantos profanos* (Rio de Janeiro: Globo/Biblioteca Azul, 2014), livro semifinalista do Prêmio Oceanos-Itaú Cultural 2015; *Cantos do mundo* (Record, 2011), finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012; e *Retrato desnatural: diários 2004 – 2007* (São Paulo: Record, 2008), semifinalista do Prêmio Portugal Telecom 2009. Seu trabalho se move principalmente entre Literatura, Filosofia e Artes. (Nota da IHU On-Line)

28 Bruno Latour (1947): filósofo francês, é um dos fundadores dos chamados Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). É reconhecido, entre outros trabalhos, por sua contribuição teórica - ao lado de outros autores como Michel Callon e John Law - no desenvolvimento da ANT - Actor Network Theory (Teoria ator-rede) que, ao analisar a atividade científica, considera tanto os atores humanos como os não humanos, estes últimos devido à sua vinculação ao princípio de simetria generalizada. Em 2021, o IHU promoveu dois ciclos de estudos sobre a obra de Latour, gerando conferências online e uma série de outros materiais. Acesse em ihu.unisinos.br/evento/mundo-comum-bruno-latour. (Nota da IHU On-Line)

Isabelle Stengers²⁹ e Eduardo Viveiros de Castro³⁰, dentre outros. Sublinho também o aporte aqui no Brasil dos debates proporcionados pelas reflexões de Antonio Nobre³¹ e Carlos Nobre³², chamando-nos atenção para os riscos do desmatamento provocado pelo homem-humano. O Antropoceno, como mostrou com pertinência Eliane Brum³³, é a expressão mais viva e dolorosa da “pegada” humana na Terra. O Antropoceno é tempo da “perturbação” provocada pelo homem do meio ambiente, com reper-

29 Isabelle Stengers (1949): filósofa belga, formou-se em química na Universidade Livre de Bruxelas. Ela é autora de livros sobre Teoria do Caos, em parceria com Ilya Prigogine, o físico-químico russo-belga e Prêmio Nobel, conhecido por seu trabalho com estruturas dissipativas, sistemas complexos e irreversibilidade, especialmente “O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da Natureza” e “Entre o Tempo e a Eternidade”. Stengers e Prigogine se inspiram no trabalho de Deleuze, tratando-o como uma fonte filosófica importante para pensar em questões relativas à irreversibilidade e o universo como um sistema aberto. (Nota da IHU On-Line)

30 Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife à edição 161 da IHU On-Line, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu Arawete: O Povo do Ipixuna (São Paulo: CEDI), A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e Metafísicas canibais (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

31 Antônio Donato Nobre: cientista e ativista brasileiro, tem relevante atuação na divulgação e popularização da ciência, em temas como a bomba biótica de umidade e sua importância para a valorização das grandes florestas, e os rios aéreos de vapor, que transferem umidade da Amazônia para as regiões produtivas do Brasil. Foi relator nos estudos sobre o Código Florestal promovidos pela SBPC e Academia Brasileira de Ciências. Possui graduação em Agronomia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Biologia Tropical (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e PhD em Earth System Sciences (Biogeochemistry) pela University of New Hampshire. Atualmente é pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e pesquisador Visitante no Centro de Ciência do Sistema Terrestre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Ao IHU, concedeu a entrevista intitulada Quando a tecnologia vê um pixel mas ignora a paisagem. A agricultura convencional mata o solo, disponível em <https://bit.ly/3Qgmco5>. (Nota da IHU On-Line)

32 Carlos Nobre: engenheiro eletrônico formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Na Massachusetts Institute of Technology (EUA), realizou o doutorado em meteorologia. Recebeu o título de pós-doutor da University of Maryland (EUA). Atualmente, é pesquisador sênior no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). É autor das obras Amazonian deforestation and climate (New York: John Wiley and Sons, 1996) e Regional Hydrological Impacts of Climatic Change - Impact Assessment and Decision Making (Oxfordshire: International Association of Hydrological Sciences, 2005). Confira as entrevistas que concedeu à IHU On-Line: A Amazônia está aquecendo, disponível em <http://bit.ly/daPSp6>; Mudanças climáticas e o Brasil: consequências reais, soluções viáveis, disponível em <http://bit.ly/j26vBl> e Amazônia, desmatamento e clima, disponível em <http://bit.ly/kMhacH>. (Nota da IHU On-Line)

33 Eliane Brum (1966): jornalista, escritora e documentarista nascida em Ijuí (RS). Ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e 10 como repórter especial da Revista Época, em São Paulo. Desde 2010, atua como freelancer. De 2009 a 2013 manteve uma coluna no site da Revista Época, e desde outubro de 2013 no jornal El País. É autora do romance Uma Duas (LeYa), dos livros de reportagem Coluna Prestes – O Averso da Lenda (Artes e Ofícios), A vida que ninguém vê (Arquipélago Editorial), ganhador do Prêmio Jabuti de Reportagem em 2007, e O Olho da Rua (Arquipélago Editorial), de A Menina Quebrada (Arquipélago Editorial, Prêmio Açorianos 2013), que reúne 64 de suas colunas escritas no site da revista Época, além de ter participado da compilação de reportagens especiais sobre os Médicos sem Fronteiras Dignidade!, que incluiu também autores como Mario Vargas Llosa. É codiretora de três documentários: Uma História Severina, Gretchen Filme Estrada e Laerte-se. (Nota da IHU On-Line)

cussões catastróficas para o futuro da habitabilidade em nossos tempos difíceis.

As dores do Antropoceno são portas de entrada para uma reflexão nova que vem se configurando no tempo atual e que são marcadas pela riqueza da multidisciplinaridade. Junto à crítica ao Antropoceno, o questionamento do antropocentrismo que pontuou a dinâmica histórica na modernidade pós-cartesiana. O pensamento de Lévi-Strauss³⁴ foi fundamental para balançar o exclusivismo antropocêntrico, revelando para nós o desafio fantástico da alteridade, em sua dignidade única. Foi um dos pioneiros no questionamento da ruptura enraizada entre natureza e cultura. Tudo isso gerou, como ele afirma, um “humanismo pervertido”, desvinculado de sua matéria nutriz.

Um humanismo que situou, equivocadamente, o humano como “lugar definitivo da verdade”. O que vemos hoje é um humanismo “sem restrição e limite”, violento no seu afã de domínio e predação. Esse “humanismo generalizado” de que fala Lévi-Strauss desembocou nesse triste horizonte em que vivemos, que já está provocando catástrofes por todo canto. O filósofo francês foi um dos primeiros a nos alertar sobre esse risco, convocando-nos a ampliar o olhar para além das dicotomias que nos cegam. Sua lição, nem sempre compreendida, esteve sempre imbuída de um alerta essencial.

Estratégias de sobrevivência vistas pelas brechas do sistema

Na busca de “formas de existência” viáveis, vamos com nosso tato e sensibilidade cavando reflexões alternativas, e aprendizados sorvidos no mundo dos povos originários, especialistas de fim de mundo, mas igualmente no dos fungos com suas estratégias de resistência, resiliência e co-

34 Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da IHU On-Line)

operação nesse tempo de ruínas. Apesar de inglória, temos que repensar estratégias de sobrevivência nas brechas que o sistema possibilita.

Como diz Donna Haraway, temos que aprender a “viver com o problema”, habitando na barriga do monstro. Há que buscar “gestos barreira” (Latour) e artes inusitadas para sobreviver num planeta danificado; de encontrar artimanhas para “adiar o fim do mundo” (Krenak). Gosto muito das reflexões de Haraway, quando nos convoca a assumir a condição de “espécies companheiras” nesse trajeto inglório de superação da necrofilia antropocena. Ela fala de cavar “erupções de vitalidade inesperada” para lidar com o problema.

É sugestiva sua identificação como pensadora “compostista” em vez de “pós-humanista”. Assim como os vermes, que anunciam sua vitalidade no terreno da decomposição, somos igualmente inflados a buscar formas de existência baseadas nessa estratégia, sendo capazes de “mexer, misturar e dissolver uma coisa na outra”. Vale tudo para criar caminhos alternativos e alegres, com nossos “paraquedas coloridos”, como diz Krenak.

IHU On-Line – Como os trabalhos de autores como Humberto Maturana e Merlin Sheldrake, respectivamente, *Ontologia da Realidade*³⁵ e *A trama da vida - como os fungos constroem o mundo*, impactaram-no na forma de ver e conceber o mundo?

Faustino Teixeira – Como disse anteriormente, a ajuda que tive desses autores foi justamente no campo da percepção da importância do diálogo e cooperação nessa tarefa difícil de manter acesa a resiliência em nosso tempo. Em sua *Ontologia da realidade*, Maturana sublinha “que toda recusa em ajudar ou compartilhar violenta nosso ser biológico básico”. O autor fala no amor como “fundamento biológico do social”, que envolve o desafio essencial de aceitar e respeitar o outro. Como ele diz, “o amor é o inimigo da apropriação”, e a competição contraria essa perspectiva, entendida pelo autor como biológica. Para Maturana, “a origem antropológica do *Homo sapiens* não se deu através da competição, mas sim através da cooperação”.

Sobrevivem não necessariamente os que são mais fortes, mas aqueles que melhor sabem se articular e cooperar. Isso também está bem

35 Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. (Nota da IHU On-Line)

presente na obra de Sheldrake, que considero uma das mais importantes nesse nosso tempo. Ele fala da capacidade de resistência dos fungos na “bagunça dos humanos”, justamente em razão de seu potencial colaborativo. Eles “persistiram depois dos cinco principais eventos de extinção da Terra”. Portanto, têm muito a que nos ensinar. Os estudos relacionados à micologia radical são de importância singular para o acesso a caminhos alternativos de sobrevivência.

IHU On-Line – No campo literário, Clarice Lispector é uma autora a quem o senhor tem se dedicado não somente a ler, mas a perscrutar os sentidos profundos de sua obra. Como a literatura dessa autora nos convida a repensar a condição humana?

Faustino Teixeira – Estou muito feliz por ter encontrado uma abertura no IHU para trabalhar com a literatura de Clarice Lispector. Os cursos³⁶ têm possibilitado aprofundar minha reflexão nesse campo, com uma modelagem lírica maravilhosa. Considero Clarice, junto com [Guimarães] Rosa, uma das autoras que mais me ajudou a entender o valor do mundo da imanência. Como ela diz, através da personagem G.H., o divino é o real. Clarice, com suas artimanhas fantásticas, nos convida a manter acesa nossa atenção ao mundo do cotidiano, como lugar do espetáculo maior da vida, ajudando-nos, como Diadorim a Riobaldo, a perceber as riquezas do nosso entorno.

É uma escritora que nos convoca a ouvir o chamado ancestral da natureza, daí sua identificação profunda com o mundo animal. Há uma sintonia fina de sua reflexão com a mística, apontando o desafio do despojamento radical da tessitura humana como caminho de acesso à coisa, ao neutro, à matéria viva e vertente. Clarice é uma crítica contundente do mundo da superficialidade, do “paraíso dos adornos”, que busca ardentemente através de seus personagens captar a “raiz de si mesma” e a “matéria-prima” do mundo. Clarice é uma escritora que tem consci-

36 Faustino tem realizado cursos livres sobre os autores. Saiba mais em ihu.unisinos.br/evento/romances-clarice-lispector e em ihu.unisinos.br/evento/grande-sertao-veredas. (Nota da IHU On-Line)

ência da riqueza que habita “a vida anterior”, ancestral, e nos convoca a partilhar da força desse chamado.

É algo que percebo também na experiência do Zazen³⁷ no Zen Budismo, e que foi tão bem assinalada por José Carlos Michelazzo³⁸, estudioso da Escola de Kyoto³⁹. Para esse autor, a prática da meditação Zen é um caminho que se abre para recuperar a teia cósmica de que fazemos parte, de recuperar a memória da unidade perdida no mundo da dualidade. A meditação, diz Michelazzo, é um potente mecanismo para esse essencial retorno, esse caminho de volta à nossa casa, e à Casa comum, que é a Terra. Na linha do pensamento de Dogen, Michelazzo sublinha que a humanidade dualística do homem fica muito aquém da sua realidade verdadeira.

IHU On-Line – Agora que abordamos alguns aspectos fundamentais dessa vertente ontológica, gostaria que o senhor nos explicasse o que é a chamada virada animal e vegetal na literatura.

Faustino Teixeira – Vejo aqui a contribuição de dois autores de nossa crítica literária que são muito importantes para essa abertura ao chamado animal e vegetal na literatura. Falo de Maria Esther Maciel e Evando Nascimento. Em 2016, Maria Esther lançou seu livro pioneiro, *Literatura e Animalidade*⁴⁰. Numa das epígrafes de seu livro, cita uma passagem de Guimarães Rosa: “Podemos pensar como homem e como bois, mas é melhor não pensar como o homem.” Trata-se de um trecho tirado do maravilhoso conto de Rosa, *Conversa de bois*.

Para a autora, Rosa foi “o maior animalista de nossa literatura”, mas celebra igualmente o valor da Clarice Lispector nesse campo. Ela menciona ainda a força da presença da cachorra Baleia em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. A descrição de sua morte no romance é das mais singelas

37 Zazen: base da prática Zen Budista. O objetivo do zazen é “apenas sentar”, com a mente aberta, sem apegar-se aos pensamentos que fluem livremente. (Nota da IHU On-Line)

38 José Carlos Michelazzo: graduado em Filosofia pela Universidade de Mogi das Cruzes e em Psicologia pela Faculdade de Educação e Cultura do ABC, possui ainda mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou também pós-doutorado em Filosofia/Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. É professor de cursos de pós-graduação e especialização e psicoterapeuta em Clínica Psicoterápica, na perspectiva da Análise Existencial. (Nota da IHU On-Line)

39 Escola de Kyoto: movimento filosófico japonês centrado na Universidade de Kyoto que assimilou a filosofia ocidental e suas ideias religiosas e as usou para reformular os insights religiosos e morais da tradição cultural do Leste Asiático. (Nota da IHU On-Line)

40 São Paulo: Civilização Brasileira, 2016. (Nota da IHU On-Line)

e expressivas: “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás.” Maria Esther chamou-nos também a atenção para outros autores internacionais, como J.M. Coetzee⁴¹, com seus livros *Vida dos animais* e *Desonra*⁴². E, na poesia, autores como Rilke⁴³ (*A pantera*) e Ted Hughes⁴⁴ (*O jaguar*).

Com respeito a Evando Nascimento, lembro aqui o seu livro *Clarice Lispector, uma literatura pensante*⁴⁵. Ele debruça-se em particular na narrativa de Clarice, indicando como a autora teve um papel fundamental em “questionar os limites do humano” e os caminhos de ultrapassagem no sentido de um “chamado” alternativo. Para Evando, a escritora foi muito importante para abrir pistas a uma vereda nova, de experiência de ser outro, aventando a trilha de uma ancestralidade esquecida. De modo particular, na *Paixão segundo G.H.*⁴⁶, Clarice aponta o caminho da “cruza do vivo” através da “coisa feia e monótona” de uma barata.

Salto vegetal

Em outro livro, mais recente, Evando aventura-se no salto vegetal, refletindo sobre a literatura e as plantas (*Pensamento vegetal*). Como autor influenciado por Jacques Derrida, dentre outros, Evando avança pela literatura em busca da superação do tradicional conceito de humanismo. Com agudez de pensamento, lança sua crítica a autores como Martin

41 John Maxwell Coetzee: escritor sul-africano Nobel de Literatura em 2003, sendo o quarto escritor africano a receber esta honraria e o segundo no seu país (depois de Nadine Gordimer, em 1991). A sua carreira literária no campo da ficção começou em 1969, mas o seu primeiro livro, *Dusklands*, só foi publicado na África do Sul em 1974. Coetzee recebeu vários prêmios antes do Nobel e foi o primeiro a receber o Booker Prize por duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

42 São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Nota da IHU On-Line)

43 Rainer Maria Rilke por vezes também Rainer Maria von Rilke (1875—1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados *Vida e canções* (*Leben und Lieder*). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da IHU On-Line)

44 Edward James Hughes (1930 - 1998): mais conhecido como Ted Hughes, foi um poeta e escritor de livros infantis britânico, comumente considerado pela crítica como um dos melhores poetas de sua geração. Foi casado e teve dois filhos com a romancista e poetisa Sylvia Plath. (Nota da IHU On-Line)

45 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. (Nota da IHU On-Line)

46 *A Paixão Segundo G.H.* é um romance da escritora brasileira Clarice Lispector. O livro foi publicado em 1964. (Nota da IHU On-Line)

Heidegger⁴⁷. Sublinha a incapacidade de certos segmentos da filosofia de pensar para além da tradição humanista, ou em favor de um outro humanismo mais integrador e relacional. Defende com vigor a cognição presente no mundo vegetal, para além de nosso imaginário simbólico, frisando seu potencial comunicador.

Dialogando com autores como Fernando Pessoa⁴⁸ e Clarice Lispector, Evando desvela o vasto universo dos animais e vegetais presentes em suas narrativas. Em favor de um “fluxo contínuo planetário”, Evando busca atender ao “apelo vegetal” e destacar sua presença na literatura.

IHU On-Line – Quais são as especificidades do pensamento animal expresso na literatura?

Faustino Teixeira – Um traço fundamental presente na reflexão da crítica literária sobre o tema é a crítica ao excepcionalismo humano, abrindo espaços importantes para um olhar mais ampliado sobre os animais na literatura. Autores como Rosa e Clarice provocam os leitores para uma nova visada, “intensamente desfigurante”, desarticulando os preconceitos vigentes sobre o mundo animal e sobre a diferença em geral.

No caso de Rosa, a presença maravilhosa de sua reflexão em *Meu tio Iauaretê*, quando mostra a metamorfose essencial pela qual passa o oncoiro no conto. Cito também aqui a reflexão de José Miguel Wisnik⁴⁹, que

47 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, *Cadernos IHU em Formação* nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença*, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

48 Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimenta grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o maior autor da heteronímia. (Nota da IHU On-Line)

49 José Miguel Wisnik (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP. Graduado em Letras (Português), mestre e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Autor de *O Coro dos Contrários - a Música em Torno da Semana de 22* (Duas Cidades, 1977); *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira* (Brasiliense, 1982); *O Som e o Sentido* (Companhia das Letras, 1989); *Sem Receita - Ensaios e Canções* (Publfolha, 2004); *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil* (Companhia das Letras, 2008); *Machado Maxixe: O Caso Pestana* (Publfolha, 2008). (Nota da IHU On-Line)

foi colunista do Globo, tendo destacado em crônicas do jornal reflexões singulares sobre o tema. Cito como exemplo seus argumentos desenvolvidos em favor do conceito de “gente” aplicado aos animais, com base nas reflexões de Donna Haraway e Eduardo Viveiros de Castro. Como bem sinaliza, “gente é quem compartilha o ser-estar com o outro, com palavras e sem palavras, numa zona definível e indefinível onde se trocam senhas e recados do existir”.

Em postagem no Facebook, de dezembro de 2013, Wisnik sinaliza que “tudo que olha é gente. Da perspectiva da onça, o nosso sangue é a cerveja dela”. O olhar e o ser olhado como o tocar e o ser tocado, que vigoram entre os seres multiespécies, guarda um vigor e significado que diz bem mais do que as palavras. Como lembra Wisnik, “os bois de Guimarães Rosa são gente, demasiado gente, puxando os carros ou levados em tropa para o matadouro, num mundo em que a permeabilidade da vida com a vida é ainda abundante”.

IHU On-Line – Por outro lado, quais são as especificidades do pensamento vegetal expresso, por exemplo, no pensamento de Stefano Mancuso?

Faustino Teixeira – O biólogo Stefano Mancuso esteve também na Flip dedicada ao pensamento vegetal. No Brasil estão saindo livros importantes que ele escreveu, entre os quais, *Revolução das plantas*⁵⁰ e *A incrível viagem das plantas*⁵¹, esses dois pela editora UBU, que tem privilegiado esse tema. Mancuso sublinha que as plantas, enquanto organismos vivos, são profundamente capazes “de aprender com a experiência”. São portadoras de “cognição” específica e de mecanismos singulares de memorização. Elas, de forma extraordinária, lembram-se muito bem do momento em que devem florescer. As plantas, diz Mancuso, estão em nosso cenário há muito tempo, cerca de 600 milhões de anos e a quantidade de sua biomassa constitui ao menos 80% do peso de tudo que está vivo sobre a Terra.

É algo de extraordinário e provocador. Elas sabem como lidar com os predadores, com seus mecanismos de resiliência. Como diz o autor, “sem poder escapar como qualquer animal faria, a única possibilidade de sobrevivência é resistir à predação; não se

50 São Paulo: Ubu Editora, 2019. (Nota da IHU On-Line)

51 São Paulo: Ubu Editora, 2022. (Nota da IHU On-Line)

curvar a ela”. Trata-se de uma estupidez, diz o autor, imaginar que falta sensibilidade às plantas. Os vegetais sabem como evitar os problemas, buscar soluções para as intempéries, encontrando caminhos peculiares de sobrevivência apesar do calor, do frio ou dos predadores. Para facilitar sua adaptação, os vegetais se servem do sistema radicular que ajuda a guiar a planta.

Nesse tempo em que assistimos a grandes devastações vegetais, ao desflorestamento necrófilo, deveríamos nos curvar para aprender com o mundo vegetal, e ter a consciência de que sem ele não poderemos sobreviver. As plantas são o “motor da vida”. Não há como viver sem esse suprimento essencial.

IHU On-Line – Por que a despeito de nosso antropocentrismo, tal como sugere Anna Tsing, não podemos viver sem outras espécies?

Faustino Teixeira – Como já dissemos, estamos todos enredados num emaranhado de vida, onde as trocas são fundamentais. Nós precisamos das outras espécies para sobreviver. Precisamos dos animais, dos vegetais, dos fungos e dos minerais. Não há como querer escapar dessa dinâmica interespecies. Esse é o diálogo mais imprescindível hoje, caso contrário vamos esbarrar nas catástrofes, que já estão em curso.

Como indica Anna Tsing, já estamos num “mundo de pragas”, de “perturbação ecológica humana”. O caminho necrófilo já está aí, à vista. O desafio que se abre é o desafio de um aprendizado de convivência, de simbiose, de captação da metamorfose. Estamos diante da urgência de um novo modo de olhar o mundo, de deixar-se habitar pela diferença, deixar-se entrelaçar também pelas histórias não humanas. O diálogo interespecies é o caminho que se ergue diante de nós como possibilidade única para uma nova habitabilidade.

Anna Tsing nos convoca a ocupar as ruínas, o que significa aproveitar as brechas para o “trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós”. Temos que buscar uma nova arquitetura para além da miséria que habita a engenharia das *plantations*. Essa tecnologia fracassada é geradora de necrofilia. A saída não está na monocultura, mas no milagre dos “emaranhamentos nativos, humanos e não

humanos”. É um modo urgente de refazer paisagens habitáveis, de criar “assembleia de espécies”. Tsing fala em ressurgência, palavra rica e fundamental. E a entende como esse trabalho comum de muitos organismos em favor de habitabilidade multiespécies. Esse é o novo nome do diálogo, essencial para o nosso século XXI.

IHU On-Line – Qual a contribuição da virada animal e vegetal na literatura para a Teologia, campo no qual o senhor dedicou décadas de sua vida e é especialista?

Faustino Teixeira – O meu modo de ser teólogo modificou-se radicalmente depois dessas minhas experiências com o mundo da alteridade animal e vegetal. É um caminho irreversível que provoca, no meu caso, a necessidade de rever com seriedade toda a minha reflexão tradicional sobre os grandes temas da teologia. Chamo especial atenção para o questionamento do antropocentrismo que ainda habita o mundo católico e cristão. Mesmo o Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato si'*, ainda está refém de uma visão antropocêntrica, ainda que refute o que denomina “antropocentrismo desordenado”. Esta perspectiva foi questionada por Eduardo Viveiros de Castro em Simpósio no Instituto Católico de Paris⁵².

Permanece vigente uma visão que coloca o ser humano no centro e “acima das outras criaturas” (LS 119), o que não consigo aceitar nesse meu atual momento de reflexão. Não acredito que essa preocupação atual com o mundo imanente, essa celebração da matéria, seja algo problemático, ou como um “confinamento asfixiante”, como asseverou Francisco. Discordo dessa posição, e acho que o futuro deve nos revelar caminhos novidadeiros também nesse campo no qual a teologia e a pastoral patinam. Os caminhos do diálogo são essenciais e devem fazer vibrar nossas cordas mais íntimas com outras melodias, vindas não só de outras tradições religiosas, como também de outras espiritualidades e desse fabuloso

⁵² A íntegra da conferência, em vídeo, está disponível em <https://bit.ly/3Hjgk9i>. (Nota da IHU On-Line)

mundo invisível, abaixo de nossos pés. É o grande aprendizado que se coloca diante de nós.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Faustino Teixeira – Sim, gostaria de acrescentar um tema que também tem me interessado nesse estudo do mundo invisível, sobretudo relacionado aos fungos. Chamo aqui a atenção para os estudos que estão em curso envolvendo os cogumelos fantásticos e que dizem respeito à terapia psicodélica. Falo aqui dos estudos incluindo a psilocibina⁵³. Em casos especiais de doenças terminais ou distúrbios psiquiátricos, o recurso a tais tratamentos tem se mostrado muito eficaz, assim como temos visto também com o uso terapêutico do canabidiol⁵⁴.

Em alguns casos, esses medicamentos funcionam como uma “reincialização do sistema”, abrindo janelas de respiro, alívio e apoio que são essenciais para lidar com a impermanência e o sofrimento; um caminho de flexibilidade mental capaz de ajudar na reorganização do mundo interior. Como indica Merlin Sheldrake no seu livro *A trama da vida*, esse recurso terapêutico é bem eficaz para lidar com o robusto modelo do “eu”, defendido a todo custo. No processo terapêutico, este “eu” vem atordoado e balançado, abrindo caminho para um sentimento distinto, de “fusão com algo maior e um novo senso de relação com o mundo”.

Abrem-se, assim, novas pontes da terapia com a espiritualidade. Com base no livro organizado por Paul Stametz, *Fungos fantásticos*⁵⁵, nos damos contas de pesquisas bem interessantes que estão sendo realizadas com o recurso dos medicamentos psicodélicos, como a psilocibina. O livro cita uma pesquisa divulgada por especialistas da John Hopkins University na qual ao menos 60% dos envolvidos manifestaram uma “experiência mística completa”.

53 A psilocibina é um alcaloide agonista serotoninérgico, princípio ativo dos chamados “cogumelos mágicos”, sendo encontrada predominantemente nos cogumelos do gênero *Psilocybe* sp., que têm sido utilizado milenarmente em rituais indígenas religiosos. (Nota da IHU On-Line)

54 Canabidiol (CBD): é uma das substâncias químicas canabinóides encontradas na *Cannabis sativa*, a maco-nha, e que constitui grande parte da planta, chegando a representar mais de 40% de seus extratos. (Nota da IHU On-Line)

55 Netflix, 2019. (Nota da IHU On-Line)



Nós, os humanos, somos outros

Rita Carelli, escritora, atriz e cineasta, reposiciona o debate em torno da condição humana a partir de seu contato com povos indígenas e suas cosmologias

João Vitor Santos | Edição: Ricardo Machado

A cisão moderna que colocou de um lado a natureza e de outro a cultura empobreceu a noção de humanidade, que, paradoxalmente, resulta das inspirações iluministas. Há, porém, povos e pensadores não modernos, com origem nas populações nativas do Brasil, que nos convidam a pensar a humanidade sob outros pontos de vista. “Ailton Krenak é um enorme pensador indígena cuja voz tem se amplificado ao afirmar em alto e bom som que a humanidade não existe, o que existem, sim, são muitas e diversas humanidades”, pontua Rita Carelli, em entrevista por e-mail à revista IHU On-Line.

“Há, nas diferentes nações indígenas, essa percepção que nos falta de estarem inseridas em um organismo maior e muito mais sábio do que nós em que tudo está interligado e é codependente. Uma sintonia fina com o lugar onde vivem, um conhecimento profundo dele, e uma clara noção de que somos natureza”, complementa.

A literatura tem ocupado um espaço importante neste contexto de jogar luz sobre modos de vida e existência não propriamente ocidentais, que nos levam a pensar o conceito de humanidade para além das fronteiras hegemônicas. “Nessas histórias, que alguns chamam de mitos, mas que os próprios narradores muitas vezes preferem chamar de histórias verdadeiras, os bichos são tios, tias, avôs, avós, amantes, professores dos humanos”, pondera Carelli. “As fronteiras entre humanos e não humanos são muito mais tênues e mutáveis e sua zooliteratura, se quisermos assim chamar, infinitamente mais rica”, justifica.



Rita Carelli é atriz e diretora formada pela Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq, em Paris. Fez estágios com Ariane Mnouchkine, Maurice Durozier, Eve Doe Bruce e Juliana Carneiro da Cunha do Théâtre du Soleil. Trabalhou durante anos como palhaça na ONG Doutores da Alegria e como atriz, diretora e dramaturga de várias peças teatrais. Entre seus trabalhos mais recentes no cinema estão o longa *Abaixo a Gravidade*, de Edgard Navarro, que encerrou o quinquagésimo Festival do Cinema Brasileiro de Brasília, e a minissérie *Diários da Floresta*, de Luiz Arnaldo, exibida pela TV Cultura e Canal Brasil. Seu currículo completo e seus trabalhos podem ser acessados em sua página pessoal: ritacarelli.com.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – É correto dizer que há em curso reflexões singulares em busca de um “outro humanismo”, que amplia o conceito de “nós”, e insere o ambiente nessa nova compreensão, problematizando a perspectiva antropocêntrica?

Rita Carelli – Sem dúvida. Há, em primeiro lugar, um pensamento que busca ampliar a questão da humanidade em si, que recusa a ideia hegemônica de humanidade que o pensamento eurocêntrico tentou nos fazer engolir goela abaixo nos últimos séculos. Ailton Krenak¹ é um enorme pensador indígena cuja voz tem se amplificado ao afirmar em alto e bom som que a humanidade não existe, o que existem, sim, são muitas e diversas humanidades. Nos debates atuais sobre o colapso climático que estamos enfrentando há, inclusive, tentativas de dividir a conta dessa catástrofe segundo os estragos causados no planeta por esses diferentes humanoides – que são escandalosamente diversos. Em seguida, há todo o debate sobre a insustentabilidade – e limitação – do chamado antropocentrismo. De como nós, seres humanos (ou ao menos uma parte deles), parcialmente nos cortamos do ambiente em que estamos inseridos e nos desligamos das outras formas de vida a partir de uma profunda prepotência que só nos empobreceu e que, aparentemente, vai nos levar à destruição.



IHŪ On-Line – O que seus trabalhos na minissérie *Diários da Floresta* (2017) e no longa *Antes o Tempo não Acabava* (2017) lhe revelaram sobre a importância de repensar o antropocentrismo? Quais foram suas descobertas mais significativas?

Rita Carelli – Não sei se esses foram trabalhos que especialmente me fizeram repensar o antropocentrismo, mas, antes, entrar em contato com outras humanidades. *Diários da Floresta* é uma minissérie dirigida por Luiz Arnaldo e inspirada no lindo livro homônimo de Betty Mindlin que narra a aproximação dessa incrível mulher e antropóloga com mundo Suruí Paiter e, claro, com a floresta. Um encontro que a permeia por todos os poros até que ela própria tenha sua natureza ocidental-urbana-branca-burguesa profundamente abalada. Em *Antes o Tempo não Acabava*, filme de Sérgio Andrade e Fábio Baldo, Anderson, o protagonista indígena, está trilhando exatamente o caminho inverso ao se afastar de sua comunidade e tentar se inserir no anonimato da grande cidade de Manaus, mas sua identidade não pode ser simplesmente apagada ou substituída. São bons exemplos de “choques” de humanidades.

IHŪ On-Line – Como compreendes a ideia de “luta por um mundo onde caibam todos os mundos”, fala de sua personagem em *Diários da Floresta* (2017)?

Rita Carelli – A Ceci, personagem de *Diários* inspirada em Betty, diz essa frase para um missionário protestante que acaba de fazer um severo julgamento moral sobre um costume indígena do povo que lhe é anfitrião. Essa resposta, antes de tudo, admite essa pluralidade de mundos, humanos e extra-humanos e, em seguida, manifesta o desejo de que eles possam coexistir sem se aniquilarem. É uma fala contra a hegemonia, o fundamentalismo excludente, que protesta sobre um julgamento de moral que se julga superior e absoluto.

IHŪ On-Line – Qual sua percepção sobre como os indígenas se colocam no mundo? O quanto dessa percepção está em *Minha Família Enaunenê*, seu livro de 2018?

Rita Carelli – Há, nas diferentes nações indígenas, essa percepção que nos falta de estarem inseridas em um organismo maior e muito mais sábio do que nós em que tudo está interligado e é codependente. Uma sintonia fina com o lugar onde vivem, um conhecimento profundo dele, e uma clara noção de que somos natureza. Meu livro *Minha Família Enaunenê* conta um pouco dessa alegria de se integrar em uma comunidade humana e mais que humana. De fazer parte, mesmo que provisoriamente, de um povo em que a vida é cíclica, coletiva, cheia de sentido. Fala, entre outras coisas, da delícia de fundir-se ao rio e também de aprender a res-



peitar e temer os outros seres que dividem conosco a mesma casa, como a sucuri que cochila dentro daquela água.

IHU On-Line – Você também é autora de outros livros que trazem visões e cosmovisões indígenas. Como essa cosmologia pode nos ensinar acerca dos caminhos que a humanidade tem tomado (de degradação ambiental, pandemia, guerra...)? Por que você opta por narrativas lúdicas – e muito bem ilustradas – para revelar esses mundos?

Rita Carelli – Temos muito a aprender com os indígenas. E já estamos atrasados, tanto que caminhamos cegos e surdos pela nossa enorme arrogância. Só agora, diante da catástrofe em curso é que começamos timidamente a nos perguntar se não há algo errado em nossa forma de se relacionar com o planeta e uns com os outros. Eu tive a tremenda sorte de andar com meus pais em aldeias indígenas desde que nasci e essas narrativas são minha singela maneira de compartilhar um pouco do que pude ver e viver nessas andanças.

Durante muito tempo fiz livros com essas temáticas apenas para crianças, pois julgava que os adultos estavam carregados demais de preconceitos em relação aos indígenas e que o trabalho com eles seria muito mais duro e menos frutífero. Depois me chamaram para trabalhar como atriz em alguns projetos como os citados acima e resolvi escrever meu primeiro romance adulto com temática indígena e ambiental, o *Terrapreta*, que saiu em 2021 pela editora 34. Ao mesmo tempo participei da idealização e feitura dos livros de Ailton Krenak e, qual não foi nossa surpresa diante do enorme sucesso alcançado por eles! Talvez agora a falência da nossa sociedade – e a necessidade vital de aprender a viver de outra forma – já esteja mais óbvia do que há dez anos.

IHU On-Line – No curta *Hospedeira* (2014), há uma inspiração em Clarice Lispector² e sua ideia de que “perder-se também é caminho”. Em que medida o filme pode ser lido como um se perder enquanto humano para encontrar um caminho para a vida na Terra? Que relação entre o humano e a floresta o filme incita a pensar?

Rita Carelli – Nesse curta quis falar um pouco, através das imagens e do som, sobre essa visão esdrúxula que temos da natureza como algo externo, separado de nós, ao colocar uma personagem urbana dentro da mata tal qual um extraterrestre que tivesse acabado de aterrissar por aqui e, aos poucos, fazer com que ela começasse a ser capturada, permeada, depois espelhada e finalmente acolhida por aquela mata. Fazer com que,



“As crianças em geral se interessam muito mais pelos animais do que os adultos, são mais curiosas e abertas”

ao se perder, ela pudesse começar a se reencontrar. É um curta aparentemente simples, mas do qual gosto muito.

IHU On-Line – O que somos capazes de esconder e aprisionar sob a pele humana, no sentido ocidental do termo? Acredita que buscando uma outra pele somos capazes de nos revelar e nos libertar?

Rita Carelli – É uma pergunta difícil e muito profunda, mas acredito, sim, que temos limitado mediocrementemente nossas existências ao nos desconectarmos de outras. Acredito também que no mundo ocidental, tão aprisionado ao pensamento cartesiano e ao mundo visível, as narrativas lúdicas, como você chama, podem começar a nos ajudar a nos desaprisionar dessa pele, nos levando a nos imaginar em outras. O meu próximo livro infantil, *Menina Mandioca*, que vai sair em breve pela Mini Pallas, convida os leitores a se imaginarem planta, raiz, mandioca, em uma pequena viagem para dentro da terra.

IHU On-Line – O que a peça *O Carnaval dos Animais* (1886), cuja montagem de 2008 você participou, revela sobre pessoas e animais? O que reside nas analogias e metáforas do autor Camille Saint-Saëns e por que há essas referências a animais?

Rita Carelli – As crianças em geral se interessam muito mais pelos animais do que os adultos, são mais curiosas e abertas, e por isso tantas obras para crianças se debruçam sobre o mundo animal. Em *O Carnaval dos Animais*, Camille Saint-Saëns usa do mesmo recurso para expandir o universo sonoro das crianças, mesmo que dentro da tradição da música clássica europeia e também para encontrar novas inspirações para si próprio. É uma bela obra que fomos muito felizes em montar em Salvador, no Teatro Castro Alves com a Orquestra Sinfônica da Bahia e integrantes do então jovem projeto Neojibá, hoje já uma referência para programas de criação de orquestras infantis e juvenis no Brasil e no mundo.



IHU On-Line – O clássico conto de fadas Mamãe Ganso (Sec. XVII), do francês Charles Perrault – que deu origem ao concerto de Maurice Ravel e uma montagem trabalhada por você em 2009 –, é supostamente uma analogia a uma mulher contadora de histórias. Como compreender essas aproximações entre humanos e animais, ou a animalização de humanos, nas representações da literatura, música e teatro?

Rita Carelli – *Mamãe Ganso* foi o segundo concerto cênico que fizemos no mesmo contexto: com a Orquestra Sinfônica da Bahia e integrantes do Neojibá, com regência e idealização de Ricardo Castro e direção cênica e apresentação minhas. Estávamos trabalhando no Teatro Castro Alves na formação de público dos concertos sinfônicos e os resultados foram maravilhosos.

Ainda pretendíamos montar *Pedro e o Lobo*, mas, infelizmente, não tivemos tempo e apoio suficientes. De qualquer maneira, você cita aqui algumas excelentes obras da produção artística ocidental com inspiração no mundo animal, mas tenho a dizer que as histórias indígenas estão recheadas de animais (e não estamos falando aqui apenas de histórias para crianças já que essa categorização nem mesmo existe nas histórias tradicionais indígenas).

Nessas histórias, que alguns chamam de mitos, mas que os próprios narradores muitas vezes preferem chamar de histórias verdadeiras, os bichos são tios, tias, avôs, avós, amantes, professores dos humanos. E a eles dão conselhos, ensinam novidades, os enganam, com eles se casam ou fazem amor e, eventualmente, têm filhos. As fronteiras entre humanos e não humanos são muito mais tênues e mutáveis e sua zooliteratura, se quisermos assim chamar, infinitamente mais rica.

IHU On-Line – O que você compreende como zooliteratura? Em que medida inscreverias seus trabalhos – no cinema, teatro, música e literatura – nesse “gênero”?

Rita Carelli – Da mesma forma que os personagens animais (mas não só: também o rio, a lua, o fogo, o buriti e tantos outros personagens não humanos) permeiam, eu diria, a quase totalidade das histórias indígenas sem que exista uma categoria específica para isso, esses personagens, por osmose e naturalmente, vêm fazer parte de minhas obras. Minha vida está profundamente marcada pelos encontros que tive com mundos indígenas desde sempre e isso tornou-se inevitavelmente parte do que sou e de minhas obras.

Um “olhar zoo” para o descentramento da visão antropocêntrica sobre o mundo

Eduardo Jorge de Oliveira observa como a literatura e as artes têm promovido exercícios constantes para virar o humano do avesso e descentralizar suas percepções sobre a vida na Terra

João Vitor Santos



Se há um campo em que os bichos são soltos e vagam livremente é na literatura. A metáfora é representativa da percepção do professor Eduardo Jorge de Oliveira, pois compreende que “a zooliteratura contribui para o descentramento do olhar antropocêntrico, o que não deixa de ser um exercício de uma alteridade radical”. Ao longo da entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, demonstra como “a experiência de leituras de narrativas, ensaios, poemas a partir da zooliteratura permite um movimento que produz novos centros, mais deslocados do humano e mesmo do humanismo”. “Transformar um olhar antropocêntrico sobre o mundo tem sido um exercício constante da literatura e das artes para não deixar que determinados sentidos se cristalizem, a saber, o humano não é o centro do mundo como se pensou no Renascimento”, acrescenta.

Observando a litura como um território de não-saber, compreende essas experiências com a zooliteratura como algo que floresce da própria dimensão da escritura “que, no embate dos signos, é mais física do que metafísica”. Por isso, considera: “no que diz respeito ao olhar animal, não deixa de ser interessante vislumbrar que toda uma fauna sai de frases, literalmente habitando florestas de signos. Cada animal é capaz de encontrar um ritmo que é lhe próprio, pois a linguagem tanto é capaz de rastejar quanto de voar muito alto. Pode-se mugir na primeira pessoa do singular a ponto que a experiência pronominal pode redistribuir o ‘eu’ a cada animal”.

No entanto, para Oliveira, é reducionista pensar toda a virada humana através da zooliteratura circunscrita a onomatopeias e figuras de linguagem. Sua potência é mais do que isso. “De movimentos répteis a saltos felinos, há um perigo em cada parágrafo. Pode-se ficar à espreita em cada verso. Há na literatura um ‘zoo’ que se forma a partir de um conjunto de textos”, defende. Assim, muito mais produtivo é pensar quase que como uma cosmovisão, que, como ele já disse, descentraliza o olhar humano e faz, como num exercício de metamorfose, com que experimentemos outros lugares. “Um olhar zoo permite uma redistribuição de sentidos entre humanos e não-humanos. Isso não é um breve passo em meio a um estado perpétuo de negociação de existências, coletivas e individuais”, observa. E conclui: “a animalidade pode muito bem ser positivada como uma construção que redefine as fronteiras entre humanos e não-humanos. Talvez isso possa ser lido livremente como um ensaio e não como uma resposta definitiva”.



Eduardo Jorge de Oliveira é professor de Literatura Brasileira, Cultura e Mídia no Seminário de Romanística da Universidade de Zurique, na Suíça. Fez parte do Centro de História e de Teoria das Artes – CEHTA da École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Paris, e do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, da Universidade de Campinas – Unicamp. Possui doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em cotutela com a École Normale Supérieure de Paris. É autor do livro “A invenção de uma pele. Nuno Ramos em obras” (Iluminuras, 2018) e “Signo, sigilo. Mira Schendel e a escrita da vida imediata” (Lumme Editor, 2019).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Gostaria que o senhor iniciasse explicando no que consiste sua afirmação de que a literatura é o *genius loci* do animal por excelência.

Eduardo Jorge de Oliveira – Um ponto de partida para esta conversa é que a literatura é, por excelência, um lugar do não-saber. Suas formas de saber tanto são indiretas quanto se insurgem a partir de uma dimensão da própria escrita que, no embate dos signos, é mais física do que metafísica. Ou ainda: parte de sua metafísica vem de um corpo a corpo com as palavras. A partir desse breve movimento, são diversos os modos de composição de imagens que coexistem e que são singulares, pois cada um deles evoca novos mundos, inventa experiências.

No que diz respeito ao olhar animal, não deixa de ser interessante vislumbrar que toda uma fauna sai de frases, literalmente habitando florestas de signos. Cada animal é capaz de encontrar um ritmo que é lhe próprio, pois a linguagem tanto é capaz de rastejar quanto de voar muito alto. Pode-se mugir na primeira pessoa do singular a ponto que a experiência pronominal pode redistribuir o “eu” a cada animal. Essa é a base do que o formalista russo Viktor Chklovski¹ chamou de estranhamento (*Ostranenie*) em *A arte como procedimento*, de 1917. Experimente a máscara ou um exercício mimético: *eu mujo! eu ronrono! ou eu lato!* apenas para calcular a distância ontológica entre um humano e o animal que dispensa qualquer mimetismo e aciona devires, como propuseram Gilles Deleuze² e Félix Guattari³.

A linguagem literária tem uma abertura ao animal que não para apenas por aí nem se rende apenas ao jogo de onomatopeias. De movimentos répteis a saltos felinos, há um perigo em cada parágrafo. Pode-se ficar à espreita em cada verso. Há na literatura um “zoo” que se forma a partir de um conjunto de textos. Talvez não seja demasiado afirmar a existência de uma zooliteratura que contemple esse breve panorama diverso de linguagens animais que, por sua vez, nunca estão isoladas de uma anima-

1 Viktor Borisovich Shklovsky (1893 – 1984) : também grafado como Shklovskii ou Chklovski, foi um crítico literário, escritor e cenógrafo russo e soviético. Foi considerado um dos principais expoentes do Formalismo Russo, importante pela conceitualização do estranhamento na arte, e foi organizador da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (Obscestvo izucenija Poeticeskogo Jazyka - OPOJAZ) em São Petesburgo. (Nota da IHU On-Line)

2 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

3 Pierre-Félix Guattari (1930-1992): filósofo e militante revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com Gilles Deleuze, escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?* Félix Guattari, dotado de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor. (Nota da IHU On-Line)

lidade, mas ela possui um contato direto e indireto com o ambiente. Sua existência possui e constrói lugares na linguagem.

IHU On-Line – Em que medida a zooliteratura faz avançar numa transformação do olhar antropocêntrico sobre o mundo?

Eduardo Jorge de Oliveira – A zooliteratura contribui para o descentramento do olhar antropocêntrico, o que não deixa de ser um exercício de uma alteridade radical. A experiência de leituras de narrativas, ensaios e poemas a partir da zooliteratura permite um movimento que produz novos centros, mais deslocados do humano e mesmo do humanismo.



Imagem Pixhere / CC

Transformar um olhar antropocêntrico sobre o mundo tem sido um exercício constante da literatura e das artes para não deixar que determinados sentidos se cristalizem, a saber, o humano não é o centro do mundo como se pensou no Renascimento. As combinações e hibridações

teóricas a partir de outras abordagens permitem, inclusive, descentralizar quais humanos estão no centro da humanidade.

Escritos de pensadores indígenas, textos feministas, queer, LGBTQ+ e mesmo teóricas e teóricos da literatura têm estado atentas e atentos a esse fenômeno. Se fizermos uma elipse de um humanismo à humanidade, dois termos que são generalizações, encontra-se um núcleo muito bem definido sob a forma de um clube, como muito bem definiu Ailton Krenak⁴. Um olhar zoo permite uma redistribuição de sentidos entre humanos e não-humanos. Isso não é um breve passo em meio a um estado perpétuo de negociação de existências, coletiva e individuais.

O humano, uma invenção recente

Esse olhar antropocêntrico tem uma história e, com isso, não custa lembrar o que escreveu Michel Foucault⁵ no prefácio de *As palavras e as coisas*⁶, que é uma pequena obra-prima. Ele escreveu que o homem, ou melhor, o humano, é uma disposição relativamente recente, uma dobra na ordem do conhecimento e que provavelmente desaparecerá quando encontrar uma nova forma. Sendo o homem uma invenção recente, a própria linguagem se presta a uma plasticidade que altera a sua constituição.

Uma imaginação de olhos abertos

Para retornar de outro modo à dinâmica entre uma metafísica e uma dimensão física da escrita, pode-se dizer que nesses exercícios de alteridade se passa de uma reflexão a uma flexão. Mais - ou menos - que pensar, é preciso imaginar estas novas formas ou configurações do humano. A literatura nos ajuda a imaginar de olhos abertos. Há algo dessa nova forma humana nas transformações e metamorfoses de literaturas de todas as épocas.

E literatura pode ser entendida no sentido mais amplo do termo: narrativas, histórias e suas respectivas fusões com mitos. O “zoo” da zo-

4 Ailton Alves Lacerda Krenak: mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953), é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à tribo indígena crenaque. É autor de vários livros, entre eles *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019). (Nota da IHU On-Line)

5 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjgFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

6 *Palavras e coisas: uma arqueologia das ciências humanas*: livro do filósofo francês Michel Foucault publicado pela primeira vez em 1966. Foi traduzido para o português por Salma Tannus Muchail, em 1981. A obra trata basicamente sobre duas teses: que a história, ao menos nos períodos abordados pelo autor, pode ser compreendida como descontínua e que a noção de sujeito enfrenta uma série de problemas. (Nota da IHU On-Line)

oliteratura, isto é, seu valor de prefixo, sincroniza de tais flexões, declinando o humano para além de seus limites e fronteiras.

IHU On-Line – Ver o bicho como gente é o mesmo que ver gente como bicho? Por que parece haver “segredos” e “sentimentos” que só os bichos são capazes de revelar?

Eduardo Jorge de Oliveira – Não é a mesma coisa, mas pode ser um exercício de idas e voltas. Vejamos o exemplo do gênero “fábula” que, mesmo sendo uma resposta de La Fontaine⁷ a Descartes⁸ e sua posição em relação aos estados da alma, não se dissociou de um fundo moral e moralizante no qual os animais acabam por assumir um papel mediador de uma mensagem de humano para humano.

Fui bem mais crítico a essa ideia de fábula durante o período de pesquisa e de escrita de uma tese de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (2010-2014). Hoje, vejo que não é possível ser tão rígido com o gênero. A fábula mesma produz seus deslocamentos e seu efeito moralizador pode ser limitado. As fábulas também enriquecem um repertório de ações, sobretudo para as crianças. Sem reduzi-la a um instrumento pedagógico, há modos de transmissão de segredos e de sentimentos que estão mais próximos dos animais.

De bicho a gente e de gente a bicho, revelando segredos que continuam em segredo

A literatura é a arte que, por excelência, transmite segredos mantendo segredos do mesmo modo que ela pode ativar em nós um arquivo de sentimentos que possuímos e que vem de um fundo comum compartilhado com outros viventes. No movimento de bicho a gente e de gente a bicho no limite da fábula há o livro *Onde a onça bebe água*⁹, de Veronica

7 Jean de La Fontaine (1621 —1695): poeta e fabulista francês. A sua grande obra, “Fábulas”, escrita em três partes, no período de 1668 a 1694, seguiu o estilo do autor grego Esopo, o qual falava da vaidade, estupidez e agressividade humanas através de animais. La Fontaine é considerado o pai da fábula moderna. (Nota da IHU On-Line)

8 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da IHU On-Line)

9 São Paulo : Cosac & Naify, 1ª edição, 2015. (Nota da IHU On-Line)

No extracampo da fábula existem os mitos. As cosmogonias ameríndias estão repletas de histórias que realizam essas passagens ou que marcam uma ancestralidade comum, totalmente animal

Stigger¹⁰, que revisita brilhantemente a dimensão perspectivista da obra de Eduardo Viveiros de Castro¹¹. A fábula comporta um divertimento que é capaz de deslocar a perspectiva de bichos a humanos e de humanos aos bichos e mais de lembrar que o humano é um bicho, um bicho que se esconde na mata dos sentidos.

A fábula de La Fontaine “um animal na lua”¹² tem algo assim: “Enquanto um filósofo assegura/ que os homens são sempre enganados pelos sentidos,/ outro filósofo jura/ que eles nunca os enganaram./ Ambos estão certos; e a Filosofia/ diz certo, quando diz que os sentidos enganarão/ desde que sua relação os humanos julgarão/ Mas se também corrigirmos/ a imagem do objeto na sua distância/ no meio que o rodeia,/ no órgão e no instrumento,/ os sentidos não enganarão ninguém”.

No extracampo da fábula existem os mitos. As cosmogonias ameríndias estão repletas de histórias que realizam essas passagens ou que marcam uma ancestralidade comum, totalmente animal. Eles exploram inclusive os estados intermediários das transformações e metamorfoses entre bicho e gente, entre gente e bicho. Finalmente, parafraseio a sua pergunta afirmando que parece haver “segredos” e “sentimentos” que só a literatura é capaz de transmitir sem revelar.

10 Veronica Stigger: é escritora, crítica de arte e professora universitária. Possui doutorado em Teoria e Crítica de Arte pela Universidade de São Paulo - USP e realizou pesquisas de pós-doutorado na Università degli Studi di Roma «La Sapienza», no Museu de Arte Contemporânea da USP e no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. É coordenadora do curso de Criação Literária da Academia Internacional de Cinema e professora dos cursos de pós-graduação em História da Arte e Fotografia da FAAP, em São Paulo. Como curadora, foi responsável pelas exposições Maria Martins: metamorfoses e O útero do mundo, ambas no MAM-SP (2013 e 2016), e, com Eduardo Sterzi, Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo, no SESC Ipiranga (2015). É autora de dez livros de ficção, entre eles Os anões (Cosac Naify, 2010), Delírio de Damasco (Cultura e Barbárie, 2012), Opisanie świata (Cosac Naify, 2013) e os infantis Dora e o sol (Editora 34, 2010) e Onde a onça bebe água (Cosac Naify, 2015, em coautoria com Eduardo Viveiros de Castro). Com Opisanie świata, seu primeiro romance, recebeu os prêmios Machado de Assis, São Paulo (autor estreado) e Açorianos (narrativa longa). Seu último livro é Sombrio Ermo Turvo (Todavia, 2018). Concedeu a entrevista O homem nu nos redimirá, na edição 543 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/39aCR8C>. (Nota da IHU On-Line)

11 Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife à edição 161 da IHU On-Line, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu Arawete: O Povo do Ipixuna (São Paulo: CEDI), A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e Metafísicas canibais (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

12 Un Animal dans la Lune - um animal na Lua - de ‘Fábulas’ de Jean de La Fontaine (Lafontaine) (1621-95). (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Podemos compreender *A Metamorfose* (1915), do escritor Franz Kafka¹³, como uma zooliteratura? Como ler a transformação de Gregor, o homem que vira uma barata gigante, não apenas como metáforas, mas também como uma virada antropológica que faz também o ser humano se virar do avesso?

Eduardo Jorge de Oliveira – Frequentei um curso de Jeanne Marie Gagnebin¹⁴ sobre Kafka em que ela enfatizou que “Ungeziefer” não é necessariamente uma “barata”, mas um tipo de inseto ou um animal daninho que pode causar vários tipos de transtornos, inclusive sanitários e econômicos ou comportamentais. Mantenho essa informação viva e ela sempre age quando leio e releio este texto de Kafka. Via tradução, a barata entra por metonímia e funciona muito bem. Existe essa possibilidade posta na questão, mas fico tentado a ler – também pelas vias da

¹³ Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo «kafkiano» popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Jeanne Marie Gagnebin de Bons (Lausanne, 1949): é uma professora, filósofa e escritora suíça, residente no Brasil desde 1978. Especialista na obra de Walter Benjamin, é autora ou coautora de vários livros; escreveu inúmeros artigos e organizou diversas coletâneas de textos. (Nota da IHU On-Line).



metáfora – sob uma intensificação do humano a ponto que essa poderia muito bem ser a fábula do homem do século XX por excelência.

Kafka é um exemplo de escritor que soube transmitir segredos e sentimentos de modo muito bem codificado e elegantemente simples. Há uma grande fortuna crítica sobre esse texto de Kafka e não irei me ater a nenhum detalhe interpretativo, salvo um com o qual me deparei recentemente, o de Marc Alain Oaknin¹⁵. Profundo conhecedor da Kabala, Oaknin propõe uma leitura anagramática do conto na qual UNGEZIEFER seria ZERUFGENIE, que entre o hebreu, o iídiche e o alemão, existe um gênio da permutação (pesado e permutado: “zerafane”, “zeruf”).

Cito parte do texto: “Anagramatologia sutil que talvez nos convida a descobrir um último segredo de Kafka, o da *Metamorfose!* Pois insisti passando pelo fato que o termo ‘gênio’, em alemão *Genie*, era uma das palavras que faz parte tanto do léxico dos seus cadernos de hebreu, mas também da anotação do dia 16 de janeiro de 1922 na ‘Kabbala’. Se tornou claro que essa literatura ‘que teria muito bem podido se tornar uma nova doutrina secreta, uma nova Kabbala’, criava raízes simultaneamente nos tempos antigos e nos novos tempos, *Alt* e *Neu*, isto é, que ela oferecia esta experiência das palavras em movimento que produzem imagens do mundo cada vez mais renovadas pela permutação das letras das palavras, pelo ‘gênio do *zeruf*’.”

Podemos nos valer dessa leitura para situar a própria literatura como um lugar anagramático entre humanos e não-humanos. Que esse prefixo “não-” seja um signo de abertura para todas as permutações de existências, as possíveis e as impossíveis em direção ao avesso do avesso do avesso.

IHU On-Line – Em que medida esse exercício proposto pela literatura de o humano se virar do avesso é um movimento contrário ao antropocentrismo? Como isso impacta as relações entre as pessoas e da própria humanidade com as outras formas de vida na Terra?

Eduardo Jorge de Oliveira – Que esse avesso ou esses avessos produza(m) novas dobras, novas epidermes, novas formas de vida às quais se incluem as mais ancestrais e as que estão por vir. Se há um lugar em que a literatura atua, esse lugar é muito micro: micropolítico, no sentido de Félix Guattari e Suely Rolnik¹⁶, que implica em um espaço de circulação de desejos e, ao mesmo tempo, a animalidade nessa disposição não se

15 Marc-Alain Ouaknin (1957): rabino e filósofo, filho do rabino Jacques Ouaknin e Eliane Erlich Ouaknin. Seu pai é o Grande Rabino das cidades francesas de Reims, Lille, Metz e Marselha. Ouaknin dedicou sua obra mais conhecida, O Livro Queimado, «a meu pai, meu mestre, Grande Rabino Jacques Ouaknin». (Nota da IHU On-Line)

16 Suely Rolnik: é psicoterapeuta, crítica cultural, professora e integrante do Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de professora convidada do Programa de Estudos Independentes do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MacBa). Suas pesquisas e trabalhos acadêmicos são dedicados às políticas de subjetivação através de uma perspectiva transdisciplinar. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenadora e participante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica desta instituição. (Nota da IHU On-Line)

resume a pulsões, instintos ou tudo aquilo que é da ordem do irracional e da loucura.

A animalidade pode muito bem ser positivada como uma construção que redefine as fronteiras entre humanos e não-humanos. Talvez isso possa ser lido livremente como um ensaio e não como uma resposta definitiva. Há uma diversidade que se forma em termos de uma paisagem literária diversa que permite, inclusive, recuperar outros textos e formas de vida do passado, colaborando, assim, para novas tradições. O que tem ocupado meu tempo é: não seria cada “avesso” uma nova possibilidade de forma poético-narrativa dissidente daquela que não apenas põe o humano no centro do universo, mas um grupo seletivo deles? Se pudermos falar de um “comunismo” nos tempos atuais, esse “comunismo” seria um novo fundo comum entre humanos e não-humanos.

IHU On-Line – Wilson Bueno¹⁷ escreve, como o senhor tipifica, uma “zoologia literária”. Como podemos compreender os deslocamentos que o autor propõe em obras como *Manual de Zoofilia* (1997), *Jardim Zoológico* (1999), *Cachorros do Céu* (2000) e uma das suas últimas obras, *O Gato Peludo e o Rato-de-Sobretudo* (2009)?

Eduardo Jorge de Oliveira – Permito-me enviar a questão à dissertação de mestrado defendida em 2009 na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG¹⁸: *Manuais de zoologia. Os animais de Jorge Luis Borges¹⁹ e Wilson Bueno*. Na última parte me refiro aos saberes e afetos constituídos nas obras de ambos. Os dois primeiros livros mencionados, *Manual de Zoofilia* e *Jardim Zoológico* são bem borgianos. Wilson Bueno lida afetivamente com os limites da classificação. Esse gesto o inscreve num movimento de escrita singular.

Desse estudo, excluí deliberadamente o *Cachorros do céu* por tê-lo lido sob o viés da fábula. No entanto, incluí outro livro que merece ser urgentemente reeditado: *Mar Paraguayo*, de 1992. Nesse último livro é a língua que se animaliza, alguns limites do português com o espanhol são borrados e desse espaço emergem palavras guaranis. Tais deslocamentos

17 Wilson Bueno (1949 - 2010): escritor, cronista e poeta paranaense. Ao longo de sua vida construiu duas obras: a sua literatura - reconhecida como uma das mais interessantes e importantes entre os escritores brasileiros dos últimos 40 anos, que lhe rendeu 16 livros - e o jornalismo - como editor de O Nicolau e colaborador em vários jornais conceituados do país. Faleceu no dia 30 de maio de 2010, na cidade de Curitiba, onde vivia desde a década de 1970. (Nota da IHU On-Line)

18 A referida dissertação está disponível em <https://bit.ly/3trJ9dY>. (Nota da IHU On-Line)

19 Jorge Luis Borges (1899-1986): escritor, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino. Em 1914, sua família mudou-se para Suíça, onde estudou e de onde viajou para a Espanha. Quando regressou à Argentina em 1921, começou a publicar os seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor universitário. Em 1955, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961, destacou-se no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores, o Prêmio Formentor Internacional, repartindo-o com o dramaturgo Samuel Beckett. No mesmo ano, recebeu a condecoração da Ordem do Comendador do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. O seu trabalho foi traduzido e publicado extensamente nos Estados Unidos e na Europa. Borges era fluente em várias línguas. Os seus livros mais famosos, *Ficções* (1944) e *O Aleph* (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores e livros fictícios, religião, Deus. A sua fama internacional foi consolidada na década de 1960, ajudado pelo boom latino-americano e o sucesso de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. (Nota da IHU On-Line)

linguísticos podem muito bem se inscrever numa zoologia literária. Um dos exemplos da animalização pela língua vem de uma das personagens, a marafona do balneário, que tem um cão chamado Brinks.

Ao chamar afetivamente o seu “cãozinho”, ela produz uma minituarização da sua mascote de companhia entrando em um jogo verbal guarani: “Brinks’michimirá’itotekemi”, que, segundo o autor, “tamanho aglutinação de sufixos diminutivos acoplados ao nome próprio, Brinks, realiza em guarani o que só pode ser visto através de um microscópio, tornando a coisa diminuída, algo (quase) invisível; na sugestão do texto, o que não pode ver ou o que efetivamente, no caso, *não existe*”.

É por uma dimensão do afeto que o animal passa a ter uma existência literária simultaneamente real e imaginária, o que escapa mesmo dos sistemas borgianos de classificação com o seu célebre *Manual de zoologia fantástica*, de 1957. Além disso, Wilson Bueno foi um grande fabulador. *Mar Paraguayo*, por exemplo, é uma grande fábula da língua, à qual podemos associar as obras de Douglas Diegues²⁰ e de Josely Vianna Baptista²¹.

IHU On-Line – Que associação e dissociações podemos fazer entre a obra de Wilson Bueno e Franz Kafka?

Eduardo Jorge de Oliveira – A relação mais direta está em um dos livros de Wilson Bueno, *A copista de Kafka*, de 2007. Wilson Bueno dispunha de um grande talento individual para se inserir na tradição kafkiana para nela inventar sua herança. O livro começa pelo trecho do diário de Felice Bauer, que escreve no dia 14 de agosto de 1912: “Já me sinto afeiçoada a este senhor Franz, de sobrenome Kafka, como se o conhecesse há muito tempo, creio que desde antes do Gênesis.” No livro, há narrativas de um dente narrador, de um lenhador leproso, o povo dos urubus, uma mulher-tigre e fantasmas que vivem em um palácio sem se dar conta que são fantasmas. Esses são apenas alguns exemplos de associações e de dissociações que se pode fazer entre Bueno – Felice – e Kafka, mas, sem dúvida, há outras.

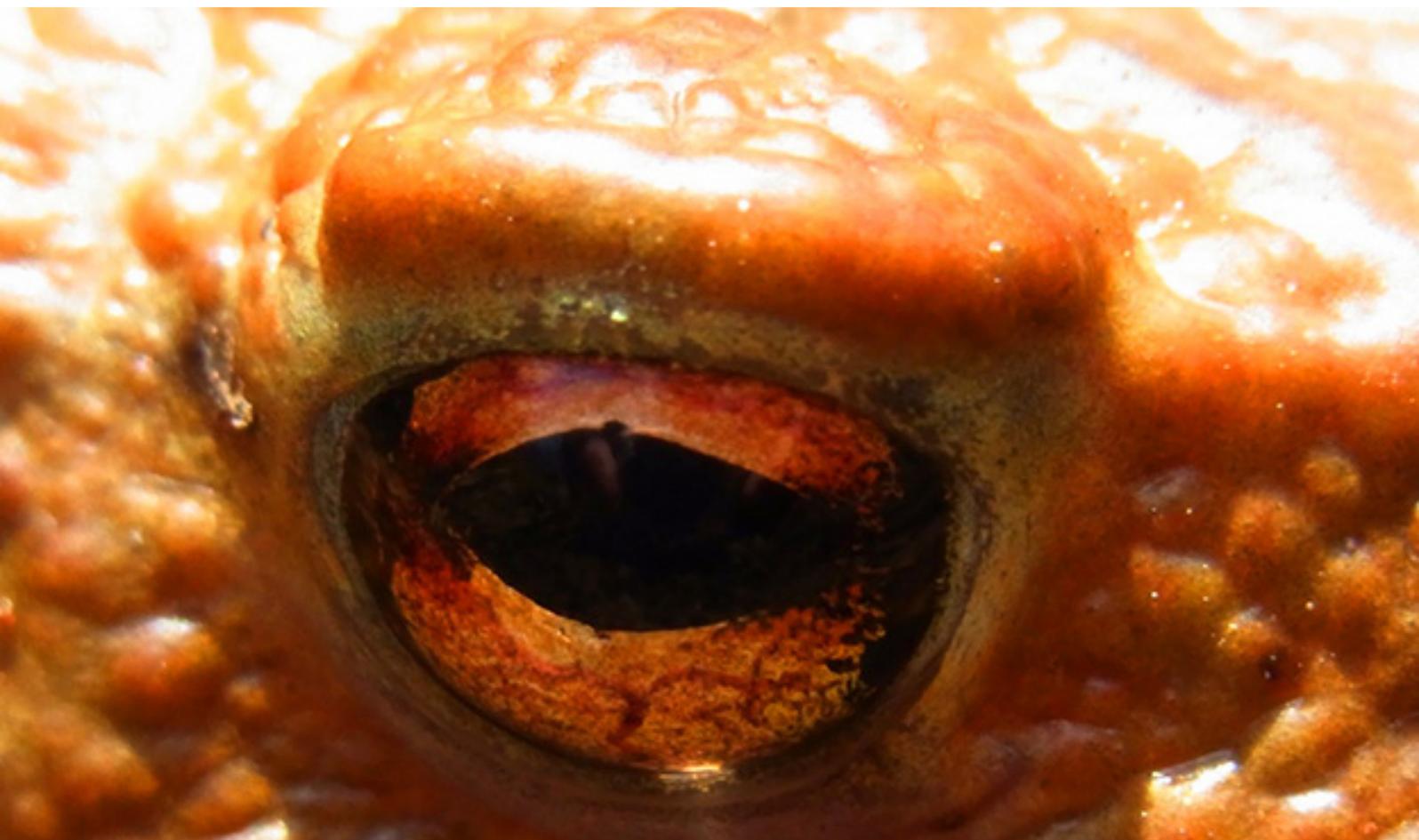
20 Douglas Diegues (1965): poeta considerado de vanguarda e coautor de estudo que é considerado um dos mais sérios sobre as poéticas de povos indígenas do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

21 Josely Vianna Baptista (1957): poeta e tradutora. Publicou, entre outros, *Ar* (Iluminuras, 1991), *Corpografia* (Iluminuras, 1992), *Sol sobre nuvens* (Perspectiva, 2007) e *Roça barroca* (Cosac Naify, 2011), que reúne os mitos poéticos da criação do mundo dos guarani mbyá e poemas de autoria própria. Editou a coleção *Cadernos de Ameríndia*, dedicada à cultura de etnias indígenas sul-americanas. Como tradutora, é referência no campo da literatura hispano-americana ao verter para o português mais de cem obras de grandes autores, como Julio Cortázar, Jorge Luis Borges e José Lezama Lima. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Nos livros de Bueno, o senhor identifica muito do imaginário medieval, especialmente o bestiário. Como analisa essa literatura da Idade Média, cheia de bestas, demônios e monstros, tendo a zooliteratura e essa virada do homem pelo avesso em perspectiva?

Eduardo Jorge de Oliveira – O bestiário é um gênero textual mais antigo que a própria Idade Média. Aliás, o primeiro bestiário do qual se tem notícia é *O fisiólogo*, do século IV da nossa era. Esse modo de relacionar animais e seres imaginários encontrou um território fértil na imaginação coletiva na Idade Média, à qual o gênero é associado.

Essa imaginação encontrou na colonização uma forma de viajar em naus e os animais do novo mundo – desconhecidos na Europa – não tardaram a ser identificados com criaturas descritas nos bestiários. Uma preguiça, um tamanduá ou um tatu são apenas alguns exemplos do que pode ser reinterpretado por viajantes. A América Latina, sua geografia e paisagem tanto é contemporânea da invenção da perspectiva e do aprimoramento da arte cartográfica quanto da descoberta de novas estrelas: o céu espelhava o mar ao dar direções mais seguras aos viajantes do que



deusas que porventura poderiam aparecer para mostrar uma máquina do mundo.

Os animais e deuses que ocupavam os mapas pouco a pouco se tornaram constelações. Até onde pude pesquisar, é Borges que reintroduz o bestiário como gênero na literatura latino-americana com *O manual de zoologia fantástica*, de 1957. Cortázar²² havia publicado um livro de contos sob esse título, *Bestiário*, em 1951. Wilson Bueno prolongou o gesto borgiano com *Manual de zoofilia*.

IHU On-Line – Além de Bueno, mais contemporaneamente, o senhor identifica em Jorge Luis Borges uma zooliteratura. Que zooliteratura é essa, o que ele propõe? E como as obras de Borges conversam com as de Bueno?

Eduardo Jorge de Oliveira – Podemos delimitar a zooliteratura a partir dos *animais por escrito* tal como escreveu Maria Esther Maciel²³ em diversas ocasiões e livros no qual incluo *O animal escrito*, de 2008. É a partir do seu trabalho que podemos nos movimentar por esse campo no Brasil. Por isso, cito seu breve ensaio “Exercícios de zooliteratura”: “cada escritor busca criar uma forma de encontro com a outridade²⁴ animal, seja através do pacto, da aliança e da compaixão, seja pela entrada no espaço desses outros, seja pela tentativa ilusória de figuração ou de incorporação de uma subjetividade alheia, o registro ficcional sobre animais se faz sempre como um desafio à razão e à imaginação. São tentativas que indicam tanto a nossa necessidade de apreender algo deles, quanto um desejo de recuperar nossa própria animalidade perdida ou recalcada, contra a qual foi sendo construído, ao longo dos séculos, um conceito de

22 Julio Cortázar (1914-1984): escritor e professor argentino nascido na Bélgica. Em 1951, aos 37 anos, por não concordar com a ditadura na Argentina, partiu para Paris (França), graças a uma bolsa de estudo do governo francês de dez meses, mas acabou se instalando definitivamente no país, até sua morte. Trabalhou durante muitos anos como tradutor da Unesco. Cortázar casou com a tradutora argentina Aurora Bernárdez em 1953. Passavam por dificuldades econômicas até surgir a oportunidade de Cortázar traduzir a obra completa, em prosa, de Edgar Allan Poe para a Universidade de Porto Rico. Esse trabalho foi considerado pelos críticos como a melhor tradução da obra do escritor. Em 1973, recebeu o Prêmio Médicis por seu *Libro de Manuel* e destinou seus direitos à ajuda dos presos políticos na Argentina. Em 1974, foi membro do Tribunal Bertrand Russell II, reunido em Roma para examinar a situação política na América Latina, em particular as violações dos direitos humanos. Em 1983, com a redemocratização da Argentina, Cortázar fez uma última viagem ao seu país natal, onde foi recebido calorosamente por admiradores, em contraste com a indiferença das autoridades nacionais. Depois de visitar vários amigos, regressou a Paris. Pouco depois recebeu a nacionalidade francesa. Carol Dunlop, sua última esposa, faleceu em 2 de novembro de 1982, o que causou uma profunda depressão em Cortázar. Ele morreu de leucemia em 1984, sendo enterrado no Cemitério do Montparnasse, na mesma tumba de Carol, onde se ergue a imagem de um «cronópio», personagem criado pelo escritor. É considerado um dos autores mais inovadores e originais de seu tempo, mestre do conto curto e da prosa poética, comparável a Jorge Luis Borges e Edgar Allan Poe. Foi o criador de novelas que inauguraram uma nova forma de fazer literatura na América Latina, rompendo os moldes clássicos mediante narrações que escapam da linearidade temporal e nas quais os personagens adquirem autonomia e profundidade psicológica inéditas. Seu livro mais conhecido é *Rayuela* (*O Jogo da Amarelinha*), de 1963, que permite várias leituras orientadas pelo próprio autor. Outras obras: *Bestiário* (1951), *As armas secretas* (1959), *Histórias de cronópios e de famas* (1962), *Todos os fogos o fogo* (1966), *Livro de Manuel* (1973) e *Octaedro* (1974). Cortázar inspirou um grande número de cineastas, entre eles o italiano Michelangelo Antonioni, cujo longa-metragem *Blow-Up* foi baseado no conto *As babas do Diabo* (do livro *As Armas Secretas*). (Nota do IHU On-Line).

23 Maria Esther Maciel: escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com Pós-Doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional «Problematising Global Knowledge -The New Encyclopaedia Project», do Theory, Culture & Society Centre, da Nottingham Trent University (Inglaterra). (Nota da IHU On-Line)

24 Outridade: é o mesmo conceito de «alteridade», do filósofo Mikhail Bakhtin, ou seja, é uma teoria que afirma que o ser humano depende de ser humano para se constituir em uma relação social. (Nota da IHU On-Line)

“Uma animalidade por vir, uma escrita que possui um ritmo e não um desejo cognitivo de aprender algo dos animais, mas que se animaliza seja por mimetismo e repetições”

humano e de humanidade. Afinal, foi precisamente através da negação da animalidade que se forjou uma definição de humano, não obstante a espécie humana seja fundamentalmente animal”.

Esse marco é um excelente ponto de partida para pensar o que tem me ocupado mais: uma animalidade por vir, uma escrita que possui um ritmo e não um desejo cognitivo de aprender algo dos animais, mas que se animaliza seja por mimetismo e repetições, seja por produções de diferença no próprio texto. Esses sentidos se combinam e se misturam. Em relação a Borges e a Bueno, suas obras possuem elementos dessa ordem. Do *Manual de zoologia fantástica*, de Borges, ao *Manual de zoofilia*, de Bueno, existe um exercício de filiação, de aliança, de invenção de uma animalidade literária.

IHU On-Line – Na filosofia, há quem busque compreender o mundo pela metafísica. Podemos afirmar que na zooliteratura há uma busca pela compreensão do humano através do que reside nele de animal?

Eduardo Jorge de Oliveira – Ou dos signos de uma animalidade por vir e não uma animalidade perdida. Não sei até que ponto existe uma busca de compreensão do humano, mas observo pelo menos um estado de surpresa, de contato com forças imanentes, humanas e não-humanas, além de uma relação outra com o mundo e seus movimentos permanentes que nem sempre incluem o humano. De todo modo, o humano ou o humanismo não podem servir de redundância.

IHU On-Line – Vivemos um estado de crises sistêmicas que têm a humanidade e seus modos de vida como fator central na geração de desequilíbrios no planeta. Animalizar o humano pode ser uma saída para cessar os desequilíbrios e, conseqüentemente, nos tirar do estado de crises? Como seria essa animalização, para além da literatura?

Eduardo Jorge de Oliveira – A humanidade e sua força tectônica, que a introduz na era do antropoceno, passou a viver de crises sistêmicas. Nesse sentido, animalizar precisa sair de uma desambiguação, pois ela se tornou uma expressão que é carregada historicamente por reduzir o outro – ou os outros, no caso coletivo –, a ponto de produzir situações de aprisionamento ou mesmo de destruição. Animalizou-se os loucos, animalizou-se as mulheres, animalizou-se índios, negros e pobres. Animalizou-se e animaliza-se institucionalmente os outros em hospitais, hospitais, valas e favelas. Caberia mais uma vez positivar a animalidade com aquilo que ela pode proporcionar em termos de diálogos autóctones, comunitários e afetivos.

A partir desses sentidos é possível tanto permanecer na literatura quanto ir além dela. Também é possível ir além da literatura no próprio ato de leitura, na reinvenção do cotidiano e dos seus sentidos. A literatura contém uma dimensão impossível que está sempre em vias de se refazer. Nisso reside seus modos de reinvenção da vida.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Eduardo Jorge de Oliveira – Boa parte da conversa recupera leituras a partir de uma pesquisa desenvolvida com bolsa da Capes no mestrado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais. Também se entrecruzam leituras mais recentes, isto é, depois de uma pesquisa sobre a animalidade em nível de doutorado também com bolsa da Capes. A supervisão ficou a cargo de Maria Esther Maciel e de Dominique Lestel²⁵. Nessa pesquisa surgiram outros autores: Nuno Ramos²⁶ e Georges Batail-

25 Dominique Lestel: filósofo, professor de filosofia da École normale supérieure da la rue d'Ulm. Ele desenvolve uma "etologia filosófica" que, a partir da análise das relações entre vida/humano/animal/máquina, busca esclarecer não apenas o que é o animal e o humano, como também as próprias origens animais da cultura. (Nota da IHU On-Line)

26 Nuno Ramos (1960): formado em filosofia pela Universidade de São Paulo, é pintor, desenhista, escultor, escritor, cineasta, cenógrafo e compositor. Começou a pintar em 1984, quando passou a fazer parte do grupo de artistas do ateliê Casa 7. Desde então tem exposto regularmente no Brasil e no exterior. Participou da Bienal de Veneza de 1995, onde foi o artista representante do pavilhão brasileiro, e das Bienais Internacionais de São Paulo de 1985, 1989, 1994 e 2010. Em 2006, recebeu, pelo conjunto da obra, o Grant Award da Barnett and Annalee Newman Foundation. (Nota da IHU On-Line)

le²⁷ e toda uma constelação de autores que os manteve unidos sob o signo da pele e da animalidade. Da relação existente entre ambos.

Em relação à pele, foi publicado um livro sobre Nuno Ramos, *A invenção de uma pele*, que data de 2018 e que foi editado pela Iluminuras. A dimensão da animalidade integra outra parte de um material de investigação que será objeto de um livro a ser publicado em breve no Brasil. Há nele um *corpus* de autoras e autores contemporâneos que fazem vibrar a animalidade.



Imagem Pixnio/CC

27 Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1997 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962*. (Nota da IHU On-Line)

Clarice Lispector: a delicadeza e contundência de uma literatura de liberação

Para Nádía Gotlib, a autora aborda as temáticas femininas sem necessariamente ser feminista, movendo-se muito mais no sentido de liberação de quaisquer amarras e padrões

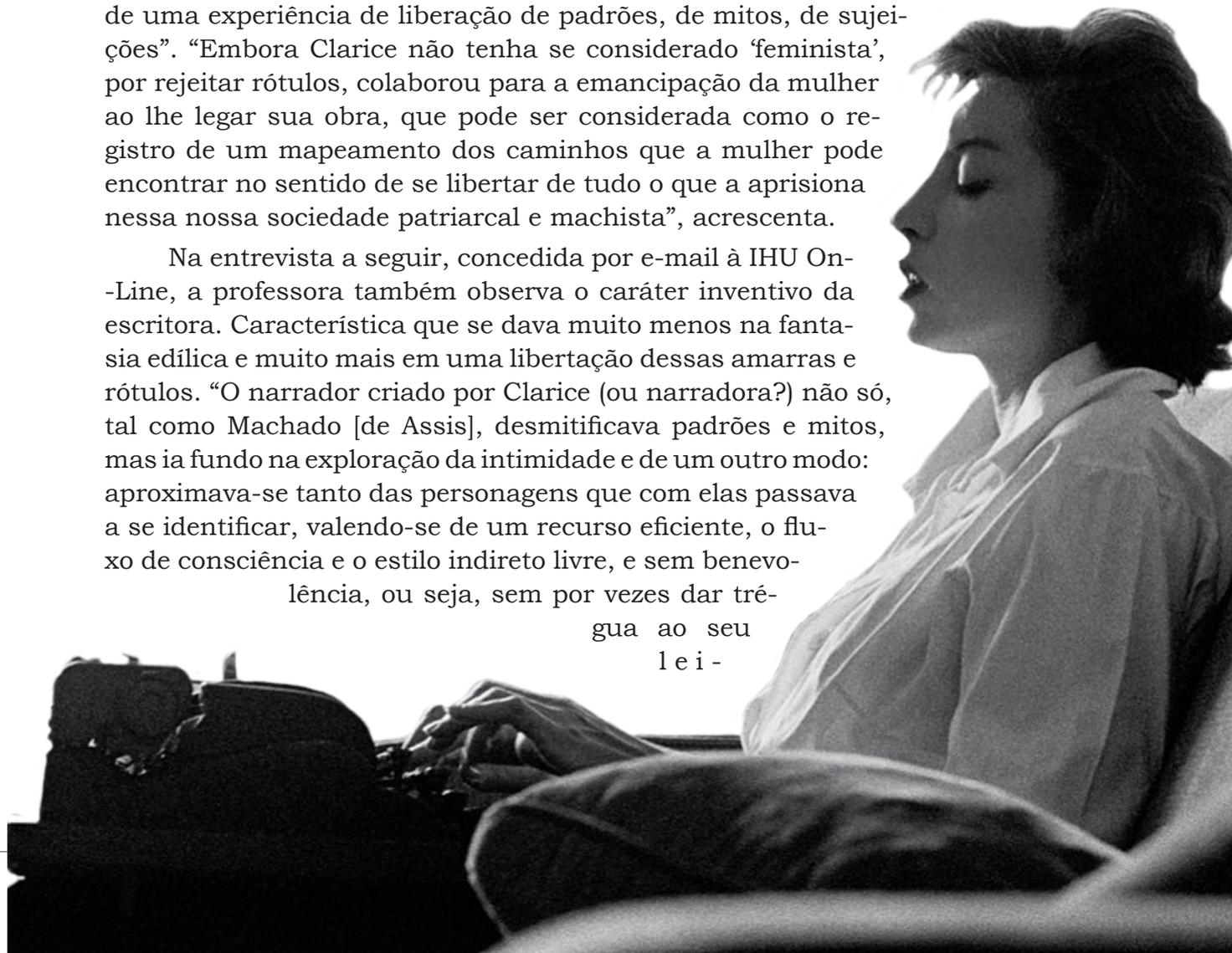
Faustino Teixeira | Edição: João Vitor Santos

Quem seria capaz de acertar o coração das leitoras e leitores com delicadeza, mas também “de forma contundente, com violência e certa perversão”? Para a professora Nádía Gotlib, essa é Clarice Lispector. Pesquisadora não só da obra, mas também da vida da escritora, Nádía assegura com propriedade que a narrativa de Clarice “trata-se de uma experiência de liberação de padrões, de mitos, de sujeições”. “Embora Clarice não tenha se considerado ‘feminista’, por rejeitar rótulos, colaborou para a emancipação da mulher ao lhe legar sua obra, que pode ser considerada como o registro de um mapeamento dos caminhos que a mulher pode encontrar no sentido de se libertar de tudo o que a aprisiona nessa nossa sociedade patriarcal e machista”, acrescenta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, a professora também observa o caráter inventivo da escritora. Característica que se dava muito menos na fantasia edílica e muito mais em uma libertação dessas amarras e rótulos. “O narrador criado por Clarice (ou narradora?) não só, tal como Machado [de Assis], desmitificava padrões e mitos, mas ia fundo na exploração da intimidade e de um outro modo: aproximava-se tanto das personagens que com elas passava a se identificar, valendo-se de um recurso eficiente, o fluxo de consciência e o estilo indireto livre, e sem benevo-

lência, ou seja, sem por vezes dar tré-

gua ao seu
le-



tor”, analisa.

Desses outros modos de ver a humanidade, Clarice experimenta uma virada, uma forma de ver o mundo não só com os olhos de gente, mas também de bicho. Não à toa, há quem a considere uma das pioneiras da chamada zooliteratura. “Plantas e bichos são personagens frequentes nos textos de Clarice, desde os tempos em que tais mazelas políticas não ocupavam a imprensa”, destaca Nádia, relacionando com a degradação ambiental de nosso tempo. Para ela, Clarice nutre admiração por esses seres, revelada na sua relação com Dilermando e Ulisses, dois de seus cães. “Os bichos vivem apenas. Sem outras demandas além das consideradas básicas. E Clarice reconhece esse modo peculiar de levar a vida e parece querer atingir esse estágio de pureza existencial, caracterizada ao mesmo tempo por certa percepção sensível a valores de amizade e fidelidade”, observa.

Para Clarice, não se tratava de animalizar gente e nem humanizar bicho. Era simplesmente viver junto e se deixar tocar por essa outra forma de ver e viver a vida. Não à toa Ulisses era sempre bem recebido na mesa de Clarice para tomar um café ou até fumar um cigarro e dividir um whisky. “Clarice reconhecia nos cães essa sabedoria inata de ‘estar sendo’, num estágio de vivência que talvez fosse mesmo o objetivo de seus personagens. E talvez seu: existir imersa no silêncio e na comunhão com o cosmos, como simples matéria viva primária”, sintetiza Nádia.



Nádia Battella Gotlib é livre-docente pela Universidade de São Paulo – USP, atuou como professora de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira na USP. Atualmente é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Foi professora visitante de várias universidades brasileiras federais, estaduais e particulares. E no exterior foi visiting fellow junto ao Oxford University Centre for Brazilian Studies e Senior Assistant Membre (SAM) junto ao St. Antony’s College, da Universidade de Oxford (1998). Entre suas obras publicadas, citamos Teoria do conto (São Paulo: Ática, 2012), Tarsila do Amaral, a modernista (São Paulo: SENAC, 2012), Clarice, uma vida que se conta (São Paulo: Edusp, 2013) e Clarice Fotobiografia (São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014). Esses dois últimos foram traduzidos para o espanhol, respectivamente na Argentina e México.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quando surgiu o seu interesse pela literatura de Clarice Lispector¹?

Nádia Battella Gotlib – O interesse surgiu quando estudava Letras na Universidade de Brasília e ganhei um exemplar de *Laços de família*². Li os contos e fiquei desorientada. Esse é o termo: perdi o rumo das coisas...

Naquela oportunidade, fazia um trabalho de pesquisa sobre os contos de Machado de Assis³ e notei uma grande diferença. Embora ambos apresentassem aspectos semelhantes quanto a recursos, como o da sugestão, e quanto a temas fulcrais, como o da complexidade da natureza humana, observava diferenças enormes. O narrador criado por Clarice (ou narradora?) não só, tal como Machado, desmitificava padrões e mitos, mas ia fundo na exploração da intimidade e de um outro modo: aproximava-se tanto das personagens que com elas passava a se identificar, valendo-se de um recurso eficiente, o fluxo de consciência e o estilo indireto livre, e sem benevolência, ou seja, sem por vezes dar trégua ao seu leitor.

IHU On-Line – Foi um amor que se irradiou pelo tempo? Quais traços mais significativos estiveram no foco singular de sua atenção por essa autora?

Nádia Battella Gotlib – A primeira leitura dos tais contos incluídos em *Laços de família*, livro que me despertou para o reconhecimento dessa peculiaridade da autora no seu modo de narrar, me instigou a seguir adiante no sentido de tentar decifrar o que ela, a autora, me dizia. Para usar um exemplo, cito o conto “Amor”: o que aconteceu a

¹ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país à época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, narra a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>. A edição Clarice Lispector. Uma literatura encurvada na mística publicada em 5 de abril de 2021, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/547>. (Nota da IHU On-Line)

² Livro de contos de Clarice Lispector, com primeira edição pela Editora Francisco Alves, em 1960. (Nota da IHU On-Line)

³ Machado de Assis [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada Machado de Assis: um conhecedor da alma humana, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da IHU On-Line)

Ana no Jardim Botânico? Que fenômeno era aquele? Como “traduzir” essa experiência da personagem?

E as leituras subsequentes confirmaram que a autora Clarice conseguia atingir o seu leitor ou leitora de forma contundente, com violência e certa perversão e com extrema delicadeza. Calculo que, ao misturar, em certos textos, a truculência com a fina sensibilidade, num jogo paradoxal de bem e mal, usava recurso, aliás, de tradição barroca, que viabilizava cumprir um novo percurso estético: fazer o leitor perceber de que “matéria” era feito. Assim, lhe impunha observar-se enquanto ser “humano” marcado pela multiplicidade de vetores, livrando-o de certezas cristalizadas por uma tradição patriarcal conservadora caracterizada por um reducionismo simplista.

IHU On-Line – Quais motivos levaram você a fazer a biografia de Clarice e a fotobiografia? Qual foi a recepção do público e da crítica literária ao seu trabalho?

Nádia Battella Gotlib – Fui motivada, ao longo da minha carreira profissional, pela minha atividade de professora de literatura. Os livros que escrevi tinham esse intuito didático. Assim aconteceu com o livrinho *Teoria do conto*⁴ e com a primeira edição do livro também brevíssimo intitulado *Tarsila do Amaral, a musa radiante*⁵, que ganharia edições encorpadas nos anos seguintes com o título de *Tarsila do Amaral, a modernista*. Ambos surgiram nos anos 1980.

Os dois livros sobre Clarice Lispector tiveram o mesmo motivo de inspiração: meus alunos. Ao iniciar os cursos de pós-graduação na Universidade de São Paulo, ficou patente a falta de uma biografia de Clarice que incluísse pesquisa de arquivo, sim, mas também pesquisa de campo: ir atrás de amigos, parentes, críticos e demais pessoas que com ela tivessem tido algum tipo de relacionamento. Foi o que eu fiz. Os resultados de tais depoimentos, unidos aos dados de informação colhidos nos quase três mil documentos depositados pelos herdeiros nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa⁶, foram responsáveis pelo desenho de duas linhas narrativas: uma, de vida; outra, de obra.

Posteriormente me veio a ideia de fazer uma narrativa visual dessa vida e obra. Surgiu então o *Clarice Fotobiografia*⁷, com mais de 800 imagens. Tive de me adaptar a esse novo formato que exigiu uma dose enorme de pesquisa: conseguir fotos de Clarice e de pessoas e lugares a ela relacionados, em museus e em arquivos pessoais e institucionais, localizados no Brasil e em vários lugares onde Clarice morou ou por onde passou. Mais um trabalho custoso, sob vários

4 São Paulo: Ática, 2006. (Nota da IHU On-Line)

5 São Paulo: Edições Sesc, 2018. (Nota da IHU On-Line)

6 Fundação Casa de Rui Barbosa: instituição vinculada ao Ministério da Cidadania, localizada no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, situado à Rua São Clemente, 134. A instituição tem como origem um museu-casa, o Museu Casa de Rui Barbosa, inaugurado em 13 de agosto de 1930, localizado em uma das chácaras urbanas mais antigas da cidade, onde viveu o jurista, político, advogado e intelectual brasileiro Rui Barbosa de Oliveira, de 1895 a 1923. (Nota da IHU On-Line)

7 São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. (Nota da IHU On-Line)

pontos de vista. Sorte que tive bolsa do CNPq que me permitiu chegar até a Ucrânia.

Recepção das obras

Posso afirmar que a crítica foi muito boa, pois entendeu o projeto e divulgou os dois livros tanto pela imprensa quanto pelos veículos especializados do mundo acadêmico. E o resultado é que os dois livros estão vivos.

O primeiro, *Clarice, uma vida que se conta*, que teve sua primeira edição em 1995, já conta com os seus 27 anos e está na sétima edição, pela Edusp. E o segundo, *Clarice Fotobiografia*, editado em 2008, teve terceira edição em 2014 e recente reimpressão nesse ano de 2022, pela Edusp/Imesp. Ambos foram traduzidos para o espanhol, respectivamente na Argentina e no México.

IHU On-Line – Hoje, você parece tocada e tem revelado particular interesse pelas cartas de Clarice. Como situar na obra da autora esse passo das cartas? Em que medida o estudo das cartas ajuda a entender a obra de Clarice?

Nádia Battella Gotlib – De fato, tenho grande interesse pela leitura de correspondência de escritores e escritoras, de modo geral. E pelas cartas escritas por Clarice (correspondência ativa) e pelas que recebeu (correspondência passiva). No caso das cartas escritas por Clarice, para definirmos aqui um limite de abordagem, reconheço sim o motivo mais comum: o da informação. As cartas nos trazem notícias referentes a acontecimentos ligados à pessoa em questão e, também, a aquelas que fazem parte do seu convívio social.

Mas as cartas dizem mais: embora sejam um produto criado por alguém e sujeito às instâncias da linguagem, que tanto pode reproduzir fatos quanto inventá-los, há pelo menos certa dosagem de informação que, se checada, pode nos trazer dados importantes e ampliar, por exemplo, o repertório autobiográfico.

Sua importância é de longo alcance: ultrapassa o campo puramente informativo e, nesse caso específico da missivista Clarice, tem implicações de ordem estética, pois são, na sua maioria, cartas bem escritas. E que mostram parentescos curiosos com outros gêneros narrativos, como a literatura de viagens e o diário íntimo. Uma Clarice-pessoa, dependendo da destinação das cartas, revela-se em diferentes papéis, ora familiares – se escreve para irmãs, amigas e amigos, filho – ou profissionais – caso se dirija a editores e tradutores, por exemplo.

Assim sendo, podemos afirmar que as cartas contribuem tanto para uma história da literatura de Clarice – quando e onde escreveu esse ou aquele romance ou conto – quanto para uma melhor com-

preensão da escritora Clarice – como Clarice encarava o seu trabalho de escrita? O que pretendia, ao escrever? Qual o significado da arte literária, para Clarice?

IHU On-Line – Você tem interesse único pelos contos de Clarice e em particular o conto *Amor*. O que nesse conto chama a sua atenção?

Nádia Battella Gotlib – Fundamentalmente uma estrutura dupla. De um lado, simetria de construção em três tempos ou partes, com clímax na parte medial, e com partes intermediárias entre primeira e segunda e entre segunda e terceira partes. De outro lado, um movimento que acompanha tal simetria, mas que se ancora em variedade de tensão: gradação da tensão num primeiro momento e subsequente diminuição gradativa da tensão.

Esse arcabouço estrutural “suporta” uma experiência extraordinária da personagem diante do inusitado, que a leva para território novo, desconhecido, original – no sentido de remontá-la a... a quê? A partir daí, o leitor se defronta com esse enigma: o que acontece com a personagem? A indagação sugere várias reações e respostas. Eis um dos motivos da riqueza desse conto.

IHU On-Line – Como você vê essa identificação de Clarice com seus personagens e de forma específica com a personagem Joana, de *Perto do Coração Selvagem*?

Nádia Battella Gotlib – Não reconheceria aí propriamente uma identificação. Afinal, são dois mundos diferentes: o da pessoa Clarice e o da criadora e ficcionista Clarice. Tenho dúvidas se Clarice conseguiria fazer essa distinção, pois, segundo depoimentos dela e de outros artistas, os dois se misturam numa alquimia que embaralha as cartas e não permite definição de limites precisos.

Mas que há coincidências, há. E podem ser atribuídas ao simples fato de se tratar de *personae* com um DNA da condição humana a que todos nós estamos sujeitos. No caso do romance *Perto do coração selvagem*, identifiquei alguns pontos em capítulo do meu livro *Clarice, uma vida que se conta*: ser órfã de mãe quando criança, viver com o pai, viver com uma tia, não gostar da tia, cometer transgressão, a presença do livro, pendor para a poesia, sensação de “ser diferente”, dificuldade de socialização ou de “viver com” pessoas etc. Mas até que ponto poderíamos identificar tais atitudes, posturas, como sendo de Clarice e não apenas de Joana, já que no romance estão inseridas

num conjunto estrutural estético autônomo cujo sentido escapa desse veio autobiográfico?

IHU On-Line – Clarice faculta um olhar diferenciado sobre o tema da mulher, do empoderamento feminino e da busca da liberdade. Como você percebe isso?

Nádia Battella Gotlib – Há uma predominância numérica de personagens mulheres na literatura de Clarice. Mas isso não quer dizer que personagens homens não tenham importância nesse conjunto. E tais personagens mulheres são “inventadas” num percurso de vida que caminha em direção a um estado de “crise” entre uma situação social familiar e um mundo “outro”, estranho a esse ambiente, em que a mulher paira desvinculada de qualquer ordem da rotina e da sucessão histórica.

É como se desembocasse, de repente, num outro mundo, que provoca reações paradoxais: a personagem sente, ao mesmo tempo, atração e rejeição por esse território. No entanto, é nesse espaço, ora exíguo, como o quarto de empregada no romance *A paixão segundo G. H.*, ora mais amplo, como o Jardim Botânico no conto *Amor*, que a personagem se redescobre enquanto mulher e enquanto ser vivo. Por isso o espaço se amplia, se espalha para além dos seus limites físicos. E a mulher, em união com o ser vegetal, que a rodeia, se redescobre como um “mim”, sente-se poderosa pela experiência de aí “estar sendo” de modo até então não experimentado e nem mesmo previsto.

Trata-se, sim, de uma experiência de liberação de padrões, de mitos, de sujeições. Embora Clarice não tenha se considerado “feminista”, por rejeitar rótulos, colaborou para a emancipação da mulher ao lhe legar sua obra, que pode ser considerada como o registro de um mapeamento dos caminhos que a mulher pode encontrar no sentido de se libertar de tudo o que a aprisiona nessa nossa sociedade patriarcal e machista.

IHU On-Line – Há todo um debate sobre a “religiosidade de Clarice”. Você tem uma percepção especial sobre esse tema. Poderia partilhar conosco?

Nádia Battella Gotlib – Clarice não confessa adesão a qualquer tipo de religião. Pelo menos não o faz em depoimentos seus. Embora pertencente a uma família de judeus que seguiam o judaísmo e que fugiram da Ucrânia para o Brasil para escapar da perseguição violenta sob a forma de *pogroms* ou massacres contra judeus quando Clarice era recém-nascida, a escritora não seguiu a tradição religiosa familiar. Chegou a rejeitar explicitamente, em entrevista, a ideia de o

povo judeu ser o povo eleito por Deus. Não frequentou sinagogas. Não aderiu a qualquer causa em favor dos judeus.

Já sua irmã Elisa não só seguiu o judaísmo, como escreveu a história da família, em romance, em conto, em texto memorialístico, e militou em favor de causas ligadas aos judeus. São dois diferentes modos de reagir depois da chegada ao país de destino.

Quanto às evocações a Deus na sua ficção, há que considerar o contexto em que aparecem, enquanto apelos, alguns exaltados, em momentos de maior aflição e desespero. Mas a qual Deus ela se dirige? Ou Deus seria um só, sob diferentes formas, e nesse caso se confundiria com o próprio universo? São questões que sua obra propõe.

IHU On-line – Você também trabalhou muito o tema dos romances em Clarice. Qual o lugar de *A paixão segundo G.H.* no caminho de compreensão do mistério de Clarice?

Nádia Battella Gotlib – Considero esse romance como um momento de apogeu da qualidade estética de Clarice. A experiência vivenciada pela personagem G. H. leva ao extremo o risco de enfrentamento de um “estado de crise”, que viabiliza checar o bom e o ruim da condição humana com rara coragem, do ponto de vista humano. Mas o que fica, para mim, paralelamente a esse desenho de descida aos Infernos, que também é o Paraíso, é a prova da genialidade de Clarice enquanto escritora, entre outros motivos, pela sua competência em criar imagens de rara força e beleza.

O romance pode ser lido como uma sequência de pujança imagística, do começo ao fim. As etapas de G.H. na sua via sacra da vida, passando por uma série de experiências como a do medo, da indignação, da revolta, da adoração, enfim, do que a vida nos oferece, essas etapas são traduzidas por imagens com carga visual e plástica de qualidade estética. Considero esse romance como um dos valiosos tesouros da literatura brasileira.

IHU On-Line – Fala-se muito em momentos epifânicos na obra de Clarice, desde o trabalho de Olga de Sá⁸, passando também por Afonso Romano de Santana⁹. Como você vê essa

8 Olga de Sá: possui graduação em Letras Clássicas pelo Instituto Sedes Sapientiae, graduação em Bacharel / Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, graduação em Biblioteconomia - Faculdades Integradas Coração de Jesus - Santo André-SP, graduação em Scienze Religiose - Istituto Internaz. Superiore di Pedagogia e Scienze Religiose delle FMA, mestrado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

9 Afonso Romano de Sant’Anna (1937): escritor e poeta brasileiro. Nas décadas de 1950 e 1960, participou de movimentos de vanguarda poética. Em 1961 formou-se em letras neolatinas pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG, atual Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Sua tese de doutorado abordou uma análise da poética de Carlos Drummond de Andrade, com o título Drummond, um gauche no tempo, em que faz uma análise do conceito de gauche ao longo de sua obra literária. (Nota da IHU On-Line)

questão da epifania na obra de Clarice?

Nádia Battella Gotlib – Considero como um dos modos de se ler Clarice. Aliás, um eficiente modo de se efetivar a leitura, enquanto fator ligado à teoria do conhecimento, que já conta com substancial repertório teórico e crítico. Esse recurso pode passar pelo crivo de aproximações com outros modos de se nomear o que acontece com as personagens, como o da revelação, do ponto de vista religioso, ou do inconsciente, do ponto de vista psicanalítico, ou do erotismo, enquanto união ligada à sexualidade, entre tantas outras possibilidades de leitura.

Cabe ao leitor fazer sua escolha, entre tantas vertentes disponíveis.

IHU On-Line – Hoje se fala muito em virada animal e vegetal na reflexão literária. Fala-se em zooliteratura e fitoliteratura. Pode-se considerar Clarice uma precursora dessa reflexão que se irradia com tanto vigor hoje em dia?

Nádia Battella Gotlib – Sim, acredito que sim. É o que alguns teóricos têm desenvolvido a partir da leitura de alguns escritores. É o que, por exemplo, o professor, crítico, escritor e artista plástico Evando Nascimento¹⁰ desenvolve na sua reflexão em torno de Clarice.

Acrescento que o tema vem à baila com mais força nesse presente momento, com certeza causado pelo pesadelo do desmatamento e do desprezo pelos reinos vegetal e animal por parte dos órgãos governamentais brasileiros. Seja como for, plantas e bichos são personagens frequentes nos textos de Clarice, desde os tempos em que tais mazelas políticas não ocupavam a imprensa.

IHU On-Line – Clarice chega a dizer que preferia ter nascido bicho a humano. Qual o lugar desse “chamado” na vida de Clarice?

Nádia Battella Gotlib – Os bichos vivem apenas. Sem outras demandas além das consideradas básicas. E Clarice reconhece esse modo peculiar de levar a vida e parece querer atingir esse estágio de

¹⁰ Evando Nascimento: é escritor, ensaísta, artista visual e professor universitário. Possui duas graduações em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Licenciatura em Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, realizou mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e Doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É autor dos livros de ficção *A desordem das inscrições* (Contracantos – 7Letras, 2019); *Cantos profanos* (Rio de Janeiro: Globo/Biblioteca Azul, 2014), livro semifinalista do Prêmio Oceanos-Itaú Cultural 2015; *Cantos do mundo* (Record, 2011), finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012, e *Retrato desnatural: diários 2004 – 2007* (São Paulo: Record, 2008), semifinalista do Prêmio Portugal Telecom 2009. Seu trabalho se move principalmente entre Literatura, Filosofia e Artes. (Nota da IHU On-Line)

pureza existencial, caracterizada ao mesmo tempo por certa percepção sensível a valores de amizade e fidelidade.

Daí povoar suas crônicas, contos e romances com cavalos, búfalo, macacos, peixes, coelhos, cães, galinhas, sempre considerando-os como “seres vivos”, ou seja, como um hino de louvor à vida.

E ela teve cães em casa. Dilermando era o nome do cão que tinha na Itália e que teve de abandonar ao se mudar para a Suíça. Quem sabe esse abandono tem a ver com a tentativa de se redimir dessa culpa ao escrever o conto “O crime do professor de matemática”? No Brasil o seu cão chamava-se Ulisses. Tomava café sentado em cadeira e na mesma mesa que demais pessoas, e fumava e bebia whisky. Clarice reconhecia nos cães essa sabedoria inata de “estar sendo”, num estágio de vivência que talvez fosse mesmo o objetivo de seus personagens. E talvez seu: existir imersa no silêncio e na comunhão com o cosmos, como simples matéria viva primária.

IHU On-Line – Hoje você está se dedicando igualmente ao estudo das obras de Elisa Lispector, a irmã de Clarice. Qual a importância desse estudo que vem realizando?

Nádia Battella Gotlib – Elisa Lispector era a irmã mais velha de Clarice Lispector. Escreveu doze livros, sendo sete romances, três livros de contos e um livro de memórias. Pelo seu quarto romance, *O muro de pedras*, ganhou o Prêmio José Lins do Rego criado pela editora José Olympio, que editou o romance em 1963; e ganhou o Prêmio Coelho Neto pela Academia Brasileira de Letras, em 1964. O livro de contos *O tigre de bengala*, editado em 1985, recebeu o Prêmio Luísa Cláudio de Souza conferido pelo Pen Club do Brasil, em 1986.

A obra de Elisa teve também alguma repercussão na imprensa. Mas apesar de a escritora continuar produzindo, caiu no quase anonimato por décadas. Recentemente apareceram estudos acadêmicos e publicações sobre sua obra.

Há que considerar pelo menos dois pontos importantes, entre outros, nessa produção de Elisa. Um deles refere-se ao seu empenho em contar a história da família, desde os tempos em que morava na Ucrânia, bem como a viagem que fizeram, já as cinco pessoas – pai, mãe e três filhas – da Ucrânia para o Brasil, além de recriar cenas da vida da família no Nordeste. Essa fatia história manifesta-se sob a forma de um romance de teor autobiográfico (*No exílio*), um conto autobiográfico (*Exorcizando lembranças*), um texto de memória (*Retratos antigos*).

Outro ponto de interesse, reconhecimento, na sua ficção, é que tanto em contos como em romances, predominam personagens mulheres

em estado de difícil vida social, dominada ora pela insatisfação e angústia, ora pela necessidade de solidão.

Espero que essa obra de Elisa seja reeditada.

Irmã do meio

E para terminar: a irmã do meio, Tania Lispector, que assinava o nome de casada, Tania Kaufmann, além de livros técnicos publicados em função de sua atividade de funcionária do Ministério do Trabalho, publicou um único livro de contos curtos, *O instante da descoberta*, em 2003, quando tinha seus 88 anos, portanto quatro anos antes de morrer. É curioso observar que publicou esse livro 26 anos depois da morte de sua irmã Clarice e 14 anos depois da morte de sua irmã Elisa.



Acervo Instituto Moreira Sales - IMS.

Olhares fito e zoo: aberturas para compreendermos a teia da vida na Terra que habitamos

Para Evando Nascimento, “uma visão tacanha da existência nos acostumou a colocar cada reino e cada espécie dentro de escaninhos separados e antagônicos” e isso precisa ser revisto pela própria sobrevivência humana

Faustino Teixeira | Edição: João Vitor Santos



Evando Nascimento vem do mundo das letras, mas não aceita essa perspectiva moderna que coloca as ciências separadas e quase in-comunicáveis, preferindo circular para além de livros e bibliotecas. Aliás, é dessa mesma perspectiva moderna que deriva a ideia de que o mundo se divide entre nós, os humanos racionais, e os outros bichos e plantas. Para o professor, isso nada mais é do que “visão tacanha” que coloca seres humanos e outras espécies em competição antagonista. “Alguém consegue viver sem cultivar plantas e/ou criar animais, direta ou indiretamente? O que seria da polinização sem a ajuda de insetos e, também, dos humanos? O que aconteceria com os herbívoros que nós humanos devoramos (aves e gado) sem as deliciosas plantinhas?”, provoca, na entrevista concedida por e-mail ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Se só respondêssemos a essas indagações já chegaríamos a reflexões interessantes. Mas Evando vai além e, na perspectivava da fitoliteratura e da zooliteratura, provoca a pensarmos em animais, vegetais e outros organismos, como fungos, vírus e bactérias, como outras chaves para ver e interagir no mundo. Afinal, todos dividimos o mesmo planeta, mas parecemos ter usos bem distintos. “Não há vivente ou não vivente que não tenha seu mundo particular, o qual compartilha com outros reinos e espécies. Há um verso de Cabral de Melo Neto que eu amo citar: ‘Viver/ é ir entre o que vive.’ Eu acrescentaria: é ir entre o que vive e, também, entre o que aparentemente não vive”, explica.

Para o professor, “há um entrelaçamento fundamental entre as formas orgânicas e inorgânicas de existência”. Embora seja salutar pensar nesse movimento como um processo de alteridade, a questão ainda vai além: trata-se de pensar na cooperação entre espécies, compreendendo plenamente a ideia de uma teia de vida que habita a Terra. “A teia vital se retroalimenta sem cessar, bastando observar o trabalho dos vermes, dos fungos e das bactérias, entre outros agentes”, aponta. “Ou aprendemos a lidar com essas ‘estranhas formas de vida’, que são as plantas, os animais, os fungos, as algas, as bactérias e até os vírus (estes, como se sabe, são um híbrido de vivo e de morto), ou pereceremos muito em breve como espécie”, completa.



Evando Nascimento é professor, ensaísta e escritor. Também é professor aposentado de Teoria da literatura na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, onde atuou na Graduação e na Pós-graduação em Estudos Literários, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Seu trabalho se desenvolve nas áreas de Filosofia, Literatura e Artes Plásticas. É graduado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, possui mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Nos anos 1990, completou sua formação em Paris, onde foi aluno de Jacques Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales e de Sarah Kofman na Sorbonne. Realizou um pós-doutorado em Filosofia, sobre Benjamin e Derrida, na Universidade Livre de Berlim. Além do livro de ensaios *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ed. Civilização Brasileira), é autor de cinco livros de ficção, o último dos quais *Diários de Vincent: Impressões do estrangeiro* (ed. Circuito).

Confira a entrevista.

IHU – O senhor tem desenvolvido reflexões no campo literário, em particular nesse interesse seu relacionado à zooliteratura e fitoliteratura. Poderia nos detalhar como se deu a aproximação com esses campos?

Evando Nascimento – Utilizando uma metáfora vegetal, digo que o interesse não brotou do nada, foi antes uma longa germinação. Poderia começar com minha formação na graduação da Universidade Federal da Bahia, mas vou encurtar a história e demarcar 1999 como o ano no qual escrevi o primeiro ensaio que vai desencadear tudo o que farei nas décadas seguintes: “Uma literatura pensante: Clarice e o inumano”¹. Esse texto foi republicado com pequenas modificações no ano seguinte². Tal foi a matriz para o livro que publiquei em 2012, *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (Civilização Brasileira), no qual me concentro na questão

1 Cf. Nascimento, Evando. Uma literatura pensante: Clarice e o inumano. In: Moares, Alexandre (org.). *Clarice Lispector em muitos olhares*. Vitória: EdUFES, 2000, p. 100-123. (Nota do entrevistado)

2 Cf. Nascimento, Evando. O inumano hoje. Gragoatá, Niterói, Universidade Federal Fluminense, n. 8, p. 39-55, 1º sem. 2000. (Nota do entrevistado)

zooliterária, mas abordo também a fitoliteratura e até mesmo o papel das coisas e objetos, ou seja, o dito inorgânico, na ficção clariciana.

Tudo isso está ligado a minhas origens rurais na região do cacau, no sul da Bahia, e, também, a esse poema extraordinário de Drummond³, que li em plena adolescência, “Especulações em torno da palavra homem”, que se conclui com a indagação “Mas existe o homem?”. Esse questionamento poético sobre nossa existência humana, considerada como não óbvia, é a semente germinada que me move a problematizar o privilégio antropocêntrico, hoje mais do que nunca.

O capítulo do livro *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas* (Civilização Brasileira, 2022) intitulado “Clarice e as plantas: a poética e a estética da sensitiva” é um desdobramento “natural” de tudo o que fiz nas décadas anteriores. As aspas se devem ao fato de pôr em dúvida o conceito tradicional de “natureza” ser parte decisiva do projeto e das reflexões que desenvolvo. Sem isso, não damos um passo além do percurso planetário da humanidade até aqui.

Cito uma das epígrafes do *Pensamento vegetal*, na fala do indígena Ailton Krenak⁴: “Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” Em síntese, bichos, plantas e coisas compõem o universo infinito do que se chama de *não humano*, mas que habita intimamente nossa humanidade e que está no cerne da sobrevivência de nossa e de outras espécies. E tudo isso deve ser pensado mais além da oposição natureza/cultura.

Tanto meus ensaios quanto meus cinco livros ficcionais são movidos por essa temática, ao lado de outras afins.

IHU – O senhor dedicou um lugar muito especial ao pensamento de Jacques Derrida⁵. É possível relacionar esse interesse seu pelo tema da animalidade com a reflexão desse autor, em particular no livro *O animal que logo sou*⁶?

Evando Nascimento – Sim, sem dúvida. Derrida não foi o primeiro nem o último pensador ou escritor, de qualquer gênero, a abordar a animalidade, ajudando-a a se emancipar da servidão involuntária ao Homem, em sentido tradicional. Mas decerto foi um dos que mais deram ênfase a essa problemática. Desde que comecei a lê-lo, percebi que a

3 Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987) foi um poeta, farmacêutico, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Drummond foi um dos principais poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, embora sua obra não se restrinja a formas e temáticas de movimentos específicos. (Nota da IHU On-Line)

4 Ailton Alves Lacerda Krenak: mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953), é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à tribo indígena crenaque. É autor de vários livros, entre eles *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019). (Nota da IHU On-Line)

5 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria *Memória*, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

6 São Paulo: Unesp, 2002. (Nota da IHU On-Line)

questão da animalidade se encontrava nas linhas e entrelinhas de seus textos, como um contraponto ao etnocentrismo europeu e ao antropocentrismo clássico.

Sem dúvida, é com seu primeiro ensaio sobre “*La main de Heidegger*” [A mão de Heidegger], de 1983, que ele começa a questionar o que mais tarde chamará de “humãonismo” (*humainisme*), neologismo que aponta a mão como órgão de apreensão, o qual serve como argumento privilegiado para justificar a superioridade humana, do tipo: Só nós humanos somos capazes da verdadeira “apreensão” das coisas do mundo, pois somos dotados de uma verdadeira “mão”.

Além disso, muito cedo ele mostrou como o *Dasein*⁷ heideggeriano, apesar de ser crítico em relação ao humanismo tradicional, ainda privilegiava a existência humana na relação fundamental com o Ser. Finalmente, os últimos seminários de Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde fui seu aluno nos anos de 1990, foram dedicados à animalidade, com o título sintomático de *La bête et le souverain* (de 2001 a 2002 e de 2002 a 2003). Título que poderíamos traduzir como *A besta (ou a Fera) e o Soberano*, ou seja, o Animal e o Homem, dentro da tradição metafísica.

Ao chamarmos o animal não domesticado, não submisso ao humano, de “besta” ou “fera”, nos colocamos no lugar do Soberano, o homem civilizado que deve reinar sobre todas as coisas, tal como reza o mito adâmico da Bíblia. Esquecemos de imediato de nossa própria “ferocidade”, que promoveu e promove ainda inúmeros conflitos interpessoais e internacionais em todo o globo. Além disso, desconheço outra espécie que faça uma guerra permanente, por qualquer motivo, contra as outras espécies, num tipo de predação contínua.

IHU – Em seu livro sobre Clarice Lispector, *Uma literatura pensante* (2012), o senhor afirma: “A literatura de Clarice tem ajudado a questionar os limites do humano, na medida mesma em que traz para seu espaço formas concorrentes em relação à tradição.” Essa abertura para a nova alteridade é algo importante no momento?

Evando Nascimento – Extremamente importante. Clarice, já em seu livro de estreia, *Perto do coração selvagem*⁸, aborda a questão do animal seja de forma metafórica, seja de forma literal. Por exemplo, a protagonista Joana, quando criança, é insultada pela tia como “víbora”, um xingamento clássico contra as mulheres, que o marido dela Otávio repetirá no momento de abandoná-la. Ora, no contexto do livro, esse insulto adquire

⁷ *Dasein*: termo principal na filosofia existencialista de Martin Heidegger. Na sua obra *Ser e tempo*, Heidegger expõe a questão filosófica do ser. Que é ser? Heidegger afirma que o ser humano é um “ente destacado”: o ser humano é capaz de questionar o ser, possui uma compreensão do ser. Este ente é o homem, que Heidegger chama de ser-aí, o homem enquanto um ente que existe imediatamente no mundo. Para investigar o ser-aí, enquanto possui sempre uma compreensão de ser, impõe-se uma analítica existencial, que tem como tarefa explorar a conexão das estruturas existenciais que definem a existência do ser-aí. (Nota da IHU On-Line)

⁸ São Paulo: Rocco, 2019 [em edição comemorativa]. (Nota da IHU On-Line)

conotação positiva: Joana é uma “víbora” por não se submeter à ordem falocêntrica, em que o Homem como pai, marido ou irmão reina absoluto.

E, assim, já vínculo o rebaixamento metafísico ocidental do animal ao rebaixamento do feminino em relação ao masculino. É a mesma ordem falocêntrica que sempre colocou as mulheres e as condutas sexuais não heteronormativas em lugar de inferioridade que também inferioriza e escraviza os animais em geral. São questões distintas, porém correlatas: a misoginia e a bestialização dos bichos.

Agradeço por você sublinhar isso: embora trate de muitos assuntos, meu livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* aborda sobretudo a *zoopolítica clariciana*, a qual promove uma nova inserção dos animais na pólis ou na Cosmópolis. A pólis é humana, a cosmópolis é de todos os viventes e não viventes, na Terra e fora dela. E já nesse estudo de 2012, as plantas e o inorgânico compõem tratados em subcapítulos, mostrando o modo segundo o qual, em nosso espelho narcísico, nos vemos sempre como os soberanos indiscutíveis da “Natureza”.

IHU – Como explicar esse “chamado” de Clarice para o mundo animal? O senhor fala em “zoografia ficcional”.

Evando Nascimento – Cito uma frase que para mim explica bem a relação de Clarice Lispector com os animais: “não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias. Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão ficando desassossegada. É o chamado”. Isso é dito numa crônica publicada no *Jornal do Brasil* e republicada na coletânea *A descoberta do mundo*⁹. Ela se sente convocada (palavra que tem “voz”) pelos bichos, os quais de algum modo mobilizam sua animalidade. É esse algo de animal no humano

“O que autores como Kafka, Guimarães Rosa, Drummond, Lygia Fagundes e tantos outros na modernidade fizeram foi ficcionalizar os bichos de modo não moralizante”

que nós mais negamos, embora Darwin¹⁰, há mais de um século, provou que os hominídeos têm ancestrais em comum com outros primatas.

O que autores como Kafka¹¹, Guimarães Rosa¹², Drummond, Lygia Fagundes¹³ e tantos outros na modernidade fizeram foi ficcionalizar os bichos de modo não moralizante. Eu amo as fábulas de Esopo¹⁴, de La Fontaine¹⁵, bem como os contos Perrault¹⁶ e dos irmãos Grimm¹⁷, mas é patente que esses escritores recorrem aos animais sobretudo para estabelecer regras morais para o humano. Bem lidos, esses textos clássicos

10 Charles Darwin (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da IHU On-Line, de 13-7-2009, *Evolução e fé*. *Ecossistemas de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecossistemas de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: *Ecossistemas de Darwin*. (Nota da IHU On-Line)

11 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo "kafkiano" popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

12 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras histórias* (1962) e *Tutameia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo*. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada *Grande Sertão: Veredas. Travessias*, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

13 Lygia Fagundes Telles (1918 –2022): escritora brasileira conhecida como "a dama da literatura brasileira", considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX e da história da literatura brasileira. Além de advogada, romancista e contista, Lygia teve grande representação no pós-modernismo, e suas obras retratavam temas clássicos e universais como a morte, o amor, o medo e a loucura, além da fantasia. (Nota da IHU On-Line)

14 Esopo (620 a.C. –564 a.C.): foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares. A ele se atribui a paternidade da fábula do gênero literário. Sua obra, que constitui as *Fábulas de Esopo*, serviu como inspiração para outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine. (Nota da IHU On-Line)

15 Jean de La Fontaine (1621 —1695): poeta e fabulista francês. A sua grande obra, "*Fábulas*", escrita em três partes, no período de 1668 a 1694, seguiu o estilo do autor grego Esopo, o qual falava da vaidade, estupidez e agressividade humanas através de animais. La Fontaine é considerado o pai da fábula moderna. (Nota da IHU On-Line)

16 Charles Perrault (1628 –1703): foi um escritor e poeta francês do século XVII, que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura, o que lhe conferiu o título de "*Pai da Literatura Infantil*". As suas histórias mais conhecidas são *Le Petit Chaperon rouge* (*Chapeuzinho Vermelho*), *La Belle au bois dormant* (*A Bela Adormecida*), *Le Maître chat ou le Chat botté* (*O Gato de Botas*), *Cendrillon ou la petite pantoufle de verre* (*Cinderella*), *La Barbe bleue* (*Barba Azul*) e *Le Petit Poucet* (*O Pequeno Polegar*). (Nota da IHU On-Line)

17 Irmãos Grimm: Jacob (1785 –1863) e Wilhelm (1786 –1859) foram dois irmãos, ambos acadêmicos, linguistas, poetas e escritores que nasceram no então Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha. Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade, essa que, gradativamente, tomou proporções globais. Também deram grandes contribuições à língua alemã, tendo os dois trabalhado na criação e divulgação, a partir de 1838, do *Dicionário Definitivo da Língua Alemã* (o "*Deutsches Wörterbuch*"), que não chegaram a completar, devido à morte de ambos, entre as décadas de 1850 e 1860. (Nota da IHU On-Line)

são também muito enriquecedores, mas o componente moralista atrapalha um pouco a interpretação.

Kafka e Clarice

Já em Kafka e em Clarice, entre tantos escritores e escritoras modernos ou atuais, os bichos por assim dizer estão muito mais “soltos”: eles são vistos de forma mais detida em suas especificidades, que em parte compartilham conosco. E é essa complexidade que me interessa na *zoografia ficcional*: cada espécie animal é de fato singular, mas também divide uma parte do legado com outras espécies, inclusive a nossa.

E é desse grau de ficcionalidade “bio-lógica” que agora eu chamaria de *humano-animal*, ou *humanimal* – para utilizar um neologismo que acabei de inventar – que todos os viventes animais são dotados. Penso neste momento na delicadeza que é “Um boi vê os homens”, de Drummond, ou no lindíssimo conto-crônica “Macacos”, de Clarice. Detalhe: parodiei este último conto narrando a história do ponto de vista da macaquinha Lisette e não da narradora-personagem dona-de-casa – minha história se chama “Humanos”.¹⁸

IHU – Para o senhor, o pensamento de Clarice “é também intensamente desfigurante” com respeito à nossa visão dos animais e da diferença em geral, na medida em que questiona os nossos preconceitos arraigados. Poderia desenvolver isso um pouco melhor?

Evando Nascimento – A *desfiguração das figuras tradicionais* atribuídas aos animais (nas fábulas e nos contos morais citados anteriormente, por exemplo) está relacionada ao que desde 1992 venho chamando de *literatura, escrita ou ficção pensante* – esse adjetivo pode ser estendido ao cinema e às artes em geral, como eu mesmo já fiz. Vivemos de fato contemplando o espelho de Narciso e recusando o que achamos feio, muito embora a fábula grega seja mais complexa do que a interpretação vigente.

A imagem ou figura que a chamada civilização ocidental construiu para si própria foi baseada nas culturas de alguns países hegemônicos: Inglaterra, França, Itália e Alemanha, mas Portugal, Espanha, Holanda e Bélgica também deram grande contribuição ao longo da história moderna. O próprio conceito de modernidade foi forjado nesses países, em contraste com outros povos que supostamente não eram desenvolvidos do ponto de vista socioeconômico. A cultura greco-romana deu os fundamentos míticos da história do “progresso civilizacional”.

Mas quero deixar claro que não sou antiocidental, pois devo muito às culturas dos países citados, tendo vivido em dois deles, França e Ale-

¹⁸ Nascimento, Evando. *Humanos*. In: Guimarães, Mayara; Maffei, Luís (Org.). *Clarice Lispector: personagens reescritos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 23-26.

manha. E minha formação da escola primária até o doutorado foi baseada em conceitos veiculados pelas línguas portuguesa, espanhola, inglesa e alemã predominantemente.

Figura masculina, branca e colonizante

Essa imago ou figura é então sobretudo masculina, branca e colonizadora – o retrato fiel dos invasores e exploradores europeus nas Américas e noutros continentes a partir do século XV, tratados pela História oficial como “heróis”. Basta lembrar a mitificação escolar dos bandeirantes genocidas, que abriram caminho para a ocupação territorial, matando indígenas e extraindo minérios, no que se tornou o abrasado Brasil.

Nesse espectro europeu, tudo o que não se encaixa na figura hegemônica é rebaixado: as mulheres em geral, as etnias indígenas, africanas, asiáticas e australianas, os animais e as plantas. Hegel¹⁹ hierarquizou as civilizações do planeta como nenhum outro filósofo. Hoje temos no Brasil um governo que encarna o protótipo do macho devastador.

Lida com atenção, a literatura de Clarice e de diversos autores e autoras problematiza essa hegemonia falocêntrica (privilégio do falo) e logocêntrica (privilégio do *lógos* em detrimento de outras linguagens não verbais). Ou *falogocêntrica*, como nomeou Derrida, juntando as duas potências destrutivas das diferenças. Ele criou também um neologismo

19 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da IHU On-Line, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada Fenomenologia do espírito, de (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; Hegel. A tradução da história pela razão, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e Hegel. Lógica e Metafísica, edição 482, disponível em <https://goo.gl/Il-dAkV>. (Nota da IHU On-Line)



maior, o *carnofalocentrismo*, *carne* significando a carne do animal sacrificado e por nós devorado de forma devastadora.

Uma literatura pensante

É nesse sentido que digo que *uma literatura pensante é aquela que permite pensar o impensado ou o impensável de nossas culturas ocidentais*. Veja que utilizei “culturas”, porque não há uma única cultura de origem europeia, mas várias. A própria noção de Ocidente como bloco homogêneo e isolado foi questionada há décadas por Edward Said²⁰.

Noutras palavras, o próprio chamado Ocidente abriga muitas diferenças dentro de si, e isso precisa ser levado em consideração, até porque as fronteiras para com o Oriente se esfumam cada vez mais. Há muito de Oriente no Ocidente (pensemos na Inglaterra e na França, com seus imigrantes oriundos das ex-colônias) e muito de Ocidente no Oriente (pensemos no Japão e nos demais países industrializados da Ásia, alguns exportadores de tecnologia para o resto do mundo).

IHU – Em determinado momento de sua reflexão, o senhor se dedica ao pensamento de Heidegger e sua abordagem da “diferença ontológica” que separa os seres vivos em geral do “homem humano”. Poderia tecer algum comentário a respeito?

Evando Nascimento – É difícil resumir em poucas palavras o que desenvolvi com muito cuidado no *Pensamento vegetal*. Diria apenas que tentei expor uma contradição no pensamento heideggeriano. Por um lado, no rastro de Nietzsche²¹, ele foi um dos que mais criticaram o humanismo tradicional, tentando evitar a antropomorfização do *Dasein*, como visto. No entanto, em textos como a *Carta sobre o humanismo* e *Os conceitos*

20 Edward Said (1935 —2003): foi professor, crítico literário e ativista político palestino-estadunidense. Docente de literatura na Universidade de Columbia, foi um dos fundadores do campo acadêmico de estudos pós-coloniais. Também foi um dos principais intelectuais da causa palestina e de outras questões do mundo árabe de um modo geral. Sua obra mais importante é *Orientalismo*, publicada em 1978 e traduzida em 36 línguas, que é considerada como um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais. (Nota da IHU On-Line)

21 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalorização dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

fundamentais da metafísica, ele estabelece uma separação abissal entre o *Dasein* humano, de um lado, e as plantas, animais e as pedras, do outro.

O inimigo em causa é sem dúvida Darwin. Heidegger precisa provar que, a despeito do que pregou o naturalista britânico, do ponto de vista ontológico há um abismo entre os viventes humanos e os não humanos. Só nosso *Dasein* está apto a se relacionar fundamentalmente com a questão do Ser. Motivo pelo qual ele qualifica o humano como “formador ou construtor de mundo” (*weltbildend*), os animais e as plantas como “pobres de mundo” (*weltarm*) e as pedras como “desprovidas de mundo” (*weltlos*). Só nós humanos somos dotados de mundo e, portanto, ontologicamente essenciais. Esse é o velho antropocentrismo humanista travestido de inovação ontológica!

IHU – Como situar essa singular importância da abertura de Clarice ao “fluxo vital” em geral?

Evando Nascimento – Escritas pensantes como as de Clarice e as de Pessoa, com o heterônimo Alberto Caeiro, abrem perspectivas inusitadas no que diz respeito ao fluxo vital. Mas isso já tinha sido antecipado por Walt Whitman²² no século anterior e, também, pela pintura exuberante de Van Gogh²³. E não quero me deter apenas nos escritores ou artistas modernos, pois em qualquer tempo das culturas ocidentais essa potencialização dos fluxos vitais ocorre.

Sou fascinado, por exemplo, pelas *Metamorfoses*²⁴ de Ovídio²⁵, que anteciparam muitas das questões atuais. Grande parte do que faço como ensaísta ou ficcionista deriva desse texto desmesurado da antiguidade. Inclusive uma de minhas histórias da última coletânea de contos que publiquei em 2019, *A desordem das inscrições* (ed. 7Letras), não por acaso se chama “As Metamorfoses”. Sempre houve, desde as origens, artistas-pensadores e pensadoras que contribuíram com grande vitalidade para o

22 Walt Whitman (1819-1892): poeta, ensaísta e jornalista norte-americano, considerado por muitos como o “pai do verso livre”. Paulo Leminski o considerava o grande poeta da Revolução Americana, como Maiakovsky seria o grande poeta da Revolução Russa. Sua obra *Folhas de Relva* é considerada um marco na literatura universal, principalmente dentro do gênero poético. (Nota da IHU On-Line)

23 Vincent Willem Van Gogh (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Sua influência no expressionismo, fauvismo e abstracionismo foi notória e pode ser reconhecida em variadas frentes da arte do século XX. Van Gogh foi pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. Hoje em dia, várias das suas pinturas, entre elas *Doze girassóis numa jarra*, *A casa amarela*, *Quarto em Arles*, *Os comedores de batatas* e *Auto-retrato* encontram-se entre os objetos mais caros do mundo, sendo superados apenas por Pablo Picasso. Era portador de epilepsia e também de distúrbio bipolar (psicose maniaco-depressiva). (Nota da IHU On-Line)

24 *Metamorfoses*: é uma das obras mais famosas e considerada como a magnum opus do poeta latino Ovídio. Este poema narrativo foi tornado público por volta do ano 8, e, ao lado de *Fastos*, trata-se talvez de um de seus poemas inconclusos por conta do exílio que sofreu no Ponto Euxino, costa do Mar Negro, região distante de Roma. (Nota da IHU On-Line)

25 Públio Ovídio Naso [conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa] (43 a.C. —18 d.C.): foi um poeta romano que é mais conhecido como o autor de *Heróides*, *Amores*, e *Ars Amatoria*, três grandes coleções de poesia erótica, *Metamorfoses*, um poema hexâmetro mitológico, *Fastos*, sobre o calendário romano, e *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, duas coletâneas de poemas escritos no exílio, no mar Negro. (Nota da IHU On-Line)

tecido da cultura. Destacaria o pensador-poeta Heráclito²⁶ e o poeta-pensador Hesíodo²⁷ entre os que mais me fascinam. Safo²⁸ também foi uma poeta-pensadora de grande importância.

Mas, claro, estou falando apenas da vertente europeia. No que diz respeito a culturas ameríndias, asiáticas, africanas e australianas, o legado vital é gigantesco e só agora está sendo devidamente apreciado no Brasil e noutros países pan-americanos e europeus. Nessa conjunção cada vez maior entre culturas ocidentais e não ocidentais está toda minha esperança no porvir. Infelizmente os governantes atuais fazem tudo para que isso não aconteça. Penso em Biden²⁹ e Putin³⁰, os verdadeiros senhores da guerra em curso, enquanto escrevo essas respostas – a Ucrânia e seu povo massacrado são somente um “pretexto” para as grandes potências nucleares mostrarem sua força. E como isso dói!

IHU – Mais recentemente, o senhor tem avançado numa reflexão mais ampla, que envolve agora a fitoliteratura. Foi o tema de seu singular livro de 2021, dedicado ao “pensamento vegetal”³¹. Como entender esse novo movimento em sua reflexão e na reflexão literária em curso hoje no Brasil?

Evando Nascimento – Lidar com o vasto tema “literatura e plantas”, que é o subtítulo do livro *O pensamento vegetal*, foi um correlato da pesquisa sobre os animais. Como disse anteriormente, minha questão não é a dos humanos ou dos animais em si, como reinos, independentes, mas da relação entre todos os viventes. No livro sobre Clarice, já há um subcapítulo sobre o que chamo *a poética e a estética das sensitivas*. Foi a partir desse esboço que comecei a fomentar nos anos seguintes um es-

26 Heráclito de Éfeso (540 a. C.-470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da IHU On-Line)

27 Hesíodo: foi um poeta oral grego da Antiguidade, geralmente tido como tendo estado em atividade entre 750 e 650 a.C. Sua poesia é a primeira feita na Europa na qual o poeta vê a si mesmo como um tópico, um indivíduo com um papel distinto a desempenhar. (Nota da da IHU On-Line)

28 Safo: foi uma célebre poetisa grega da ilha de Lesbos, contemporânea de Pítaco e Alceus. É conhecida por sua poesia escrita para ser cantada ao som da lira. A maioria dos poemas de Safo se perdeu ao longo do tempo, assim como ocorreu com praticamente todos os escritores da antiguidade, e o que sobreviveu se encontra na forma de fragmentos, sendo seu único poema completo a chegar aos dias atuais, intitulado “Ode a Afrodite”, preservado por Dionísio de Halicarnasso em sua obra sobre a composição dos nomes; mas há fragmentos considerados suficientemente inteiros, como os do poema Titônio, fragmento 16, fragmento 31 e o Poema dos Irmãos. (Nota da IHU On-Line)

29 Joseph Robinette “Joe” Biden Jr. (1942): advogado e político norte-americano que serve atualmente como o 46.º presidente dos Estados Unidos. Filiado ao Partido Democrata, serviu também como o 47.º vice-presidente de 2009 a 2017 no governo Obama. Entre 1973 e 2009, exerceu seis mandatos consecutivos como senador pelo Delaware, período em que presidiu importantes comitês do Senado. (Nota da IHU On-Line)

30 Vladimir Putin (1952): presidente da Rússia. Também é ex-agente da KGB no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB, respectivamente. Putin exerceu a presidência entre 2000 e 2008, além de ter sido primeiro-ministro em duas oportunidades, a primeira entre 1999 e 2000, e a segunda entre 2008 e 2012. (Nota da IHU On-Line)

31 O pensamento vegetal: A literatura e as plantas (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021). (Nota da IHU On-Line)

tudo concentrado na problemática vegetal, não apenas na obra clariciana mas também na de outros autores, artistas e pensadores.

Para minha surpresa, encontrei todo um movimento de reflexão que ainda não tinha chegado ao Brasil, e que se nomeou, não sem equívocos, como “virada vegetal”. A expressão é ruim porque o termo “virada” (*turn*, em inglês) denota um efeito de moda, como antes se falou na “virada linguística”, na “virada cultural”, na “virada ético-política” e na “virada animal”.

Não é de moda que se trata, até porque também faz parte da tradição ocidental abordar as plantas, embora de forma nem sempre satisfatória. Além disso, culturas ameríndias e afrodescendentes sempre tiveram outra conexão com os demais viventes. Só é virada para quem está viciado nas últimas novidades. Como explico no livro, já na época de Aristóteles³² estava em discussão se as plantas tinham ou não *psyché*, que traduzem como “alma” (termo demasiadamente latino e cristão) e que seria mais bem traduzido como *princípio vital*.

Protagonismo vegetal

A botânica, como tantas outras ciências, foi plenamente constituída entre os séculos XVIII e XIX. Mas então qual a diferença dos novos estudos, surgidos nas últimas décadas? A de dar um papel de protagonista aos vegetais, mostrando como praticamente todos os animais dependem deles para viver.

E mais: ao contrário de certa opinião difundida (*doxa*), as plantas são muito sensíveis, inteligentes e inventivas, nada devendo nesse aspecto aos animais. Esse preconceito contra os vegetais está expresso no verbo *vegetar*, o qual originalmente significava algo como vivificar, dar vida etc., mas em diversas línguas ganhou o sentido de não ter vitalidade ou estar em coma. O sentido positivo do termo latino ainda existe em português, basta consultar o Houaiss, mas ninguém conhece.

IHU – O senhor menciona os trabalhos de Emanuele Coccia³³ e Stefano Mancuso³⁴, entre outros, para indicar essa “nova ontologia dos vegetais”. Qual a importância desses autores e desse

32 Aristóteles de Estagira (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

33 Emanuele Coccia (1976): filósofo de origem italiana, professor da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales desde 2011. (Nota da IHU On-Line)

34 Stefano Mancuso (1965): botânico italiano, professor do departamento de agricultura, alimentação, meio ambiente e silvicultura na Universidade de Florença. Ele é o diretor do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal, membro do comitê diretor da Society of Plant Signaling and Behavior, editor-chefe da revista Plant Signaling & Behavior e membro do Accademia dei Georgofili. (Nota da IHU On-Line)

novο momento para a reflexão literária?

Evando Nascimento – Faria duas distinções: ambos são italianos, mas Coccia é um filósofo e Mancuso um cientista, então o modo de trabalhar com as plantas é muito distinto, mas também convergente em vários pontos. Coccia, junto com Michael Marder³⁵, é um dos poucos a utilizar ainda hoje a palavra “ontologia” para falar da existência das plantas no sentido que me interessa. Porém, ambos fazem grandes ressalvas ao termo.

No livro, explico por que não endosso em hipótese alguma a “ontologia das plantas”, nova ou antiga, fundamental (Heidegger) ou não, mas não tenho como explicar isso em poucas palavras. Para quem quiser conhecer um pouco mais a esse respeito, remeto ao *Derrida e a literatura* (3ª. ed., É Realizações), no qual falo disso em mais de um capítulo. Só diria que a ontologia, como ela se constituiu sobretudo a partir de Sócrates e Platão, um como discípulo do outro, é um dos maiores problemas da metafísica dita ocidental, legitimando inúmeras discriminações.

Apesar desse viés ontológico, consigo tirar proveito e dialogar com Coccia e Marder, a fim de desenvolver minhas próprias reflexões. Em nenhum momento desejei fazer uma “história das ideias”, por isso não estou preso a simples resenhas críticas do pensamento alheio, mas sim desejando fazer brotar algo de novo, uma flor que dê fruto, como tantas outras nos trópicos.

Ciência nômade

Já Mancuso, Francis Hallé³⁶, Jean-Marie Pelt³⁷ e Anthony Trewavas³⁸, entre outros, são cientistas não deterministas que me dão argumentos empíricos e teóricos extremamente úteis para uma reflexão inovadora. Não sou cientista e por isso escolhi esses que praticam uma espécie de “ciência nômade”, a qual ousa ir além dos dogmas da tradição positivista.

35 Michael Marder: professor e pesquisador de Filosofia na Universidade do País Basco, Vitoria-Gasteiz. Ele trabalha na tradição fenomenológica da filosofia continental, pensamento ambiental e filosofia política. (Nota da IHU On-Line)

36 Francis Hallé (1938): é um botânico e biólogo francês. (Nota da IHU On-Line)

37 Jean-Marie Pelt (1933 - 2015): foi biólogo, botânico e farmacêutico francês. Foi professor da Universidade de Lorena, especializado em plantas medicinais e farmacopeia tradicional, e é autor de vários artigos científicos e livros sobre plantas farmacêuticas, biologia vegetal e ecologia urbana. Era conhecido pelo público francês como o produtor de várias séries de televisão e transmissões de rádio sobre biologia vegetal e ecologia. (Nota da IHU On-Line)

38 Anthony James Trewavas (1939): é professor emérito da Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Edimburgo, mais conhecido por suas pesquisas nas áreas de fisiologia vegetal e biologia molecular. Sua pesquisa investiga o comportamento das plantas. (Nota da IHU On-Line)

Por muitas razões, em diversos momentos me sinto mais próximo deles do que dos dois filósofos citados.

Já de Judith Butler³⁹ e Donna Haraway⁴⁰, a proximidade é imensa, não por acaso são duas leitoras de Derrida, feministas, que desenvolveram um pensamento próprio. Todos esses pesquisadores e pesquisadoras nada têm a ver com a *tecnocracia* que domina as ciências ligadas ao universo digital. Sem serem tecnofóbicos nem anti-humanistas, tentam pensar um mais além das oposições metafísicas humanos/máquinas, humanos/animais, humanos/plantas, humanos/coisas etc.

Com Derrida, o diálogo envolve grande parte de minha formação acadêmica, e no capítulo “Derrida e as plantas” faço um ajuste de contas sem cair no clichê do “discípulo que trai o mestre”. Isso não ocorre desde logo porque, apesar de ter sido seu aluno, jamais me considere um discípulo ou seguidor, apenas um leitor atento, que deseja seguir seus próprios passos, com erros e acertos, talvez mais erros do que acertos. E mesmo nas pontuações que faço em relação à obra derridiana, predominam sobrejamente as convergências. Não foi a primeira vez que expus algumas de minhas divergências, mas creio que dessa vez o fiz de forma mais contundente, tentando não ser grosseiro. Para mim, depois de Nietzsche, entre os filósofos europeus que li, Derrida é quem foi mais longe, desde logo pelo fato de não ser apenas mais um “filósofo”, mas um pensador.

IHU – O senhor fala também de uma situação ameaçadora hoje em dia, inclusive para o futuro dos humanos, que relaciona com um “holocausto vegetal”. Como tem desenvolvido essa questão?

Evando Nascimento – Inventei a expressão “holocausto vegetal” a partir do termo *holocausto*, que significa etimologicamente “queimar o todo”, e sob o choque das queimadas e incêndios no Pantanal e na Amazônia em 2019 e 2020, com o incentivo criminoso do desgoverno federal e demais autoridades públicas. Foram dezenas de hectares de terras verdejantes que viraram cinzas, com a conseqüente morte de animais. Uma barbárie que se repete há anos, mas que se intensificou desde que o “Bolsonazista” assumiu o poder.

O capítulo em que trato do assunto assume um tom quase jornalístico ou de “diário de bordo”, porque precisei escrever perante uma realidade que me paralisava de tristeza e raiva. Tenho muita dificuldade de lidar com a morte alheia, e não só a dos humanos, mas a das plantas e dos animais também. Cada vivente que morre estupidamente, por causa de nossas ações desumanas, corrói um tanto de nossa própria humanidade. Razão pela qual falo também de “suicídio coletivo da humanidade”, pois é impossível imaginar que nossa espécie sobreviverá se os animais e

39 Judith Butler (1956): filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. Ela é professora do departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, em Berkeley. (Nota da IHU On-Line)

40 Donna Haraway (1944): bióloga, filósofa, escritora e professora nascida nos Estados Unidos. Escreveu diversos livros e artigos sobre ciência e feminismo. Entre seus textos mais destacados está o ensaio Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente no periódico *Socialist Review*, em 1985. (Nota da IHU On-Line)

as plantas continuarem a ser sacrificados no ritmo alucinante de agora. O mesmo acontece com a extração mineral dentro das florestas e das reservas naturais.

Holocausto vegetal, animal, mineral e humana

No momento em que escrevo estas respostas, mais uma barbárie foi cometida: o indigenista Bruno Pereira⁴¹ e o jornalista Dom Phillips⁴², do *The Guardian*, foram mortos por indivíduos praticantes da pesca ilegal. Os dois faziam uma reportagem sobre a destruição ambiental no Vale do Javari e sobre a ameaça permanente em que vivem os indígenas da região. O holocausto, a destruição cabal, não é só vegetal, mas também animal, humana e até mineral.

A sanha é de aniquilação total, até chegarmos a uma Terra calcinada. A continuar assim, o fim não está muito longe. Nunca fui apocalíptico, mas diante do horror atual, só me resta repetir alguns versos do poema “O sobrevivente”, de Drummond:

“Mas até lá, felizmente,/ estarei morto”. A estrofe final é de enorme lucidez premonitória: “Os homens não melhoraram/ e matam-se como percevejos./ Os percevejos heroicos renascem./ Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado./ E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio”. Mesmo quando não caem lágrimas, costumo chorar muito com o descalabro atual, aqui e alhures.

IHU – Há todo um movimento em curso na antropologia que abre espaço para uma reflexão distinta sobre o lugar dos animais e vegetais na teia da vida. Como o senhor capta esse momento novo para a literatura?

Evando Nascimento – Um dos melhores exemplos disso é “Meu tio o Iauraretê”, de Guimarães Rosa, em que se narra em primeira pessoa a transformação de um personagem em onça. Esse devir-animal foi muito bem refletido por Deleuze e Guattari⁴³ no livro sobre Kafka, *Por uma literatura menor*. A mimese literária tem esse poder de *evocar* (palavra que também contém “voz”) outras linguagens, outras escritas e outras “vozes” não humanas. Não se trata de mera “imitação”, mas de um processo em que a linguagem verbal se deixa contaminar por algo que a excede e que

41 Bruno Pereira [Bruno da Cunha Araújo Pereira] (1980 –2022): foi indigenista e servidor de carreira da Fundação Nacional do Índio (Funai), considerado uns dos maiores especialistas em indígenas isolados ou de recente contato do país e exímio conhecedor do Vale do Javari. Em 5 de junho de 2022, juntamente com o jornalista britânico Dom Phillips, foi assassinado durante uma viagem pelo Vale do Javari, no extremo-oeste do Amazonas. (Nota da IHU On-Line)

42 Dom Phillips [Dominic Mark Phillips] (1964 –2022): foi um jornalista britânico, trabalhou escrevendo para os jornais Washington Post, The New York Times e Financial Times. Morou no Brasil de 2007 a 2022, quando desapareceu e foi morto junto com o indigenista Bruno Araújo Pereira, no Vale do Javari. (Nota da IHU On-Line)

43 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

vem de viventes não humanos e até dos minerais: todos a meu ver são formadores de mundo e dotados de alguma forma de linguagem.

Não há vivente ou não vivente que não tenha seu mundo particular, o qual compartilha com outros reinos e espécies. Há um verso de Cabral de Melo Neto⁴⁴ que eu amo citar: “Viver/ é ir entre o que vive”. Eu acrescentaria: é ir entre o que vive e, também, entre o que aparentemente não vive. Há um entrelaçamento fundamental entre as formas orgânicas e inorgânicas de existência. Essa é toda a diferença do *pensamento vegetal* para a “ontologia fundamental” de Heidegger, que impõe um abismo até entre os humanos e os outros viventes.

IHU – Como o senhor vê em Clarice essa preocupação com o mundo vegetal? Em certo ponto de seu livro, traz que “praticamente ninguém se deu conta da igual relevância dos vegetais na literatura de Clarice”. Poderia nos falar sobre isso?

Evando Nascimento – Esse foi um de meus espantos quando comecei a abordar sistematicamente o tema vegetal em literatura. Benedito Nunes⁴⁵ deve ter sido o primeiro a assinalar a importância dos animais na literatura de Clarice; fez isso numa linguagem assumidamente heideggeriana. Então, há algumas décadas que não é mistério para nenhum leitor atento esse *papel animal* na ficção clariciana.

Usei de propósito o termo *papel*: são *bichos escritos*, em linguagem humana, mas em plena conexão com as linguagens não humanas – penso em especial nesse texto inclassificável “O ovo e a galinha”. E a partir de 1999 propus minha própria leitura da questão animal, que enfim consignei plenamente (mas sem esgotá-la, pois é inesgotável) em *Uma literatura pensante*. Todavia, a não ser por alguns comentários sobre o conto extraordinário “Amor”, em que a personagem Ana vai parar no Jardim Botânico, ou no igualmente fora do comum “A imitação da rosa”, as plantas não chamaram particularmente a atenção dos intérpretes claricianos.

Todo o capítulo do *Pensamento vegetal* intitulado “Clarice e as plantas: a poética e a estética das sensitivas” é para mostrar a potência vegetal como articuladora da ficção pensante de Clarice. Não se tratou de abordar apenas criticamente a temática, mas sobretudo de me conectar plenamente com a seiva vegetal das palavras de Clarice. Razão pela qual

44 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da Revista IHU On-Line, de 5-10-2009, intitulada A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto, disponível para download em <https://bit.ly/2oHHiQt>. Na edição 499 da revista IHU On-Line foi publicado um dossiê sobre a obra de João Cabral de Melo Neto, disponível em <http://bit.ly/2wZeOUd>. (Nota da IHU On-Line)

45 Benedito Nunes: é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de O Mundo de Clarice Lispector (São Paulo: Ática, 1966), Oswald Canibal (São Paulo: Perspectiva, 1979) e O Crivo de Papel (São Paulo: Ática, 1999). (Nota da IHU On-Line)

fiz várias incursões ao Jardim Botânico do Rio, sempre em busca de uma experiência com as alteridades a meu redor.

Minhas origens rurais ajudaram bastante, tendo morado um ano em fazenda. Como disse na mesa da Festa Literária de Paraty - Flip, de que participei com Mancuso: sou filho de Nhe'ery, que é o termo utilizado pelos guaranis para designar o que nós chamamos de Mata Atlântica. Com esse estudo vegetal, me reconectei com minhas raízes, que são móveis e até "aéreas". Como Drummond, me sinto a meu modo um "fazendeiro do ar".

IHU – É algo que também ocorre na literatura de Rosa, por exemplo, a forma de Diadorim apresentar a Riobaldo a riqueza do bioma do Cerrado. Isto também poderia abrir um campo de reflexão?

Evando Nascimento – Sem dúvida! A finalidade de uma pesquisa como a minha não é nem de longe a de esgotar uma temática que eu sei infinita. Ao contrário, é despertar nos jovens e nos pesquisadores sêniores (do CNPq ou não) o desejo de investigar essas questões noutros autores e autoras, bem como nas artes plásticas e no cinema etc. E, de fato, desde que comecei a fazer palestras e a publicar ensaios, muitos dos quais se encontram on-line desde 2017, surgiram pesquisadores que dialogam com meu trabalho e desenvolvem suas próprias reflexões.

A problemática vegetal em Rosa, só para aproveitar seu exemplo, é assunto para mais de uma tese de doutorado, sobretudo se se cotejar o texto literário com as inúmeras cadernetas com nomes de plantas e bichos que estão no IEB da USP! É uma verdadeira enciclopédia botânica e zoológica, decerto também mineral. O mesmo vale para outros autores. Como concluí com meus colegas da Flip: ao atentar para a "literatura e as plantas", é toda uma nova biblioteca que se descobre na própria casa, basta ter olhos para reler...

IHU – Essa é uma preocupação que provoca igualmente a reflexão poética brasileira? O senhor percebe um impacto dessa nova mudança também na poesia?

Evando Nascimento – A poesia sempre esteve atenta às plantas, embora muitas vezes apenas como metáforas e símbolos para a existência humana. No Brasil, Leonardo Fróes⁴⁶ reconhecidamente foi um dos primeiros a se vincular às questões ambientais, inclusive como cronista, já nos anos de 1970. Não por acaso, optou por morar na região serrana

⁴⁶ Leonardo Fróes (1941): poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

do estado do Rio, deixando a capital. Edimilson Pereira⁴⁷ é mais jovem, de minha geração, e já há algum tempo escreve também poemas inspirados na vegetação e correlatos. Ambos estão comentados em meu livro vegetal, junto com diversos outros e outras, inclusive indígenas.

Creio que a tendência é cada vez mais termos uma literatura atenta ao que acontece nesses reinos vicinais, dos animais, dos minerais e das plantas. Me chamou a atenção a quantidade de mulheres voltadas para essa vertente literária: entre outras, a norte-americana Louise Glück⁴⁸, Josely Vianna Baptista⁴⁹, Ana Maria Martins⁵⁰, Júlia Hansen⁵¹, Adriana Lisboa⁵² e minha grande amiga Maria Esther Maciel⁵³, que há alguns anos pesquisa o tema literatura e animalidade, tendo inclusive lançado um livro na Coleção Contemporânea, que dirijo na Civilização Brasileira.

Em nenhum momento me preocupei em fazer um mapeamento completo dessas questões em literatura, por duas razões: é uma tarefa gigantesca e só pode ser realizada coletivamente por vários pesquisadores; e, também, porque não tenho uma ambição generalizante: gosto de fazer recortes mais ou menos motivados, e a partir deles desenvolvo minhas próprias reflexões. Todos os meus ensaios funcionam assim: o desejo não

47 Edimilson de Almeida Pereira (1963): poeta, ficcionista, ensaísta, professor e pesquisador da cultura e da religiosidade afro-brasileiras. Graduou-se em Letras pela UFJF em 1986, sendo também Especialista e Mestre em Ciência da Religião pela mesma Instituição. cursou ainda o Mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e é Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio UFRJ-UFJF. Em março de 2002, concluiu Pós-doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Zurique, na Suíça. (Nota da IHU On-Line)

48 Louise Glück (1943): é uma poetisa e ensaísta estadunidense. Ela ganhou muitos prêmios literários importantes nos Estados Unidos, incluindo a Medalha Nacional de Humanidades, o Prêmio Pulitzer, o Prêmio Nacional do Livro, o Prêmio National Book Critics Circle Award e o Prêmio Bollingen, entre outros. Em 2020, ela foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura "por sua inconfundível voz poética que com austera beleza torna universal a existência individual". (Nota da IHU On-Line)

49 Josely Vianna Baptista (1957): poeta, tradutora e escritora. Entre seus livros, estão: Ar (1991), Corpografia (1992), este em colaboração com o artista plástico Francisco Faria, A concha das mil coisas maravilhosas do velho caramujo (2001), que, no ano seguinte, recebeu o VI Prêmio Internacional Del Libro Ilustrado Infantil y Juvenil del Gobierno Del México. Em 1996, criou a coleção Cadernos da Ameríndia, dedicada a temas do repertório cultural e textual de etnias indígenas sul-americanas. (Nota da IHU On-Line)

50 Anna Maria Martins (1924 —2020): foi uma escritora e tradutora brasileira. Estudou na Faculdade Sedes Sapientiae, mas não concluiu o curso. Iniciou a carreira fazendo tradução e estreou como escritora com A Trilogia do Emparedado e outros contos, pelo qual recebeu o 15.º Prêmio Jabuti na categoria autor estreado, em 1973. Foi assessora cultural de Almino Afonso, então vice-governador de São Paulo. Seus primeiros contos foram publicados no jornal Folha de S. Paulo. Romancista, cronista, ensaísta, contista e tradutora, dirigiu a Oficina da Palavra na Casa Mário de Andrade e traduziu para o português obras de Maurice Leblanc, Agatha Christie, Aldous Huxley, Heinrich Heine, O. Henry, Ray Bradbury, John Kenneth Galbraith e Herman Melville, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

51 Júlia de Carvalho Hansen (1984): poeta, astróloga e editora. Formada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Publicou títulos no Brasil e em Portugal, entre eles Cantos de estima (edição da autora, 2009 e Douda Correria, 2015); O túnel e o acordeom (Não Edições, 2013); Alforria blues ou Poemas do Destino do Mar (2013) e Seiva veneno ou fruto (2016), estes dois pela Chão da Feira – iniciativa editorial que realiza com outras três editoras mulheres. (Nota da IHU On-Line)

52 Adriana Lisboa (1970): escritora brasileira. Cresceu em sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Morou na França, em Paris e Avignon, e desde 2007 vive a maior parte do tempo nos Estados Unidos. É autora de seis romances, além de poemas, contos e histórias para crianças. Seus livros foram traduzidos ao inglês, francês, espanhol, alemão, árabe, italiano, sueco, romeno e sérvio, e publicados em catorze países. Recebeu o Prêmio José Saramago, em Portugal, pelo romance Sinfonia em branco, o Prêmio Moinho Santista, no Brasil, pelo conjunto de seus romances, e o prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por Língua de trapos. (Nota da IHU On-Line)

53 Maria Esther Maciel: escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com Pós-Doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional "Problematising Global Knowledge -The New Encyclopaedia Project", do Theory, Culture & Society Centre, da Nottingham Trent University (Inglaterra). (Nota da IHU On-Line)

é de abarcar o todo (se isso é possível...), mas sim de, com uma seleção prévia, propor interpretações diferenciais.

Ao longo do percurso obviamente o corpus inicial é ampliado – sem isso não existe a *aventura do pensamento*, que para mim é o que mais conta. Gosto de ter o acaso a meu favor, sem medo de errar, se possível tornando o erro parte do processo. Em síntese: pouco me interessam as abordagens abstratizantes – meu trabalho se propõe a uma *experiência vital*, que é antes de tudo *corporal*, no que o corpo tem de intelecto e de sensibilidade, inseparavelmente.

IHU – O antropólogo Tim Ingold⁵⁴ e também o estudioso de fungos Merlin Sheldrake⁵⁵, em seu livro *A trama da vida*⁵⁶, falam no emaranhamento que marca a trilha da vida, irmanando bichos, plantas, humanos e coisas. Ingold diz em sua obra *Estar vivo* que o entrelaçamento é a “textura do mundo”. O que dizer a respeito?

Evando Nascimento – Os fungos são um domínio conexo ao das plantas e de tudo o que é vivo e até do não vivo. Eles estão em toda parte, inclusive em nossos corpos. Essa teia fúngica é realmente global, constituindo um dos mais importantes canais de comunicação entre todos os viventes. É claro que essa “comunicação” nem sempre é saudável, pois há cogumelos venenosos para outras espécies, por exemplo. Trato dis-

54 Tim Ingold (1948): antropólogo britânico, professor da Universidade de Aberdeen. Frequentou o Churchill College, Cambridge, inicialmente estudando ciências naturais, mas mudando para antropologia, tendo concluído seu bacharelado em Antropologia Social em 1970 e seu doutorado em 1976. Seu trabalho de doutorado foi realizado com os Skolt Saami do nordeste da Finlândia, estudando suas adaptações ecológicas, organização social e política étnica. Ingold lecionou na Universidade de Helsinque (1973–1974) e depois na Universidade de Manchester. Em 1999, mudou-se para a Universidade de Aberdeen. Em 2015, ele recebeu o doutorado honorário pela Leuphana University of Lüneburg (Alemanha). (Nota da IHU On-Line)

55 Merlin Sheldrake: é biólogo e escritor com formação em ciências de plantas, microbiologia, ecologia e história e filosofia da ciência. Ph.D em ecologia tropical pela Universidade de Cambridge, trabalha com redes de fungos subterrâneos em florestas tropicais no Panamá, onde foi pesquisador de pré-doutorado do Smithsonian Tropical Research Institute. É pesquisador associado da Vrije University Amsterdam, trabalha com a Society for the Protection of Underground Networks (SPUN) e faz parte do conselho consultivo da Fungi Foundation. (Nota da IHU On-Line)

56 São Paulo: Fósforo Editora, 2021. (Nota da IHU On-Line)



so de passagem, em diálogo com Mancuso, mas não abri um capítulo separado porque seria um longo desvio, e o livro, que não é pequeno, ficaria bem maior.

De qualquer modo, em mais de um momento sublinho os aspectos relacionais da vida, explicando como, numa floresta, ao contrário do que nós urbanoides imaginamos, tudo está interligado. É um grande erro a leitura rasa que se faz de Darwin, supondo que a seleção natural é uma espécie de corrida de obstáculos. Bem lido, *A origem das espécies* é um livro muito mais sutil e complexo do que a vulgata expressa. Como têm sublinhado diversos biólogos, em especial botânicos como Trewavas e Pelt, a vida não é só competição, há muita colaboração entre fungos, bactérias, plantas, animais e humanos.

Uma visão tacanha da existência é que nos acostumou a colocar cada reino e cada espécie dentro de escaninhos separados e antagônicos. Alguém consegue viver sem cultivar plantas e/ou criar animais, direta ou indiretamente? O que seria da polinização sem a ajuda de insetos e, também, dos humanos? O que aconteceria com os herbívoros que nós humanos devoramos (aves e gado) sem as deliciosas plantinhas? Essa obviedade é cotidianamente ignorada por causa do preconceito antropocêntrico. Nem as diversas predações entre os viventes são uma guerra como se costuma conceber. A competição entre as espécies é apenas um dos fatores para a sobrevivência geral da própria vida.

Assassinos? Sanguinários?

Toda vez que, assistindo a um programa sobre bichos na TV a cabo, ouço o comentarista falar de “orcas assassinas” ou de “tubarões sanguinários”, estremeço – logo nós, que todos os dias matamos sanguinariamente diversas espécies para nos alimentarmos, vamos posar de moralistas isentos?! E muitas vezes comemos bem mais do que necessitamos, por pura crueldade voraz.

Nada tenho contra o consumo de carne vermelha ou branca, pois acho que também faz parte do cardápio da espécie, definido milênios atrás. Não sou vegetariano nem vegano, mas acho escandaloso o consumo abusivo de proteína animal. O que os nutricionistas dizem é que, por exemplo, carne vermelha uma vez por semana bastaria, para adquirirmos a quantidade de vitaminas e ferro que ela nos fornece. Há pessoas que comem bifes e afins duas ou três vezes ao dia.

IHU – É possível constituir uma particular sintonia dessa reflexão com o pensamento do Mestre Dogen⁵⁷, que inaugurou o Soto

57 Dogen (1200 –1253): foi um mestre zen-budista japonês nascido em Kyôto. Dogen fundou a escola Soto de zen. Ele foi uma figura religiosa proeminente em seu tempo, bem como um filósofo importante. Dogen é conhecido pela sua obra “Tesouro do Olho do Dharma verdadeiro” (Shôbôgenzô), uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação. (Nota da IHU On-Line)

Zen⁵⁸. Ele nos diz em seu Shôbôgenzô que a nossa incapacidade de ver o movimento dos rios e montanhas expressa, na verdade, a nossa incapacidade de perceber o nosso movimento. O senhor chegou a pensar nessa relação da nova reflexão em curso com o pensamento Zen?

Evando Nascimento – Há uma série de saberes tradicionais que precisei deixar de lado na pesquisa, pelo simples motivo de que o livro é antes de tudo um ajuste de contas com a filosofia e as ciências ocidentais, fundadas na racionalidade logocêntrica. Minha formação teórica, com autores como Derrida, Barthes⁵⁹, Foucault⁶⁰ e Deleuze⁶¹, me permitiu “desconstruir” ou, como hoje prefiro, *disseminar* uma forma de pensamento mais além das teses metafísicas tradicionais de Aristóteles, Hegel ou Kant. Nietzsche na verdade foi o primeiro a me abrir os olhos para uma realidade outra, muito além do humano. As leituras que fiz no mestrado, quando tinha vinte e poucos anos, do *Zaratustra*, da *Gaia ciência* e da *Genealogia da moral* me permitiram uma conexão diferenciada com o humano e todos os seus “outros”: gatos, cacauzeiros e rochedos. Ou seja, o próprio “Ocidente” produziu desde o século XIX o antídoto ou *phármakon* para suas teses hiper-racionalistas.

O único saber não ocidental com que dialoguei no livro foi o de alguns indígenas brasileiros, como Ailton Krenak, Sonia Guajajara⁶², Davi Kopenawa⁶³ e João Paulo Barreto⁶⁴ – este último pertence à etnia Tukano

58 Sôtô: é uma escola japonesa de Zen Budismo. Ela descende da escola chinesa Caodong, e foi levada ao Japão por Dogen Zenji (1200-1253). Atualmente, é a escola de Zen com maior presença no Ocidente. (Nota da IHU On-Line)

59 Roland Barthes (1915-1980): crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam *Elementos de semiologia* (1965), *Sistema da moda* (1967), *O Império dos signos* (1970). (Nota da IHU On-Line).

60 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada ‘História da loucura’ e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua*. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

61 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

62 Sônia Bone Guajajara (1974): é uma líder indígena brasileira, formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultural. Sua militância em ocupações e protestos começou na coordenação das organizações e articulações dos povos indígenas no Maranhão - COAPIMA e levou-a à coordenação executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB. Antes disso ainda passou pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB. Foi pré-candidata à vice-presidência em chapa com Guilherme Boulos, pelo PSOL. (Nota da IHU On-Line)

63 Davi Kopenawa Yanomami (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia, *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, ser lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015 sob o título *A queda do céu*. Palavras de um xamã yanomami (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

64 João Paulo Lima Barreto ou João Paulo Tukano: ativista indígena do povo Ye'pamahsã (Tukano), antropólogo e professor na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Foi o primeiro indígena a defender o doutorado em antropologia pela UFAM. Ele nasceu na comunidade São Domingos, na região norte do Brasil. Trabalhou no ensino fundamental e superior e também em organizações indígenas do Amazonas. É, ainda, idealizador e cofundador do Centro de Medicina Indígena da Amazônia, uma clínica criada em 2017 especificamente para servir o povo indígena. (Nota da IHU On-Line)

e foi um de meus parceiros na Flip. Em meu estudo, foi um verdadeiro deleite aproximar as metáforas botânicas de Hegel ao que dizem os indígenas sobre as plantas, os animais, as pedras e as florestas. É para mim um dos pontos altos do livro; claro que os leitores podem discordar.

O pensamento indígena ajuda muitíssimo bem a “desconstruir” ou a *disseminar* a dialética hegeliana. O filósofo alemão deve ter se revirado no túmulo, ele que dizia que somente o europeu pensa de fato.

IHU – Essa reflexão hoje em curso, apontada, por exemplo, por Emanuele Coccia em seu livro *Metamorfoses*, vem indicar um novo modo de trabalhar com a ideia de morte, que envolve a ideia de uma “reintegração ao inorgânico”?

Evando Nascimento – Um pensamento radical da morte, sem temor nem tremor, está em Clarice e em Derrida, bem como em muitos outros escritores-pensadores. Gilberto Gil⁶⁵ fez também algumas lindas canções, em que diz, por exemplo, “Se a morte faz parte da vida,/ E se vale a pena viver,/ Então morrer vale a pena,/ Se a gente teve o tempo para crescer,/ Crescer para viver de fato/ O ato de amar e sofrer./ Se a gente teve esse tempo,/ Então vale a pena morrer” – há outras composições de igual teor, de uma sabedoria única.

Um dos elementos que mais recalcamos nas culturas ocidentais é nossa relação com a morte. É disso que fala esse texto extraordinário de

65 Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil e em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. Sobre Gil e Caetano, a IHU On-Line dedicou um tema de capa especial na edição 476, intitulada Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só, publicada em 03/11/2015, disponível em <https://bit.ly/3rKoyzm>. (Nota da IHU On-Line)

Freud⁶⁶, *Das Unheimliche*, título que não tem equivalente noutras línguas, mas foi vertido como o “estranho”, “l’inquiétant étrange”, “l’étrange familier”, “the uncanny”, “lo siniestro” etc. O próprio Freud fez uma pesquisa vocabular, no alemão e noutras línguas, para entender o conteúdo semântico desse termo “esquisito” (uma vez o traduzi assim). É um dos ensaios fundamentais sobre o “retorno do recalçado”, e que dialoga implicitamente com o “eterno retorno” de Nietzsche. Em dado momento, Freud diz que poderia ter começado com exemplos de morte, porque a morte é *unheimlich* por excelência.

Como todo vivente, tenho medo da morte por não saber o que há do outro lado, o *undiscovered country* de Hamlet⁶⁷, nem mesmo se há “outro lado”. Todavia, esses autores que leio desde muito jovem me ensinaram a encará-la como um processo intrínseco à vida, e que começa desde o nascimento. Costumo dizer até que começou quando as duas células reprodutivas de nossos pais se encontraram – ali principiamos a correr todos os riscos que podem dar cabo de nossa existência. Há uma frase extraordinária de Proust⁶⁸, que cito no *Derrida e a literatura*, na qual ele diz que já morreu diversas vezes, desde que nasceu.

Parafraseio aqui propositalmente de memória, porque nesse caso, como noutros, me importa o modo como recebo e interpreto o pensamento do outro, conectando-o a minha própria experiência vital, literária e artística. Essa é uma estratégia fundamental do ensaísta, do escritor e do artista visual que me tornei, segundo meus e minhas intérpretes: oscilar entre a mais estrita filologia e a mais livre interpretação – ambas as categorias se encontram em Nietzsche. Sem imaginação inventiva, não há pensamento, apenas erudição vazia. É preciso ousar, com o risco de errar – se não der certo, reavalia-se o percurso intencionado e se tenta de novo.

Aprender a morrer e viver

Em síntese: é por ter aprendido a morrer e a renascer constantemente que pude escrever esse livro de título estranho (*unheimlich*): *O pensamento vegetal*. Quem conhece meus problemas de saúde nos últimos anos, dos quais quase nunca falo, sabe do que se trata. Temo, mas não

66 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da IHU On-Line, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

67 A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca: geralmente abreviada apenas como Hamlet, é uma tragédia de William Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601. A peça, situada na Dinamarca, reconta a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, Hamlet, o rei, executado por Cláudio, seu irmão, que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a rainha. A peça traça um mapa do curso de vida na loucura real e na loucura fingida — do sofrimento opressivo à raiva fervorosa — e explora temas como a traição, vingança, incesto, corrupção e moralidade. (Nota da IHU On-Line)

68 Marcel Proust [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da IHU On-Line)

sinto pavor da morte, simplesmente porque já a conheci de perto, vi sua cara mais de uma vez e ela estava “viva”, como muito bem disse o saudoso Cazuza⁶⁹.

Ri dela e ela riu de mim, pois sabe que a partida para nós viventes está desde sempre perdida – tema do belíssimo *O sétimo selo*⁷⁰, de Bergman⁷¹. Perdida em termos, pois o ciclo vital jamais termina: cada vida que se dissipa acaba por se reintegrar ao orgânico e ao inorgânico. A teia vital se retroalimenta sem cessar, bastando observar o trabalho dos vermes, dos fungos e das bactérias, entre outros agentes.

Tenho horror apenas ao sofrimento brutal. Sartre⁷² e Blanchot⁷³ disseram a mesma frase: *Souffrir est abrutissant*, sofrer é embrutecedor. Morrer é tão “natural” como comer, respirar, caminhar, amar. Sofrer de forma desmedida e aparentemente gratuita é atroz, a não ser para os que creem no sofrimento como forma de ascese, mas isso nada tem a ver comigo. Queria morrer como Lou Reed e outros privilegiados: olhando o jardim através da janela. Que linda despedida da existência! E, aliás, contrariamente ao que é comum sobretudo no “Ocidente”, tendo a celebrar as vidas bem vividas quando se findam e não a lamentar sua perda. E “bem vivida” inclui altas doses de alegria, tédio e sofrimento, sem idealizações.

Por outro lado, um certo nível de sofrimento é inevitável e deve ser incorporado como parte do processo vital. O que também está em Nietzsche: a afirmação da vida mesmo na dor. E isso com certeza está igualmente em muitas culturas não ocidentais. Já o capitalismo quer nos vender um mundo asséptico, indolor, com o gozo sem fim que o consumismo permite. Espero que a pandemia tenha ensinado muitas pessoas ao menos a entender a necessidade do luto, sem denegá-lo em função de uma alegria ilusória e constante.

IHU – Sua reflexão vai ainda mais longe quando busca captar as pesquisas inovadoras no campo da biologia, quando fala em rizoma, micorrizas e fungos, ou seja, num “mundo invisível” que

69 Cazuza (1958-1990): cantor e compositor brasileiro que ganhou fama como vocalista e principal letrista da banda Barão Vermelho. Sua parceria com Roberto Frejat foi criticamente aclamada. (Nota da IHU On-Line)
70 *O Sétimo Selo*: filme sueco de 1956, do gênero drama, escrito e dirigido por Ingmar Bergman. O filme é baseado numa peça de teatro de autoria do diretor. O filme ambienta-se em um dos mais obscuros e apocalípticos períodos da Idade Média europeia. O título é uma remissão ao livro bíblico denominado Apocalipse ou Revelação. Segundo esta escritura, na mão de Deus há um livro selado com sete selos e a abertura de cada um destes selos implica num malefício sobre a humanidade, mas a abertura do sétimo é o que leva efetivamente ao fim dos tempos. (Nota da IHU On-Line)

71 Ernst Ingmar Bergman (1918-2007): dramaturgo e cineasta sueco. Estudou na Universidade de Estocolmo, onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Iniciou a carreira em 1941, escrevendo a peça teatral “Morte de Kasper”. Em 1944, desenvolveu o primeiro argumento para o filme “Hets”. Realizou o primeiro filme em 1945, “Kris”. Seus trabalhos lidam geralmente com questões existenciais, como a mortalidade, a solidão e a fé. Sobre o cineasta, confira a entrevista com Andreia Vasconcelos, intitulada Bergman e o contínuo turbilhão contraditório da dúvida existencial, publicada na revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em <http://bit.ly/2eX8g0Z>. (Nota da IHU On-Line)

72 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias Baudelaire (1947) e Saint Genet (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

73 Maurice Blanchot (1907-2004): filósofo, romancista, crítico literário e jornalista francês, autor de *O espaço literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000), *Pena de morte* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *El paso (no) más Allá* (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

nos rodeia e sustenta, e que é essencial para a nossa sobrevivência. Fala-se hoje em inter-relação com esse mundo. Pode nos falar algo a respeito?

Evando Nascimento – Respondi essa questão em parte anteriormente. Não foi o tema principal da pesquisa, mas o trouxe para o livro porque me ajudou a pensar uma *estrutura descentrada* para a vida. Há três centramentos que ocorrem na história das culturas ocidentais e que estão em vias de forte abalo: teocentrismo, antropocentrismo e zocentrismo. Como biblicamente se sabe, Deus foi criado à nossa imagem e semelhança, fazendo do antropocentrismo um teocentrismo, e vice-versa (invertei a sentença bíblica de propósito, pois o que se diz é que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança). É o que chamo de *narcisismo antropodivino*.

Quando as ciências ditas naturais se estabeleceram na modernidade, o humano foi sem dúvida o objeto de maior preocupação. E como guardamos muitas relações fisiológicas e fisionômicas com os animais, a zoologia forneceu de algum modo o modelo para estudar a vida. As plantas ficaram em último plano, só perdendo para os fungos, as algas e as bactérias. Ora, rizomas, fungos e micorrizas são estruturas acêntricas, sem começo, meio e fim determinados, fornecendo um padrão diferencial para se estudar os fenômenos da vida. *Descentramento* é um termo decisivo no Derrida dos anos 1960, assim como rizoma será para Deleuze e Guattari nas décadas seguintes. E a *ficção* é eminentemente descentrada e rizomática: penso, por exemplo, nas inúmeras entradas e saídas, ou melhor, nas inúmeras *bifurcações* que têm os textos de Borges, o autor da escrita-labirinto. O papel inespecífico das ficções é inventar outros mundos habitáveis, ainda que seja apenas na imaginação. Porém esses mundos outros podem, com efeito, influenciar os nossos mundos reais, tornando-os mais respiráveis. Para mim, são ficções efetivas: a literatura, as artes, a filosofia & as ciências. De todas careço em igual medida, não abro mão de nenhuma.

IHU – É possível se inspirar nas formas de “ressurgência” observadas nesse mundo invisível para encontrar caminhos de sobrevivência para o “homem humano”?

Evando Nascimento – Essa é a chave por excelência para o humano conseguir não só sobreviver, mas até *superviver*, o qual, para mim, é o viver mais e melhor, como há anos defendo. Ou aprendemos a lidar com essas “estranhas formas de vida”, que são as plantas, os animais, os fungos, as algas, as bactérias e até os vírus (estes, como se sabe, são um híbrido de vivo e de morto), ou pereceremos muito em breve como espécie. A pandemia terrível que sofremos desde final de 2019 é a prova cabal

de que algo de muito errado está acontecendo com nossa humanidade, a qual se revela tantas e tantas vezes cruel, desumana e bárbara.

E infelizmente isso não é privilégio do “Ocidente” – basta pensar nas autocracias do Irã, da Turquia e da China, para ver que a asfixia da democracia ocorre em lugares diversos. E onde não há liberdade para o pensamento se expandir, não há vida que perdure. Pensamento não é para mim em absoluto o ato de refletir para se afirmar que “existo” (como estipulou Descartes). Pensamento é tudo o que acontece em nossa abertura para as alteridades. Pensar é uma experiência de transformação de si com o outro, pelo outro, para o outro. E para não nos fixarmos no masculino, tenho utilizado cada vez mais esse pronome que caiu em desuso: *outrem*. Pensar é saber aprender não apenas consigo mesmo, mas sobretudo com *outrem*. *Outrem* que também somos. Pensar é, portanto, da ordem de um acontecimento e não da mera consciência autorreflexiva.

Grande parte de meu trabalho está voltado para essa zoopolítica e essa fitopolítica, em defesa dos animais, das plantas e da vida em geral, sobretudo em regimes neofascistas como o atual no Brasil. Foi lutando em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela habitam que foram assassinados Bruno Pereira e Dom Phillips. É preciso combater com todas as forças vitais esse terror sem fim.

IHU – O senhor já destacou sua presença na última Flip, dedicada à virada vegetal. Qual relevância que concede ao evento?

Evando Nascimento – Dei a máxima importância, foi uma das melhores (e mais difíceis) coisas que me aconteceram. Apesar das muitas críticas, justas ou injustas, que a Flip sofreu e sofre, continua sendo o evento literário mais prestigioso do país. Sua relevância pode ser medida pelas inúmeras “Flips” que surgiram Brasil a fora, com nomes adaptados ao local de realização: Fliaraxá, Fliporto, Flica etc. Tivemos um trabalho desmesurado para fazer uma programação diversificada com muitos autores brasileiros e estrangeiros. A preocupação também era grande com o equilíbrio de gênero e étnico: *negr’s*, *branc’s*, indígenas, uma coreana, uma moçambicana. Alguns são nomes consagrados, como Conceição Evaristo⁷⁴, Itamar Vieira Júnior⁷⁵, Ana Maria Martins, Margareth

⁷⁴ Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946): linguista e escritora brasileira. Agora aposentada, teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio. Como pesquisadora-docente, seus trabalhos focavam na literatura comparada. (Nota da IHU On-Line)

⁷⁵ Itamar Vieira Júnior (1979): escritor brasileiro. É autor do romance *Torto Arado*, ganhador do Prêmio LeYa de 2018, do Prêmio Jabuti de 2020 e do Prêmio Oceanos de 2020. (Nota da IHU On-Line)

Atwood⁷⁶, David Diop⁷⁷, Hang Kang⁷⁸, entre muitos outros e outras. Tudo isso tendo como critério a presença das plantas e afins no que escrevem.

Dois dos maiores pesquisadores que já citei também compareceram: Stefano Mancuso, com quem dialoguei, sob mediação da poeta Prisca Agustoni⁷⁹, no dia da abertura, e Emanuele Coccia, que dialogou com Adriana Calcanhoto⁸⁰, no penúltimo dia. O fato de o evento ter sido on-line facilitou em parte, mas dificultou também. Faltou a presença calorosa dos convidados e do público. Mesmo assim, quatro dos curadores fomos a Paraty, e lá encontramos os indígenas, no lindíssimo ritual de abertura, na Praça da Matriz. Chamei de “Primeira Missa às avessas”, realizada não pelos invasores portugueses, mas por representantes dos povos autóctones.

Ressalto o profissionalismo da organização da Flip, em particular de seu diretor artístico Mauro Munhoz. Porém, ele trabalha com uma excelente equipe, que deu assistência o tempo todo aos curadores Hermano Vianna (coordenador), Anna Dantes, Pedro Meira, João Paulo Barreto e eu mesmo. Formamos, em conjunto, uma *teia curatorial*, não sem discrepâncias.

Foi uma felicidade concluir e publicar um livro no evento que também foi inspirado em meu trabalho, pois fui convidado para participar pelo antropólogo Hermano Vianna⁸¹ a partir de uma conferência que fiz na Academia Brasileira de Letras sobre “Pessoa/Caeiro e as plantas”. Foi um aprendizado árduo, mas extremamente proveitoso. Árduo também porque há claramente uma implicância da grande mídia com a Flip – parece que eles ficam buscando um escândalo para vender jornal e ter audiência. É a sociedade do espetáculo levada a seu ápice, como a definiu muito bem Guy Debord⁸² nos anos de 1960. Felizmente o resultado foi excepcional, com excelente retorno por parte de quem assistiu. Todos os vídeos das palestras se encontram em livre acesso na Web, por tempo indeterminado.

76 Margaret Eleanor Atwood (1939): escritora canadense, romancista, poetisa, contista, ensaísta e crítica literária internacionalmente reconhecida, tendo recebido inúmeros prêmios literários importantes. Foi agraciada com a Ordem do Canadá, a mais alta distinção em seu país. Em 2001, Atwood foi incluída na Canada's Walk of Fame de Toronto. Muitos dos seus poemas foram inspirados por contos de fadas europeus e pela mitologia euro-asiática. (Nota da IHU On-Line)

77 David Diop (1966): romancista e acadêmico francês, especializado em literatura francesa e africana do século XVIII. Sua pesquisa concentra-se nas representações da África em relatos e imagens de viajantes do século XVIII. Recebeu o International Booker Prize 2021 por seu romance *At Night All Blood Is Black* como o primeiro autor francês (traduzido por Anna Moschovakis). O romance também foi indicado para dez prêmios franceses e os ganhou em outros países. (Nota da IHU On-Line)

78 Han Kang (1970): escritora sul-coreana, filha do romancista sul-coreano Han Seung-won. Tornou-se mundialmente conhecida após a publicação do seu romance “A vegetariana” em 2007, pelo qual, após sua tradução ao inglês, conquistou o Man Booker Prize (Prêmio Booker) em 2016. Atualmente, Han Kang ensina escrita criativa no Universidade de Seul [4] e escreve contos e novelas, além de realizar trabalhos de artes visuais. (Nota da IHU On-Line)

79 Prisca Agustoni (1975): poeta, tradutora e professora. Antes de mudar-se para o Brasil em 2003, viveu em Genebra e no Ticino. Sua obra, tanto prosa quanto poesia, transita entre o italiano, francês, espanhol e português. No Brasil, alguns de seus livros publicados são *Irmãs de feno* (Mazza, 2002), *A neve ilícita* (Nankin, 2006) e *Hora zero* (Patuá, 2016). É também autora de livros infantis, como *O mundo começa na cabeça* (Paulinas, 2015). Leciona literatura comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde reside atualmente. (Nota da IHU On-Line)

80 Adriana Calcanhoto (1965): cantora, compositora, intérprete, instrumentista, produtora musical, arranjadora, escritora e ilustradora brasileira, além de atuar como professora e embaixadora da Universidade de Coimbra, em Portugal. (Nota da IHU On-Line)

81 Hermano Vianna (1960): é um antropólogo, pesquisador musical e roteirista de televisão brasileiro. Autor dos livros “O Mistério do Samba” (Zahar, 1995) e “O Mundo Funk Carioca” (Zahar, 1988) é também criador dos programas *Esquental*, *Central da Periferia*, *Brasil Legal* e *Programa Legal* (TV Globo). (Nota da IHU On-Line)

82 Guy Debord (1931-1994): filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (Rio de Janeiro: Contraponto) e fundador da Internacional Situacionista (IS). (Nota da IHU On-Line)



A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector

Clarice Lispector era uma leitora da Bíblia. Sua obra está permeada de referências, imagens, alusões e, por que não dizer, reinterpretações de conteúdos bíblicos. Mas que tipo de leitura dos textos Sagrados emerge da obra da escritora? Nesse artigo, abordamos o uso da Bíblia em alguns textos de Clarice a fim de tematizar uma hermenêutica do livro Sagrado e de elementos da tradição judaico-cristã enquanto uma espécie de leitura popular da Bíblia.



João Melo e Silva Junior é jesuíta, graduado em filosofia pelo Centro Universitário de Assunção - UNIFAI, estudante de teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

- FAJE e especialista em catequese pela UNISAL-SP. Participa do Grupo de Pesquisa LERTE (Literatura, Religião, Teologia) da PUC--SP, do Grupo de Pesquisa Diversidade afetivo-sexual e teologia da FAJE, e do Grupo de Pesquisa Fé Cristã e Contemporaneidade, também da FAJE.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Juventudes e as “novas” expressões da participação na política

O texto apresenta elementos para o debate acerca das formas de participação juvenil na contemporaneidade. Entende-se que parte da juventude tem se distanciado das formas tradicionais de militância e forjado outros modelos de participação política por meio da ação direta. O exemplo apresentado diz respeito à ocupação das escolas secundaristas promovida pela unidade geracional progressista da juventude brasileira.



Juventudes e as “novas” expressões da participação na política
Flávio Munhoz Sofiati



Flávio Munhoz Sofiati é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo - USP e professor da Universidade Federal de Goiás - UFG, Faculdade de Ciências Sociais, Programas de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia Social. É membro do Núcleo de Estudos de Religião “Carlos Rodrigues Brandão”- NER, do Observatório Juventudes na Contemporaneidade e do CAJUEIRO – Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude de História da Religião no Gresham College – Inglaterra, onde ministrou aulas sobre a história do Cristianismo Protestante.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos

O presente trabalho tem como escopo refletir o relato bíblico da Paixão segundo Marcos, sobretudo a expressão performática de Jesus em Mc 15,34, o grito de abandono de Jesus na cruz, e a recitação do Sl 22, 1, à luz de sua permanência no Getsêmani, o jardim das Oliveiras, episódio que antecipa a cena da crucificação de Jesus (Mc 14,32-42).



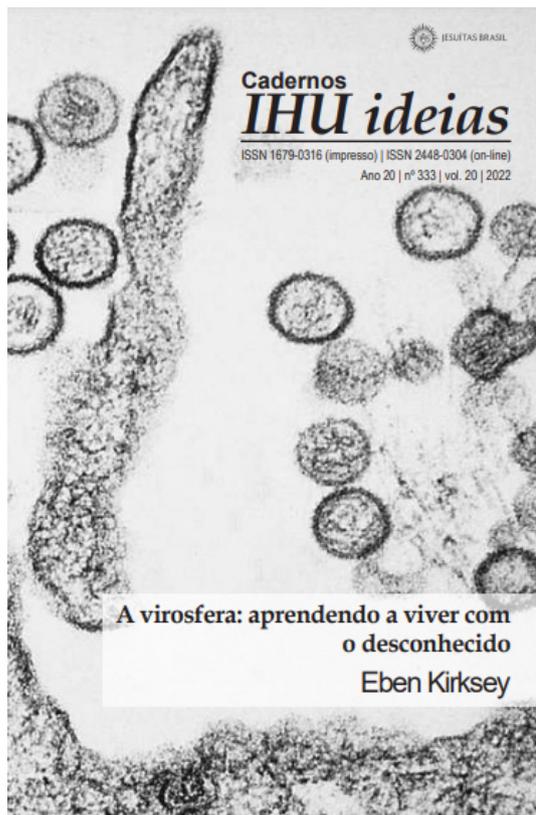
Junior Vasconcelos do Amaral possui graduação e Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais, graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, Mestrado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e doutorado sanduíche (ano de 2014 na Université Catholique de Louvain) em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido

Vírus são geralmente percebidos apenas quando acontece algo de errado. Nas primeiras semanas de março de 2020, um vírus emergente estourou a bolha da modernidade. Vínhamos numa trajetória de crescimento aparentemente sem limites. Mas então um agente infeccioso invisível rompeu nossos sonhos e programas coletivos. Uma energia receosa interrompeu sistemas econômicos, comerciais, sociais e culturais em todas as partes do planeta. Frotas de empresas aéreas foram impedidas de levantar voo. A nova cepa de coronavírus diminuiu a ação humana em uma escala planetária.



Eben Kirksey é Antropólogo americano conhecido por seu trabalho pioneiro em “etnografia multiespécies” – uma abordagem para estudar as interações humanas com animais, plantas, fungos e micróbios. Eben pesquisa sobre a relação entre natureza e cultura. Investigar algumas das histórias mais importantes do nosso tempo – relacionadas à biotecnologia, meio ambiente e justiça social – o levou à Ásia, ao Pacífico e às Américas.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora

Este primeiro volume dos Cadernos IHU Ideias que apresentamos compartilha memórias afetivas e caras, relatadas por pessoas que ajudaram a concretizar a caminhada do grupo de Emaús. Mais que um registro histórico, conseguem expressar juntas a riqueza de uma jornada fecunda e inspiradora.



Frei Betto é autor de 70 livros, editados no Brasil e no exterior. Nasceu em Belo Horizonte (MG) e estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias *Batismo de Sangue* (Rocco).



Ivo Lesbaupin é professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, é mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ e doutor em Sociologia pela Université de Toulouse-Le Mirail, da França.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Leonardo Boff fez seus estudos primários e secundários em Concórdia, Rio Negro, no Paraná, e Agudos, São Paulo. cursou Filosofia em Curitiba-PR e Teologia em Petrópolis-RJ. Doutorou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique, na Alemanha, em 1970. Ingressou na Ordem dos Frades Menores, franciscanos, em 1959. Durante 22 anos, foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica em Petrópolis, no Instituto Teológico Franciscano.



Frei Carlos Mesters cursou Filosofia em São Paulo e Teologia em Roma, no Colégio Internacional Santo Alberto. Formou-se em teologia no “Angelicum” (Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino) e em Ciências Bíblicas no Institutum Biblicum, em Roma, e na École Biblique de Jerusalém. Sacerdote desde 1957, doutor em Teologia Bíblica, é um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil. Doutor Honoris Causa pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP.



Luiz Alberto Gómez de Souza (in memoriam). Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, pós-graduado em Ciência Política, doutor em Sociologia. Autor de mais de cem artigos em revistas brasileiras e internacionais e colaborador e organizador de vários livros.



Julio de Santa Ana é teólogo uruguaio, doutor em Ciências da Religião, ex-Secretário Geral do Movimento Igreja e Sociedade na América Latina, ex-Diretor da Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento, do Conselho Mundial de Igrejas; ex-diretor do CESEP-SP e ex-professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP-SP.



Pedro A. Ribeiro de Oliveira possui graduação em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Sociologia - Universidade Católica de Louvaina e doutorado em Sociologia - Universidade Católica de Louvaina.



Organizadores



Edward Guimarães é doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).



Lúcia Ribeiro é socióloga e trabalhou como pesquisadora nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução, migrações e religião; atualmente, vem investigando o processo do envelhecer. É consultora do ISER/Assessoria, membro do Conselho Editorial do Boletim REDE e assessora de movimentos sociais. Tem 5 livros publicados, entre os quais Masculino/Feminino: experiências vividas (2007), em parceria com Leonardo Boff. Publicou também numerosos artigos.



Tereza Pompéia possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), graduação em Ciências Religiosas pela Université Catholique de Louvain (1971), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991).



O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade

Há anos, venho trabalhando em uma sinergia que coloca em confrontos e encontros os monstros, os sintomas da cultura e os problemas contemporâneos. Primeiramente, com o cinema e com a literatura. Aos poucos, porém, fui levado para o Antropoceno – tema que persigo não apenas por sua urgência e relevância, mas também por ele ser uma espécie de catalizador, permitindo-me colocar vários elementos em diálogo a partir de uma visão que busque a complexidade”, propõe Adriano Messias



Adriano Messias possui pós-doutorado de 4 anos em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP, com bolsa concedida pela Fapesp. Foi pesquisador convidado pela Universitat Autònoma de Barcelona, na Faculdade de Ciências da Comunicação, onde desenvolveu projeto sobre Antropoceno, cinema e tecnologias monstruosas.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

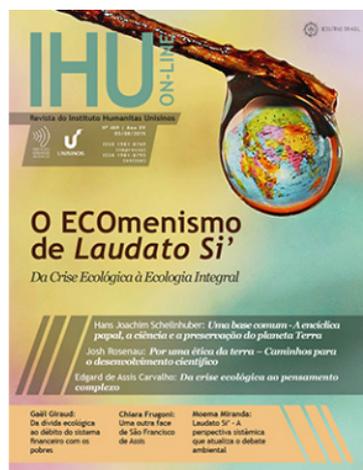
Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



Biomias brasileiros e a teia da vida

Edição 500 – Ano XVII – 13/3/2017

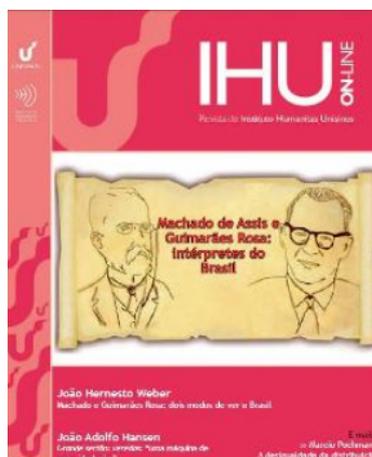
Conscientes do colapso civilizacional com que nos defrontamos como espécie humana e inspirados pela Campanha da Fraternidade do ano de 2015, cujo tema é Fraternidade: Biomias Brasileiros e Defesa da Vida e que tem como lema Cultivar e Guardar a Criação (Gn 2,15), a edição de número 500 da revista IHU On-Line debate o tema em questão.



O ECOMenismo de Laudato Si'

Edição 469 – Ano XV – 3/8/2015

A Carta Encíclica do Papa Francisco Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum coloca em causa o lugar do ser humano na contemporaneidade. O texto se inscreve no contexto da realização da 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – COP 21.



Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil

Edição 275 - Ano VIII – 29/9/2008

No dia 29 de setembro de 2008 completaram-se os 100 anos da morte de Machado de Assis, momento em que também se realizou o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU. A data também serviu de comemoração ao nascimento de Guimarães Rosa.



UNISINOS

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br



twitter.com/_ihu



bit.ly/faceihu



bit.ly/instaihu



bit.ly/youtubeihu